



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E CONEXÕES ATLÂNTICAS:
CULTURAS E PODERES
MESTRADO EM HISTÓRIA

KARLA LARISSA DA SILVA DE JESUS

“TU QUE CHEGASTES PELAS ÁGUAS DO MAR”: religiosidade e práticas votivas no
festejo de São José de Ribamar - MA

São Luís - MA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA E CONEXÕES
ATLÂNTICAS: CULTURAS E PODERES
MESTRADO EM HISTÓRIA

KARLA LARISSA DA SILVA DE JESUS

“TU QUE CHEGASTES PELAS ÁGUAS DO MAR”: religiosidade e práticas votivas no
festejo de São José de Ribamar - MA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História e Conexões Atlânticas: Cultura e Poderes
(PPGHIS) da Universidade Federal do Maranhão, como
requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer.
Coorientador: Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos.

São Luís - MA

2024

KARLA LARISSA DA SILVA DE JESUS

“TU QUE CHEGASTES PELAS ÁGUAS DO MAR”: religiosidade e práticas votivas no
festejo de São José de Ribamar - MA

APROVADA EM: 6 / 6 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer (Orientadora)
PPGHis/UFMA

Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos (Coorientador)
PPGHis/UFMA

Edilece Souza Couto
UFBA

Marcus Vinícius de Abreu Baccega
PPGHis/UFMA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Jesus, Karla Larissa da Silva de.

“Tu que chegastes pelas águas do mar”: religiosidade e práticas votivas
no festejo de São José de Ribamar – MA / Karla Larissa da Silva de
Jesus. - 2024.

143 f.

Orientador(a): Adriana Maria de Souza Zierer.

Coorientador(a): Lyndon de Araújo Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História/cch,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Catolicismo. 2. Festa. 3. Maranhão. 4. Religiosidade. 5. São José de
Ribamar. I. Zierer, Adriana Maria Souza. II. Santos, Lyndon de Araújo.
III. Título.

Aos meus pais, Antonio Carlos e Maria, e à minha irmã, Karliane, que sempre estiveram ao meu lado em todas as etapas da minha vida. Muito amor e gratidão por tudo.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por sua infinita bondade. Agradeço por ter me dado forças e meios para concluir esta pesquisa, que em alguns momentos, julguei ser incapaz de terminar. Mesmo diante do adoecimento psicológico, persisti em escrever estas páginas, compreendendo que continuar não era apenas uma escolha, e sim, uma necessidade.

Agradeço aos meus pais, irmã e tio, que estiveram ao meu lado e não me deixaram desistir, mesmo quando cheguei a acreditar que não conseguiria dar continuidade ao sonho de concluir o mestrado. Em tempos de grandes crises, é o amor que nos ajuda a manter o equilíbrio. Sem a constante presença e ajuda deles em todos os momentos da minha vida, eu não teria forças para chegar até aqui. Amo-os profundamente.

Agradeço à professora Adriana Zierer pela orientação e paciência ao longo do processo de construção deste trabalho. Agradeço de maneira especial ao professor Lyndon de Araújo por ter gentilmente aceitado meu pedido de coorientação. Suas palavras de confiança e incentivo foram fundamentais para que eu enfrentasse os desafios e concluísse esta etapa. Sem dúvidas, sua orientação e exemplo exercem uma influência significativa na minha formação profissional.

Agradeço a todos os professores do PPGHis, que contribuíram com seus trabalhos e exemplos de formadores. Sou grata à professora Edilece Couto pelas contribuições no momento de qualificação, as quais foram fundamentais para o resultado final aqui apresentado.

Agradeço também à professora Maria da Glória Corrêa Guimarães, que me orientou durante a graduação e incentivou a levar o estudo sobre a Festa de São José de Ribamar para o mestrado. Nossas conversas formais e informais, seus ensinamentos, sua postura e orientações foram e continuam sendo uma grande fonte de inspiração para mim, tanto como pessoa quanto como pesquisadora.

Ao Jardel Rufino, sou grata pelo cuidado, carinho, companheirismo, paciência e compreensão. Agradeço por ter sido minha segurança e calma nos momentos de lamento, choro e ansiedade durante a escrita desta dissertação. Não poderia deixar de mencionar meus amigos, que muitas vezes me trouxeram para a realidade em meio ao turbilhão de informações e tarefas vividas numa pós-graduação. Sei que estiveram ao meu lado, mesmo durante minha ausência. Agradeço pelas palavras de apoio e incentivo, especialmente a Hévila Soares, Hevila Sousa, Driely Coelho, Glória Soares e Láine Santiago.

Agradeço ao Mário Augusto, um amigo querido por quem tenho muita admiração, gratidão e afeto. Sua ajuda foi fundamental desde a elaboração do projeto de mestrado até a conclusão final desta dissertação. Sou grata pelas valiosas trocas, pelas experiências

compartilhadas e pelas sugestões e observações que, em diferentes momentos, contribuíram para o aprimoramento da pesquisa. Obrigada por não duvidar em momento algum de que eu conseguiria chegar até aqui.

Aos meus amigos da turma de mestrado, agradeço pela presença e companheirismo. O processo de elaboração de uma dissertação é permeado de solidão, mas vocês tornaram essa caminhada mais leve e significativa. Agradeço pelo incentivo, pelos sorrisos e lágrimas compartilhadas, e por toda ajuda e força durante esse processo. Essa jornada não teria sido a mesma sem vocês, especialmente a Ana Beatriz, Tatiana Olegário, Darlene Rodrigues, Janaína Carla, Allisoney Diniz, Jonatan Firmino, Samara Regina, Welleson Barros.

À querida Beatriz Ohana Medeiro, expresso o meu carinho e agradecimento especial. Desde o início do mestrado, compartilhamos experiências, sorrisos, angústias e expectativas sobre o dia em que concluiríamos esse ciclo. Sua presença foi fundamental, e não existem palavras que possam expressar toda minha gratidão. Sou imensamente grata por todo incentivo, apoio e conforto, seja nas chamadas de vídeo para estudar, seja nos momentos de crise em que me acolheu com tanto afeto. Admiro não apenas a mulher forte, inteligente e determinada, mas também a grande historiadora, pesquisadora e professora exemplar que sempre demonstrou ser. Mais uma vez, obrigada por tudo!

Devo agradecimentos à CAPES, pelo período de concessão da bolsa de estudo, fundamental para a realização deste trabalho.

Expresso a minha profunda gratidão aos fiéis, devotos, padres, romeiros e peregrinos de São José de Ribamar, cuja participação foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa.

A todos que me ajudaram de forma direta ou indireta, contribuindo para os resultados deste trabalho e aos quais não fiz menção, expresso minha gratidão. Diante da alegria deste momento e da certeza de que nada se constrói sozinho, registro aqui meu eterno agradecimento.

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo a Festa de São José de Ribamar, realizada há aproximadamente duzentos anos no município de São José de Ribamar, no estado do Maranhão. A devoção ao padroeiro e as manifestações devocionais associadas ao seu culto extrapolaram as fronteiras municipais e estaduais através de uma tradição secular, que se confunde com o surgimento da própria cidade. Ao longo de seu processo de estruturação, essa festa passou por mudanças significativas, transformando-se no centro do calendário ribamarense e sua mais proeminente manifestação cultural e religiosa. Tendo em vista a importância dessa celebração para a história e a cultura da cidade de São José de Ribamar, a pesquisa teve como objetivo analisar como a celebração em questão foi sendo construída ao longo do tempo. Dentre os aspectos analisados, destacam-se a sua experiência mnemônica, sua representatividade perante o coletivo e os fatores que possibilitaram preservar a sua perenidade, apesar das transformações. Em vista das questões por ela despertadas, as perspectivas para a sua análise foram abertas por um caminho intermediário entre dois campos da história: Cultural e Social. O referencial teórico de Roger Chartier, apoiado no conceito de *representação*, contribuiu para a jornada interpretativa. De acordo com o autor, as representações são atravessadas por lutas de poder e dominação, que perpassam por interesses sociais, imposições e resistências. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, usando métodos como pesquisa bibliográfica, documental e História Oral, incluindo entrevistas com moradores, peregrinos e romeiros, analisando suas experiências com a devoção.

Palavras-chave: Festa; Religiosidade; Catolicismo; Maranhão; São José de Ribamar.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the Festival of São José de Ribamar, a cultural and religious manifestation held around for 200 years in São José de Ribamar, Maranhão. The festival was devoted to the patron saint and had devotional manifestations that extended beyond municipal and state boundaries because of its secular tradition, which is intertwined with the city's emergence. The festival underwent significant changes during its structuring process and became the central event of the city's calendar and the most significant cultural and religious manifestation. Considering the importance of these celebrations for the history and culture of the city of São José de Ribamar, the research aimed to analyze how the celebration was constructed over time. Among the analyzed aspects, its mnemonic experience, representativeness before the collective, and factors that made its perpetuity possible despite transformations stand out. Given the questions raised by it, the perspectives for its analysis were opened by an intermediate path between two fields of History: Cultural and Social. Roger Chartier's theoretical framework, which is backed by the concept of representation, contributed to an interpretative journey. According to the author, representations are infused with struggles for power and domination, which reflect social interests, impositions, and resistance. The research employs qualitative approach, using methods such as bibliographical, documentary and Oral History research, including interviews with residents, pilgrims and pilgrims to analyze their experiences with devotion.

Keywords: Festival; Religiosity; Catholicism; Maranhão; São José de Ribamar.

RESUMEN

El tema de esta disertación es la Fiesta de São José de Ribamar, que se celebra desde hace aproximadamente doscientos años en el municipio de São José de Ribamar, en el estado de Maranhão. La devoción al santo patrón y las manifestaciones devocionales asociadas a su culto han trascendido las fronteras municipales y estatales a través de una tradición secular que se entrelaza con el surgimiento de la propia ciudad. A lo largo de su proceso de estructuración, esta fiesta ha experimentado importantes cambios, convirtiéndose en el centro del calendario ribamarense y en su manifestación cultural y religiosa más destacada. Dada la importancia de esta fiesta para la historia y la cultura de la ciudad de São José de Ribamar, el objetivo de la investigación fue analizar cómo se ha ido construyendo la fiesta en cuestión a lo largo del tiempo. Entre los aspectos analizados, destacamos su vivencia mnemónica, su representatividad a los ojos de la colectividad y los factores que han permitido preservar su perennidad, a pesar de las transformaciones. Habida cuenta de los interrogantes que plantea, las perspectivas de análisis se abren por una vía intermedia entre dos campos de la Historia: el Cultural y el Social. El marco teórico de Roger Chartier, basado en el concepto de representación, contribuyó al recorrido interpretativo. Según el autor, las representaciones están atravesadas por luchas de poder y dominación, que permean los intereses sociales, las imposiciones y las resistencias. La investigación sigue un enfoque cualitativo, utilizando métodos como la investigación bibliográfica y documental y la historia oral, incluyendo entrevistas con residentes, peregrinos y romeros, analizando sus experiencias con la devoción.

Palabras clave: Fiesta; Religiosidad; Catolicismo; Maranhão; São José de Ribamar.

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BND/HD	Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMESC	Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
PASCOM	Pastoral da Comunicação – Santuário de São José de Ribamar/MA
SECMA	Secretaria de Estado da Cultura do Maranhão

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Embarcações participantes da I Procissão Marítima de São José de Ribamar ...	115
Quadro 2 - Romarias oficiais da Festa de São José de Ribamar	126

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do Município de São José de Ribamar	31
Figura 2 – Carta de localização – Centro de São José de Ribamar.	31
Figura 3 – Antiga bandeira e brasão do município de São José de Ribamar	32
Figura 4 - Atual bandeira e brasão do município de São José de Ribamar	33
Figura 5 - Vista panorâmica da ermida de São José de Ribamar, em 1908.	38
Figura 6 – Fachada da igreja de São José de Ribamar, em 1938	38
Figura 7 - Altar-Mor da Igreja de São José de Ribamar.....	46
Figura 8 - A Sagrada Família – Santuário de São José de Ribamar.....	47
Figura 9 – Romaria da Alvorada	67
Figura 10 - Ritual de descida da imagem original de São José de Ribamar	68
Figura 11 – Missa Campal - Encerramento da Festa de São José de Ribamar	69
Figura 12 - Programação da Festa Tradicional de São José de Ribamar – 11 a 21 de setembro de 1964	84
Figura 13 - Folheto - Festividade em honra ao São José de Ribamar - 04 a 13 de setembro de 1981	86
Figura 14 - Programa da Festividade de S. José de Ribamar, 1916	88
Figura 15 - Folheto - Festa Tradicional de S. José de Ribamar - 1986	89
Figura 16 – Jornal <i>O Estado do Maranhão</i> , 1994	96
Figura 17 - Procissão de São José de Ribamar	96
Figura 18 - Panorama de São José de Ribamar, década de 1970	98
Figura 19 - Imagem da Sagrada Família, no Largo da Igreja - 1995	100
Figura 20 – Inauguração do Complexo Santuário de São José de Ribamar.....	104
Figura 21 - Complexo Santuário São José de Ribamar.....	106
Figura 22 - Romaria dos Motoqueiros, ano 2000.....	109
Figura 23 - I Procissão Marítima de São José de Ribamar, 2000.....	113
Figura 24 - Barco Andor - I Procissão Marítima de São José de Ribamar	116
Figura 25 - Lavagem da igreja, 2000.....	118
Figura 26 - Caminhada da Fé	119
Figura 27 - Devota pagando promessa na Grande Romaria Caminho de São José	122
Figura 28 - Chegada dos romeiros – Grande Romaria.....	123
Figura 29 – Cartazes da festa de São José de Ribamar, 2017 e 2018.....	125

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 A CIDADE, O SANTO E O MAR	29
1.1 A construção do espaço e formação religiosa em São José de Ribamar	30
1.2 “Oh! Meu glorioso São José!”	39
1.2.1 “Tu, que trouxeste tantas bênçãos ao nosso lugar”	48
1.3 O mar	54
2 A FESTA DO “EXCELSO PATRIARCA DA CIDADE”	59
2.1 Festas Religiosas.....	60
2.2 “No mês de setembro, o Maranhão está em festa”	65
2.3 A chegada da Congregação da Missão e os impactos na festa.....	74
2.3.1 A organização da festa.....	80
3 SOBRE OS ESPAÇOS E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA FESTA.....	92
3.1 Do sagrado à política: a construção do complexo Santuário de São José de Ribamar.....	93
3.2 “Santuário de Ribamar, romeiro de longe que vem visitar”: os novos eventos e lugares	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS.....	132
APÊNDICES	139

INTRODUÇÃO

Essas estradas tortuosas,
Por entre folhas cheirosas,
Que o povo percorre a pé,
Enchem-se dias inteiros,
De uma porção de romeiros,
Para os milagres da fé.

Vêm de longe, sem fadiga.
Improvizando a cantiga
Pelo ritmo do andar.
Quando se paga promessa,
A gente sempre tem pressa
Do prometido pagar.
[...]
Eil-os chegados à ermida
E em frente à imagem querida
Ajoelha a romaria.
De mãos dispostas em cruz
Rezam também a Jesus
E à doce Virgem Maria.

Família Sagrada – o exemplo da cristandade do templo,
Que se ergueu perto do mar,
Para as matinas solares,
Os ângelus estelares
E as hosanas do luar
[...]
Romeiro que vaes cantando,
Canta baixinho, bem brando,
Não faça tanto escarcéu,
Pois tua voz vibra tanto
Que pode acordar o santo
Mais milagroso do céu.

Fonte: Jornal *O Imparcial*, 28 de setembro de 1947, p. 09, nº 9204.
Autor: Ribamar Pereira¹

Os versos acima, publicados no jornal *O Imparcial* em 1947, sintetizam e apresentam alguns dos elementos que nortearam a presente pesquisa, além de inspirar diversos desdobramentos, proporcionando uma compreensão de aspectos importantes sobre a história de São José de Ribamar, município do estado do Maranhão, região nordeste do Brasil, distante aproximadamente 32 km da capital São Luís.

O mês de setembro, para o município de São José de Ribamar (MA), demarca um momento distinto da experiência comunitária: trata-se do que podemos chamar de “tempo da festa”, enquanto pausa na ordem do cotidiano. Esse “tempo de festa”, que é também religioso, consiste no festejo do padroeiro da cidade, São José de Ribamar, que ocorre todos os anos com

¹ Não foi possível encontrar maiores informações sobre o autor dos versos.

uma aglomeração de fiéis. Tendo em vista a importância dessa celebração para a história e a cultura da cidade de São José de Ribamar (MA), ela é o objeto central dessa pesquisa.

Embora seja uma festa tradicional e realizada anualmente, trata-se de uma celebração pouco investigada no meio acadêmico e científico. Considerando-a uma importante celebração do universo religioso maranhense ligado ao catolicismo, o presente texto dissertativo tem como proposta analisar a constituição da festa de São José de Ribamar, buscando compreender a sua importância histórica, a sua experiência mnemônica e sua representatividade perante o coletivo; entender os fatores que possibilitam a essa festa preservar a sua perenidade, apesar das transformações ao longo do tempo.

Apesar da ausência de uma data exata para o início da festividade, muitos consideram que as celebrações que mais tarde se transformariam na “tradicional festa de São José de Ribamar”, vêm sendo realizadas desde as primeiras décadas do século XIX e que, ao longo do tempo, sofreram uma série de mudanças². Talvez uma das mais significativas seja o período de duração da festa, que era comemorada durante dez dias, em setembro, de acordo com a quadra de lua cheia, ou seja, uma data móvel³. Atualmente, a festa tem início no primeiro dia do mês de setembro e se encerra no último domingo do mês, período no qual há uma vasta programação, com missas, procissões e romarias, por exemplo.

A festa tem como abertura a Romaria da Alvorada⁴ e, como término, a Procissão de São José, realizada sempre em um domingo. Durante esse período, é desenvolvida uma programação voltada para a inclusão dos fiéis e romeiros na festa, além de atividades que somem recursos para a organização e desenvolvimento da paróquia. Durante o último dia do festejo, no qual ocorre a procissão, o santuário recebe o maior número de romeiros, que vão à cidade para o pagamento de suas promessas e a realização de novos pedidos ao santo, São José. A fé na intercessão do santo de devoção ou mesmo no seu poder de realizar milagres é uma das maiores características do catolicismo popular, devocional.

De acordo com o padre Gutemberg Feitosa, que desempenhou as funções de Pároco Solidário e Vice-reitor da Paróquia-Santuário São José de Ribamar, os romeiros e romeiras são

² Durante a pesquisa, não foi possível encontrar documentos relatando a festa nos seus primeiros anos.

³ Informação reproduzida não só pela tradição oral, mas um registro presente em todos os referenciais bibliográficos sobre a festa de São José de Ribamar. Conferir a notícia *Setembro é o mês de festejar São José de Ribamar, o Padroeiro do Maranhão* em: <<https://www.santuarioderibamar.org/single-post/2017/08/31/setembro-%C3%A9-o-m%C3%AAs-de-festejar-s%C3%A3o-jos%C3%A9-de-ribamar-o-padroeiro-do-maranh%C3%A3o>>. Acesso em: 19 jan. 2022.

⁴ Caminhada realizada da Paróquia Sagrado Coração, no bairro do Moropóia, com destino ao Santuário de São José de Ribamar.

sujeitos importantes nessa devoção, “são eles que tornam a festa tão grandiosa”⁵. É preciso salientar que uma boa parte desses homens e mulheres que se deslocam para a localidade são, na maioria das vezes, pessoas que passam por muitas dificuldades, que encontram no santo, como no caso de São José, o seu único recurso. Muitas vezes, essas pessoas se apegam à religiosidade, buscando em alguém ou em um propósito maior, o alívio em diversos momentos, como em situações de aflição, por exemplo.

Dentre as romarias realizadas durante o período da festa, destaca-se a *Grande Romaria Caminho de São José de Ribamar*, que parte da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizada no bairro COHAB Anil II, em São Luís, em direção ao Santuário. Durante essa romaria, centenas de pessoas acompanham a pé, de madrugada, o traslado da imagem de São José, até a sua matriz, em Ribamar, onde se inicia a missa às cinco horas da manhã. Este é um dos momentos em que, diante do santo, os devotos renovam sua proteção, rezam, ou simplesmente agradecem as graças alcançadas. É exatamente nesse espaço social que o sentimento de devoção e fé para com o santo materializa-se por meio da noção do sacrifício de percorrer longas distâncias até o Santuário.

O interesse de iniciar a pesquisa acerca da festa em honra a São José de Ribamar surgiu no ano de 2017, quando esperava, próxima à igreja da matriz, a chegada de parentes que participavam dessa *Grande Romaria*. Considerando que, naquele momento, eu era apenas observadora, não participante como tantos ali presentes, pude perceber diversos aspectos referentes à devoção a esse santo. Assim como em 2017, por diversas vezes, em anos anteriores, presenciei a fé dos romeiros que levavam seus ex-votos ao altar, rezavam em voz alta agradecendo as graças, pediam saúde para retornar no ano seguinte, dentre outras práticas. Foi, nesse sentido, que passei a refletir acerca do significado dessa festa para a cidade.

As vivências presenciadas na infância e adolescência, mais tarde contribuíram ricamente para as escolhas posteriores, sobretudo, na vida profissional. Ao deslocar o meu olhar da perspectiva familiar, religiosa, devocional para com o santo, e, por conseguinte, com a própria festa, que pude enxergá-la como um fenômeno multifacetado, vivido e expressado por diferentes sujeitos e grupos sociais. Como aponta Reinhart Koselleck (2006), quando o historiador mergulha no passado, ele ultrapassa suas próprias vivências e recordações, sendo conduzido por perguntas, desejos, esperanças e inquietações. Essas perguntas e inquietações foram decisivas para a escolha da festa como objeto de pesquisa monográfica no Curso de

⁵ Entrevista realizada com Pe. Gutemberg Sousa Feitosa, concedida em 20 de julho de 2018.

Graduação em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Durante os anos da graduação, tive a oportunidade de conhecer e trabalhar com distintos professores que destacaram o universo da História e suas conexões. As leituras sobre festa, religião e religiosidade fizeram com que me questionasse: por que não escrever sobre a festa de São José? Resolvi, então, iniciar uma pesquisa histórica, voltada sobretudo para a prática religiosa presente na cidade onde cresci e vivo atualmente: São José de Ribamar. Iniciada a pesquisa, em meio aos trabalhos de busca, observação e coleta dos relatos orais, percebi certa carência de trabalhos acadêmicos referentes à festa. O foco nesta comemoração não ganhou espaço na escrita historiográfica maranhense, embora a crença e devoção a São José seja demonstrada com grandiosidade na cidade e mesmo no estado.

A partir do trabalho monográfico, surgiram ideias que foram nutridas pela orientadora da graduação, que estimulou a pesquisa inicial e, posteriormente, a entrada na pós-graduação. Devido às limitações de um trabalho de conclusão de curso, a pesquisa monográfica deixou lacunas que, com o amadurecimento acadêmico, busquei diminuir na presente dissertação. Foi, contudo, irônico e ambíguo pensar que a festividade da qual participei desde criança e a cuja história nunca me atentei, tampouco ao processo de mudança que ocorreu em sua forma de celebrar ao longo dos anos, hoje me coloco em posição de estudá-la, com a pretensão de analisá-la, não só atualmente, mas também em anos anteriores. É no contexto histórico do presente que percebemos a necessidade de olhar o passado com renovação, destacando pontos, contrapontos e o não-dito da construção historiográfica.

Compreender a festa como algo dinâmico e de sentido multifacetado, político, cultural e econômico torna-a um objeto de investigação da história. A partir dela é possível lançar não apenas um olhar macro, mas também outros olhares, outras leituras e interpretações quanto à natureza, significados e personagens envolvidos, considerando sempre o contexto no qual está inserida.

Os teóricos da Escola dos Annales, criada em 1929, revolucionaram a abordagem histórica com a valorização de novas fontes e atividades humanas em espaços mais amplos e distintos, que anteriormente eram desconsideradas. Seus primeiros fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, seguidos de Fernand Braudel e Jacques Le Goff, dentre outros, construíram em três gerações distintas, uma nova forma de ver e fazer História. Assim, as novas metodologias propostas contribuíram para reestruturar a condução da pesquisa histórica (BURKE, 2010).

A temática da festa esteve, por muito tempo, despercebida do olhar dos historiadores. O seu estudo, enquanto um campo específico de interesse, é relativamente novo na perspectiva

histórica, como evidencia a produção sobre a temática na historiografia. Com o advento da Nova História Cultural, as festas passaram a ser vistas como um atraente caminho para se conhecer uma coletividade, suas identidades, valores e tensões, por meio das atitudes, dos comportamentos, gestos e do imaginário presente em suas celebrações. Como salienta o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2011, p.135), “por muito tempo os historiadores ignoram as manifestações festivas”, eram os temas oficiais, ou seja, significativos para a história da Nação, que prevaleciam no campo de pesquisa.

A historiadora Mary Del Priore foi uma das pioneiras no Brasil a publicar um trabalho específico sobre a temática das festas, no início dos anos 90. Em seu livro *Festas e utopias no Brasil colonial*, a autora analisou várias “festas-concessões”, permitidas e incentivadas pelo Rei ou pela Igreja, na Bahia e em Minas Gerais, que viam nas festas a possibilidade de reforçar seus poderes e de disciplinar a população (COUTO, 2008). Através das festas, a Igreja e o Estado estabeleciam suas relações de poder.

De acordo com o autor Durval Muniz (2011), os festejos marcados pela presença do religioso foram substituídos pelo calendário das festas nacionais e cívicas, a partir do processo de laicização do Estado no pós-Revolução Francesa. Esses eventos cívicos e nacionais serviam para as autoridades governamentais mostrarem um modelo de cultura dominante com imagens e símbolos; tal postura regularia o comportamento social, que por sua vez aproximava o líder da sociedade em geral.

Nas últimas décadas, as festas vêm despertando a atenção de estudiosos de diversas áreas, como a Sociologia, a Antropologia e a História, e desta forma vêm se consolidando como objeto de investigação, que possibilita abordagens e análises amplas de aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e religiosos, que compõem o cerne de diferentes setores da sociedade.

As festividades religiosas, por exemplo, têm ganhado espaço na reflexão historiográfica, uma vez que permitem uma compreensão mais ampla da relação do indivíduo com a religiosidade, com o transcendente, em um determinado espaço local e temporal. Com foco no estudo da história cultural, Martha Abreu (1999, p.38), ressalta que as festas religiosas se apresentam como meio de conhecer a coletividade, os significados, valores, tensões, atitudes, conflitos, crenças, identidades, representações e imaginários que foram e são “recriados e apropriados”. O desafio para o historiador seria pensar a dinamicidade, a criatividade, os sentidos e mudanças inerentes à historicidade da festa:

Desta forma, o historiador no meu modo de ver encontra dois grandes desafios: pensar os significados e mudanças das festas em sua própria historicidade, mas, sobretudo, compreender a dinâmica relação das festas com a experiência dos homens e mulheres

que as tornaram, em qualquer época e local, autênticas e concorridas (ABREU, 1999, 38).

Ao se tornarem objetos de pesquisa dos historiadores, desnudou-se a questão acerca da dinâmica e do movimento das festas, colocando-se no centro a sua própria historicidade, avaliada através de diferentes variáveis, como seus significados e sentidos. Conforme destacou Michel Vovelle (2004, p. 251), “assim como não há uma História imóvel, também não há uma festa imóvel”. Por consequência, as festas apontam para o contexto social de quem as comemora e as produz.

Essas observações são pertinentes para a análise das devoções e rituais presentes na festa de São José de Ribamar. As festividades possuem “formas obstinadas”, isto é, possuem estruturas formais, mas também a flutuação dos elementos que podem desaparecer, serem incorporados ou até mesmo redefinidos (VOVELLE, 2004). Nesse sentido, ao analisar as “formas obstinadas”, o pesquisador precisa estar atento às rupturas, descontinuidades e mutações presentes nas manifestações religiosas (COUTO, 2008, p.3).

Cada pesquisador, dependendo da sua área de atuação, lança um olhar sobre aspectos específicos de uma festa. Como manifestação coletiva, por exemplo, é marcada por uma multiplicidade de significados no meio social em que está inserida. Além de quebrar a rotina, refletem também o cotidiano, pois como práticas culturais estão em constante reformulação.

À medida que conhecia melhor as ferramentas analíticas do campo histórico, tanto na graduação, como posteriormente no mestrado, encontrei mecanismos que me possibilitaram pensar de forma diferenciada e talvez mais complexa essa festa que continuava e continua a me intrigar. Nesse sentido, quanto à temática, parece ter ela sido definida por essas motivações. Um estudo construído sobre os alicerces das vivências e conhecimentos fabricados ao longo da minha vida acadêmica, buscando analisar a constituição da festa de São José de Ribamar, compreendendo a sua importância histórica, a sua experiência mnemônica e sua representatividade perante o coletivo. Em vista das questões por ela despertadas, as perspectivas para seu estudo e análise foram abertas por um caminho *intermediário* entre duas vertentes do conhecimento histórico: Cultural e Social.

Nesta perspectiva, os primeiros passos do percurso investigativo começaram a ser desenvolvidos a partir de algumas questões: 1– do entendimento sobre a formação e ocupação da hoje cidade de São José de Ribamar; 2 – do contexto histórico no qual São José vai adquirindo importância; 3 – do cenário que favorece a realização da festa; 4 – da estrutura organizacional da festa e como os sujeitos se apropriam e reelaboram seu (s) sentido (s).

Essas foram as primeiras indagações que me instigaram a desenvolver esta pesquisa. Para respondê-las, optei por delimitar o estudo no recorte temporal que corresponde à década de 40, do século XX, até os dias atuais. Essa escolha foi motivada por duas razões principais: a demarcação inicial deve-se à chegada e à atuação dos padres da Congregação da Missão Província Holandesa na paróquia de São José de Ribamar. Investigar o que motivou a vinda dessa Congregação, assim como as conjunturas internas e externas, nacionais e internacionais, que favoreceram a chegada dos padres à cidade, e analisar as mudanças ocorridas a partir desse período, foram algumas das questões que conduziram a pesquisa.

A segunda razão diz respeito à transformação da festa em turismo religioso e as principais transformações que a comemoração sofreu até a atualidade. Assim, estabeleci como delimitador final o Festejo de São José de Ribamar realizado no ano 2022. Posto isto, apesar da pesquisa estar inserida entre os estudos da História do tempo presente, a narrativa retrocede e caminha por cronologias como o século XIX, uma vez que me esforcei em fazer uma contextualização sobre o surgimento da festividade.

O movimento de construção do objeto levou-me a perceber que o referencial teórico de Roger Chartier (1998), apoiado no conceito de *representação*, contribuiria para a jornada interpretativa sobre a festa. O autor propõe um conceito de cultura enquanto prática, e sugere para seu estudo as categorias de *apropriação* e *representação*. De acordo com Chartier (1998, p.13-28), a representação denota formas idealizadas de percepção do mundo, expondo os atores sociais naquilo que imaginam ou desejam ser. Destaca, ainda, que o social só faz sentido nas práticas culturais e os grupos só adquirem alguma identidade nas configurações que constroem, nos símbolos de uma realidade construída. É nesse sentido que irei desenvolver o presente estudo: aproximando-me do conjunto de significações elaboradas pelos sujeitos histórico-sociais ligados à festa.

Analisar as relações estabelecidas entre a cidade, a festa, os moradores e os devotos de São José, perpassa, também, uma abordagem acerca do conceito de *lugar*. O estudo desse conceito, na perspectiva humanística da Geografia, converte-se na tentativa de compreender os espaços vividos e idealizados, que se inserem não apenas na vida cotidiana das pessoas, mas também em seus desejos, pedidos e aspirações. O geógrafo humanista Yi-Fu Tuan (1983, p.151) salienta que “o espaço se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado”. Nesse sentido, à medida que as experiências vividas nos lugares são intensificadas, ativam-se os sentimentos de pertença e afetividade, da mesma forma que seus pares antagônicos.

Os moradores e os fiéis de localidades mais distantes que se deslocam para a cidade de Ribamar, principalmente durante o período da festa de São José, demarcam seu ir e vir a partir

do sentido atribuído a esse lugar, que é vivido, experimentado e vivenciado por essas pessoas, não só cotidianamente. Esse espaço se *converte* em lugar à medida que o conhecem melhor, que é inteiramente familiarizado, dotado de valor, independente da extensão territorial (TUAN, 1983, p.6). A afinidade com o lugar vai se formando, adquirindo definição e significado, ao longo da vida dos moradores e fiéis, através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo do tempo, o que não significa dizer que compartilham e/ou atribuem o mesmo significado a esse lugar.

O historiador é o profissional que utiliza em seu percurso métodos que resultam na escrita da história. Assim, para que haja um sentido histórico claro, é essencial o uso de técnicas de pesquisa sobre o acervo e suas fontes históricas. Nesse sentido, há dois elementos específicos no campo da História: o olhar sobre o tempo e o espaço social de estudo do historiador, que “trabalha sobre um material para transformar em história” (CERTEAU, 1982, p. 79).

Todo o processo de construção da pesquisa parte do contato do historiador com as documentações selecionadas, com as suas leituras e as questões que são elaboradas a partir de suas fontes. É a partir dos vestígios que foram conservados, sejam eles dispostos em arquivos, departamentos ou nas trilhas da memória, que os historiadores formulam as hipóteses. Diante disso, um passo inicial para o desenvolvimento da pesquisa foi realizar um levantamento preliminar do tema. Busquei por teses e dissertações nos variados campos disciplinares, disponibilizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD. Como já mencionado, a produção historiográfica sobre o festejo de São José de Ribamar é escassa, então também busquei por autores e autoras locais, memorialistas que ajudaram a construir as diversas versões da história do município e do santo.

Com uma busca de pouco sucesso na BDTD, foi encontrada a dissertação intitulada *Lá onde o santo perdeu as botas: iconografia e imaginária sacra em São José*, da pesquisadora Raquel de Lourdes de Miranda e Silva Carmona, na área de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, defendida em 2019, na qual analisou a estética da imaginária sacra de São José, entendendo-a como um complexo processo de *materialização* do sagrado. A autora seguiu observando o contexto histórico no qual a figura de São José vai adquirindo importância, tanto para o catolicismo popular, quanto sendo ressignificado no discurso católico.

Um outro trabalho coletado na BDTD, que despertou a curiosidade pela figura central e pela sua abordagem, foi a dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, intitulada *Pioneirismo revelado: o trabalho educativo das Filhas da Caridade em São José Ribamar*, da historiadora Rosiane Silveria

Rodrigues Veloso Amorim, defendida em 2017. O estudo faz uma análise sobre a atuação das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, companhia que se estabeleceu no Estado do Maranhão no século XX, no campo educacional ribamarense, inclusive nos denominados jardins de infância, quando o governo não assumia esta responsabilidade. As Filhas da Caridade iniciaram em Ribamar um trabalho caritativo com a comunidade nas áreas de educação e saúde a pedido do Pe. João Lemmen, membro da Companhia da Missão Holandesa, atuando conjuntamente no município e na paróquia.

No que concerne à relação do devoto com São José, um trabalho considerado importante para o entendimento das práticas devocionais tecidas pelos fiéis é a tese da defendida no Programa de Pós-Graduação em História da PUC/SP, da autora Ana Helena da Silva Delfino Duarte: *Ex-votos e Poiesis: representações simbólicas na fé e na arte*. A autora analisa as imagens votivas que se tornam representações de fé católica popular, materializadas em ex-votos depositados nas salas de promessas do Santuário de Nossa Senhora Aparecida – SP. Em sua abordagem, a autora traçou diálogos com a religiosidade, a arte e a cultura, observando a circularidade cultural, os modos de vida, e as mudanças sociais e religiosas que se encontram refletidas na imaginária não verbal dos ex-votos, acentuando em seu discurso que quase tudo, *a priori*, poderá vir a ser um ex-voto.

No que diz respeito especificamente à festa dedicada a São José, pode-se destacar a obra intitulada *Ribamar: romance folclórico*, da escritora maranhense Carmina Waquim (1953). Neste livro, a autora retrata os milagres atribuídos a São José e seus desdobramentos, destacando principalmente a festividade em honra ao santo. Segundo Waquim, as recordações sobre a festa “formam um depoimento histórico imenso sobre a Cidade Santa do Maranhão”, expressão que ela atribui à cidade de Ribamar em suas obras.

Outras duas obras que abordam a festa de São José de Ribamar são os livros *Escamas? Flores de escamas de peixe*, da escritora Marli de Jesus Conceição (2002), e *São José de Ribamar: a cidade, o santo e sua gente*, do pesquisador José Ribamar Sousa dos Reis (2011). No primeiro trabalho, a autora relata como surgiu a iniciativa de inserir a primeira Procissão Marítima em homenagem ao santo na programação oficial do festejo de São José de Ribamar. Ela apresenta o projeto de instituição da procissão, seus colaboradores e o desdobramento do evento religioso, que ocorreu, pela primeira vez, no ano 2000, que marcava o Grande Jubileu 2000.

Em seu livro, José Ribamar Sousa dos Reis (2011) apresenta a história do município de Ribamar e a devoção ao padroeiro do Maranhão. Partindo de *sua gente*, o autor adentra os mais variados segmentos, buscando registrar as características sociais, econômicas, culturais e

religiosas da região. A obra aborda a formação da cidade, a sua autonomia política, os registros de moradores mais antigos, bem como os mitos e histórias que, agregadas ao contexto histórico, contribuem para o enriquecimento da história local.

No que diz respeito a esta última obra, evidencia-se a preocupação do autor em apresentar as experiências dos moradores da cidade e dos devotos do padroeiro, que narram suas experiências de vida ligadas à fé deposita no santo. E, apesar de trilharem caminhos individuais, também são pertencentes a grupos. É pertinente ressaltar que os trabalhos que apresentam as festas como um campo rico de possibilidades de investigação têm evidenciado cada vez mais a importância de conhecer e investigar as experiências dos devotos, que, em suas falas, rememoram suas vivências dos acontecimentos, as superações e conquistas.

Uma justificativa para isso, talvez, esteja relacionada a um olhar mais próximo aos sujeitos, que têm fornecido compreensões cada vez mais complexas sobre a sociedade. Como salienta o historiador Durval Muniz de Albuquerque (2007, p. 230), “o oral não deve ser oposto dicotomicamente do escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos”.

No espaço festivo há uma troca de informações que podem evidenciar a diversidade entre os grupos que frequentavam e continuam frequentando a festa, que corroboram para entender o que a devoção representa não apenas para os devotos, mas para a história da cidade em questão. Assim, apesar do vasto acervo de fontes que possibilitam trabalhar a festa em diversos aspectos, as entrevistas realizadas com devotos, romeiros, moradores, padres, adquiriram importância para a análise dessa manifestação religiosa.

Foram as leituras de alguns textos do historiador Alessandro Portelli sobre História Oral, que me permitiram perceber a importância e originalidade dos depoimentos para pensar a festa de São José de Ribamar, uma vez que trazem consigo inúmeras vivências, permitindo interpretações que explorem as múltiplas facetas presentes nas narrativas daqueles que, em relação à pesquisa exposta, viveram a festa em outro tempo. Compreendendo que a fonte oral não é autossuficiente, busquei operacionalizá-la como ponto de partida para um processo de investigação pautado nas questões que a própria entrevista traz, e que resultou em buscas paralelas e no entrecruzamento com outras modalidades documentais (MONTENEGRO, 2012).

Entre o pesquisador e as pessoas que relatam suas memórias, existe, conforme Alessandro Portelli, um trabalho de relação:

Daqui resulta [a ideia] que a História Oral, para além de ser uma arte da escuta, é também uma arte da relação: a relação entre as pessoas entrevistadas e as pessoas que entrevistam (diálogo); a relação entre o presente de onde se fala e o passado do qual

se fala (memória); a relação entre público e privado, entre história e autobiografia; a relação entre oralidade (da fonte) e escrita (do historiador) (PORTELLI, 2013, p.82-83).

Nesse sentido, o debate que cerca a História Oral vai muito além da problematização de uma fonte: perpassa toda uma questão metodológica e teórica do próprio entendimento da História. No momento da entrevista, os significados são construídos por meio de palavras, de gestos e de interpretações, que evidenciam as experiências dos atores sociais. Não se trata apenas da lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social. Neste sentido, como destaca o historiador, a “relação entre as pessoas entrevistadas e as pessoas que entrevistam” é essencial para que um trabalho que use as narrativas orais seja possível.

O autor Raphael Samuel (1990, p.238) salienta que as entrevistas podem, por exemplo, “dar identidade e caráter às pessoas que, normalmente, permaneceriam como meros nomes numa lista de rua ou registro paroquial”, possibilitando evidenciar indivíduos ou grupos excluídos do processo histórico. Isso contribui para compreensão de quem são essas pessoas, o porquê de elas frequentarem e de que forma a festa de São José de Ribamar vem sendo narrada ao longo do tempo.

No início de 2018, foram realizadas entrevistas com o então Pároco Solidário e Vice-Reitor da Paróquia-Santuário São José de Ribamar, padre Gutemberg Feitosa, e com devotos e moradores locais que já tinham uma inserção na comunidade festiva, seja por aspectos religiosos ou não. No período do festejo, durante o percurso da *Grande Romaria Caminho de São José de Ribamar*, foram realizadas entrevistas com devotos de outras localidades que estavam em momento de pagamento das promessas e graças recebidas pela intercessão de São José. Sobre esses devotos, é importante ressaltar que houve o pedido de que suas identidades fossem preservadas, no entanto, concordaram em revelar seus primeiros nomes, suas relações com o santo, as histórias por trás das promessas e autorizaram o registro fotográfico dos ex-votos.

É importante salientar que a seleção dos entrevistados se deu pela necessidade de perceber olhares distintos sobre a festa e grande devoção a São José. Dessa forma, no mês de setembro de 2022, foram realizadas entrevistas com devotos que se deslocaram de suas cidades para participar do domingo de encerramento do festejo. Em junho e julho de 2023, foram realizadas entrevistas com três moradores da cidade. Os entrevistados foram escolhidos com base em sua longa residência na região, a fim de perceber as interpretações, lembranças e percepções sobre a importância da festa para a localidade. Durante a *Grande Romaria*, no mês de setembro, foram realizadas entrevistas com os romeiros que participavam da caminhada. No

que se refere aos procedimentos das entrevistas, utilizou-se um roteiro com perguntas previamente estabelecidas, mas que, ao decorrer da conversa, tomaram novos rumos. Como salienta Verena Alberti (2006), o roteiro não é um questionário, mas uma orientação aberta e flexível que auxilia o entrevistador no momento da entrevista.

Durante a romaria, a maioria das abordagens não foi fácil devido à ocasião, pois os entrevistados estavam quase sempre muito cansados, emocionados ou até mesmo machucados após a longa caminhada. No primeiro momento, era apresentado e explicado o objetivo da pesquisa, o que geralmente despertava entusiasmo nas pessoas para compartilharem suas histórias. As entrevistas eram rápidas, de 10 a 15 minutos, em vista do cansaço dos entrevistados.

Uma outra barreira enfrentada foi o medo que alguns entrevistados tinham de assinar o termo de livre consentimento (ver apêndices), tal qual a metodologia aconselha. Portanto, durante a realização das entrevistas, busquei obter esse consentimento, seja por escrito, seja solicitado oralmente e registrado em gravações, pois muitos tinham receio de que se tratasse de algum tipo de documento que, de alguma forma, pudesse trazer problemas futuros.

Um outro receio apresentado pela maioria dos moradores e romeiros foi a exposição de seus nomes no trabalho. Alguns optaram por ser identificados pelos seus nomes verdadeiros, enquanto outros pediram que fossem usados nomes fictícios ou que não fossem identificados, pois suas falas e histórias poderiam ser facilmente reconhecidas. Diante desse contexto, decidi preservar a identidade dos fiéis, devotos, romeiros e moradores que colaboraram cedendo informações a esta pesquisa. Nas designações referentes aos entrevistados no decorrer da pesquisa, foram utilizadas as suas iniciais, mantendo apenas os nomes dos padres e daqueles que possuem uma relação direta com a paróquia e cidade.

O trabalho de campo levou, inevitavelmente, à busca da compreensão do conceito de memória, uma vez que a história oral tem como suporte as lembranças, podendo evidenciar uma *memória coletiva*. Para Maurice Halbwachs (1992, p.30), “nossas lembranças permanecem coletivas e são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. Desse modo, para o autor, toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.

As leituras de Paul Ricouer (2007, p. 26) evidenciam a importância de compreender o processo de rememoração dos devotos, para compreensão do festejo, no que tange à “seletividade da memória” e à função “veritativa da memória”. De fato, não é possível reconstruir o passado exatamente como aconteceu, sendo assim, o historiador assume a postura

de construir interrogações e reflexões possíveis sobre os acontecimentos, a partir das entrevistas, que permitem perceber a multiplicidade de memórias. Nesse sentido, como forma de transmissão dos saberes, de exercício de rememoração, os depoimentos orais foram e são fundamentais para que a pesquisa pudesse ganhar estrutura.

Para o desenvolvimento da pesquisa, os jornais apresentaram-se como uma fonte promissora, devido à acessibilidade, periodicidade e informações. No século XX e início de século XXI, a festa de São José de Ribamar, de acordo com as fontes manuseadas, aparecia com muita frequência na imprensa periódica maranhense. Durante esse período, os jornais foram um dos principais meios divulgação da festa, das programações e espaços destinados a realizações de comemorações.

Como salientam Heloisa Cruz e Maria do Rosário Peixoto (2007), é importante entender a imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. Ainda de acordo com as autoras, o jornal e outros veículos impressos não nasceram prontos, mas são produtos da experimentação e da criação social e histórica (CRUZ; PEIXOTO, 2007).

No que concerne à compreensão sobre os organizadores e celebrações realizadas no período da festa, os folhetos com as programações da *Festa Tradicional de São José de Ribamar* apresentam-se como uma fonte importante. Tais impressos utilizados correspondem ao período entre os anos 1962 e o final da década de 1990, que tinham o objetivo de convidar a população para participar da festa, sendo subdivididos em “parte religiosa” e “parte social”, uma forma de distinguir e separar as celebrações sagradas desenvolvidas pela igreja, das programações externas, ligadas ao profano. No que diz respeito à “parte religiosa”, o folheto traz informações sobre as missas, novenas, batismos e procissão. À “parte social”, que, segundo o folheto, acontecia após as celebrações, ocorriam torneios, leilões, entre outras brincadeiras. Assim, por meio dessas fontes impressas, foi possível verificar as transformações e (re)significações dessa festividade.

Com o intuito de analisar os registros referentes à igreja e paróquia de São José de Ribamar, foi utilizado o Livro Tombo, que faz parte de um conjunto de fontes que são essenciais para os estudos sobre a Igreja no Maranhão, em especial, no que diz respeito à cidade de São José de Ribamar. A partir do livro, foi possível analisar a atuação do clero a respeito de diversos aspectos sociais, relacionados à igreja, à cidade e à população. Cabe ressaltar que, seguindo a perspectiva de quem escreve, ou seja, dos religiosos e padres responsáveis por esses registros,

foi possível perceber suas concepções de mundo e de vida, além de tomar conhecimento de suas reflexões e conclusões referentes a fatos que consideraram relevantes na história da localidade.

Foram efetuados levantamentos e análise de documentos em órgãos oficiais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no auxílio aos aspectos referentes à localização e caracterização da área em estudo. Foi utilizado também o Dicionário Histórico-Geográfico da província do Maranhão, de César Augusto Marques, destacando os pontos em comum e divergentes quanto às informações presentes no Livro Tombo da Paróquia de São José de Ribamar. É de extrema importância compreender como o espaço trabalhado se formou e foi ocupado, uma vez que esse entendimento permite esclarecer características múltiplas, inclusive de distribuição, contato e trocas culturais.

A partir da apresentação da festa, dos problemas teóricos e percursos metodológicos que envolvem esta pesquisa, é possível apresentar alguns problemas específicos que foram tratados ao longo de três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *A cidade, o santo e o mar*, apresenta a formação do município de São José de Ribamar, o início da devoção a São José e a construção de memórias envolvidas no processo, objetivando mostrar o cenário onde a festa é realizada.

O segundo capítulo, *A festa do “Excelso Patriarca da Cidade”*, apresenta a discussão acerca da festa de São José de Ribamar, a partir dos conceitos de *festa* e *religião*. Tratou sobre o processo de Reforma da Igreja Católica no campo religioso entre os séculos XIX e XX, trazendo o foco não só para as influências e mudanças ocorridas nas celebrações na cidade de São José de Ribamar, mas, sobretudo, para os interesses da Igreja nesse processo, a partir das experiências dos leigos e dos religiosos. Foi abordada a estrutura da festa no decorrer do século XX, sob a administração dos padres lazaristas, de forma a tentar construir um panorama amplo da diversidade de elementos que a compõem.

Por fim, o terceiro e último capítulo, intitulado *Sobre os espaços e as novas configurações da festa*, abordou a estrutura da festa no decorrer do século XXI, evidenciando as transformações e os caminhos que a levaram ao seu maior reconhecimento no âmbito estadual. Foram analisados o seu desenvolvimento em turismo religioso, os espaços e sua organização, buscando compreender os distintos significados e as apropriações do evento festivo para os sujeitos sociais.

1 A CIDADE, O SANTO E O MAR

*Lua cheia de setembro
Festejo de Ribamar,
Romeiros de toda parte
Na cidade a chegar.*

*Uns vem só conhecer,
Outros vem para rezar,
Outros para pagar promessa
A São José de Ribamar.*

(Poema Lua Cheia de Setembro - Raimunda Frazão)

A festa precisa ser pensada como um campo repleto de significações, onde se exprimem com intensidade as dimensões dos papéis sociais. Os sujeitos não ocupam os espaços da mesma forma; há, nessa rede relacional, um conflito de natureza simbólica, no sentido de que os diversos grupos tentam se afirmar por meio de seus afazeres culturais. Nos espaços, os lugares são ocupados de acordo com as classes e as condições sociais, os prestígios e o papéis sociais, as funções e a distribuição do trabalho, seja ele religioso ou não. A festa produz uma mobilização social que envolve vários atores, agentes ou sujeitos sociais. Mesmo aqueles e aquelas que não se envolvem diretamente na festa são afetados pela mobilização geral da cidade.

Faz-se necessário reiterar que analisar uma festa religiosa é um caminho para diferenciá-la das demais ou, até mesmo, de compará-la com outras manifestações com características similares. Diante disso, para compor o cenário da festa de São José de Ribamar, neste capítulo será feita uma contextualização acerca do município de São José de Ribamar, discorrendo sobre a sua história, no intento de compreender o surgimento e evolução da devoção e da celebração em honra ao santo padroeiro do Maranhão.

Tendo em vista a importância dessa festa, enquanto forma de reafirmar e ampliar a fé depositada ao santo, faz-se necessário analisar a figura de São José no contexto devocional. Para tanto, é pertinente o entendimento da importância dada pela Igreja Católica à devoção aos santos, uma vez que são vistos como símbolos de amor incondicional a Deus, exemplo para os fiéis que desejam seguir os mandamentos e testemunho de Cristo. Baseando-se naquilo que a Igreja de Roma declara ser um dos mais importantes atributos de São José, a fé incondicional

aos planos de Deus, será apresentada a devoção criada a partir do imaginário popular, sobretudo em terras ribamarenses⁶.

1.1 A construção do espaço e formação religiosa em São José de Ribamar

O espaço, como elemento construído, é resultado de múltiplas relações sociais e culturais (SEEMANN, 2001). Nesse sentido, entendê-lo quanto à sua formação e representação, é considerar a existência e o arranjo de elementos dispostos e em conexão com os indivíduos em suas vivências cotidianas. Dessa forma, para dar visibilidade a essa construção social do espaço, pode ser tomada como exemplo uma representação acerca daquele que é configurado, definido e nomeado como São José de Ribamar.

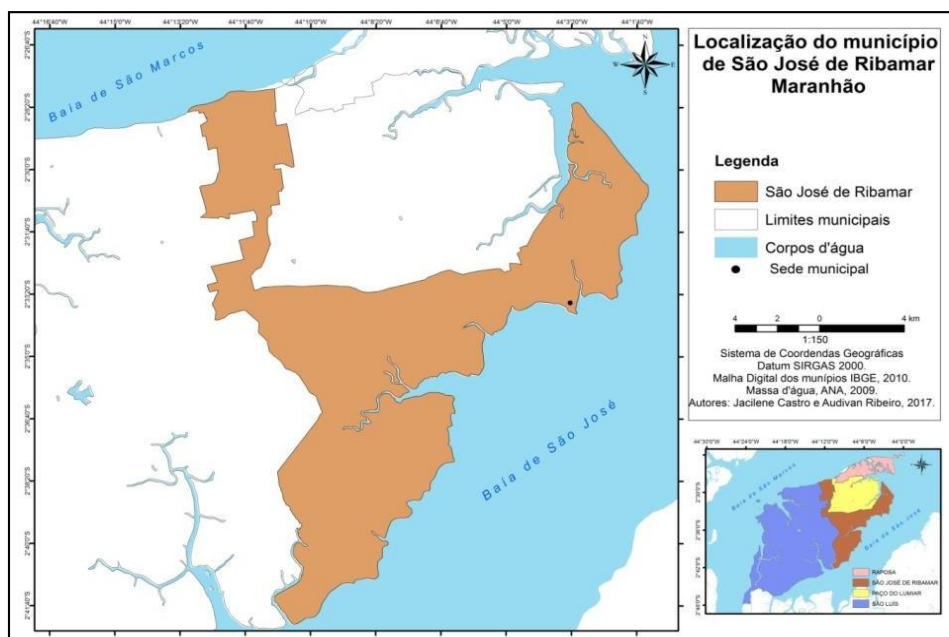
O município de São José de Ribamar/MA, pertencente à Microrregião denominada Aglomeração Urbana de São Luís, possui uma população de aproximadamente 244.579 habitantes, segundo a estimativa mais recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, relativo ao ano de 2022, o que o torna o terceiro município mais populoso do Maranhão (IBGE, 2023). Sua sede está ligada pelas rodovias estaduais MA 201, 202 e 203, que ligam respectivamente os municípios de São Luís, Paço do Lumiar e Raposa.

Possui litoral composto por um arco de praias, enseadas, manguezais, falésias, canais de maré, dentre outras feições geomorfológicas dentro da Baía de São José⁷, uma das baías que formam o Golfão Maranhense. O município limita-se ao norte com o Oceano Atlântico e com o município de Paço do Lumiar, ao leste e ao sul com a Baía de São José, e a oeste com o município de São Luís (FONSECA, 2013; LISBOA, 2016).

⁶ De acordo com Le Goff, “o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão de pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade” (LE GOFF, 1995, p.75).

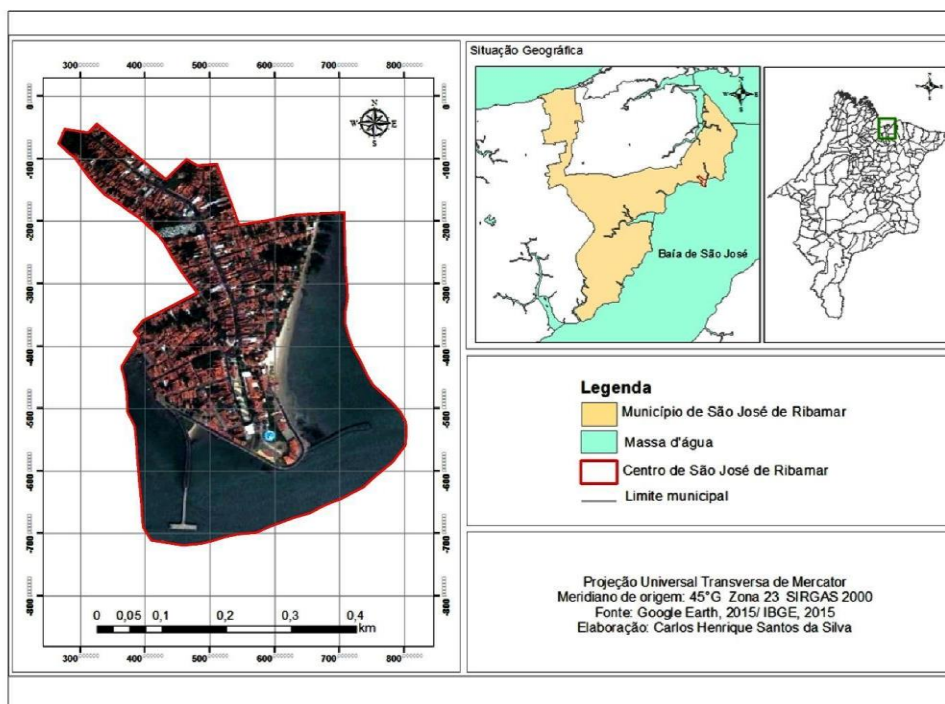
⁷ Na Baía de São José (antes Guaxenduba) ocorreu o episódio que ficou conhecido como a Batalha de Guaxenduba, considerado o principal conflito luso-francês no Maranhão, marcando a expulsão dos franceses pelos portugueses (AMORIM, 2017; SILVA, 2008).

Figura 1 - Localização do Município de São José de Ribamar



Fonte: CASTRO, Jacilene; RIBEIRO, Audivan, 2017.

Figura 2 – Carta de localização – Centro de São José de Ribamar.



Fonte: IMESC/IBGE, 2015.

Os mapas fornecidos destacam as divisões territoriais do município. Na figura 2, nota-se a situação geográfica do centro de São José de Ribamar, que provavelmente foi levada em conta para a nomeação da localidade. Vale destacar que, até chegar ao desenho territorial que

apresenta hoje, o município passou por diversas transformações, cabendo lembrar que foi instalado oficialmente em 1952, quando a sua autonomia política foi restaurada, após vários decretos, sendo elevado à categoria de município. Sendo assim, a estrutura atual do município é fruto de diversos processos que deram origem a diferentes desdobramentos.

Atualmente, no que concerne à economia, é predominantemente pautada em atividades do setor terciário, que abrange comércio e prestações de serviços; e no setor primário, referente às atividades agropecuárias e a pesca artesanal, prática econômica reconhecida na região, com produção destinada principalmente a mercados locais. Em Ribamar, a pesca artesanal é uma atividade de trabalho intrinsecamente corriqueira, sendo a única fonte de subsistência dos pescadores, que exercem uma labuta árdua, navegando com a esperança da sobrevivência familiar.

É preciso salientar que a identidade da população ribamarense com as atividades relacionadas ao mar é antiga e intensa, fato expresso nos símbolos que representam o município, capazes de transmitir inúmeras informações, que devem ser analisadas dentro do contexto social ao qual remetem. Como salienta Jean Chevalier (2015, p.15) na introdução do *Dicionário de símbolos*, no qual divide a autoria com Gheerbrant, os sentidos atribuídos aos símbolos podem ser diferentes, “conforme os homens e as sociedades, e conforme sua situação em um dado momento”. Nesse sentido, os símbolos transcendem o significado e carecem de interpretação e, conseqüentemente, o contexto gera a predisposição interpretativa.

Figura 3 – Antiga bandeira e brasão do município de São José de Ribamar



Fonte: Fonte: MIRANDA, Antônio José Ferreira, 2009.

Figura 4 - Atual bandeira e brasão do município de São José de Ribamar



Fonte: Prefeitura de São José de Ribamar, Lei Ordinária nº 1010 de 17 de setembro de 2013.

A partir de um comparativo com os antigos e atuais símbolos municipais, pode-se constatar que, apesar das mudanças, a construção através de figuras relacionadas ao mar se mantém. As cores escolhidas, o barco de madeira com velas, a composição de ondas, a pala composta pelo símbolo da Companhia de Jesus, representam uma síntese das características históricas da região e que serão tratadas ao longo deste capítulo⁸.

Por ser uma cidade litorânea e ter uma forte tradição religiosa e cultural, o turismo e, por extensão, o turismo religioso também se constituíram como expressivas fontes de renda para a economia municipal. Distante da capital, aproximadamente 32 km, Ribamar destaca-se pela religiosidade manifestada através de vários eventos religiosos, dentre os quais o festejo de São José de Ribamar, santo padroeiro do estado do Maranhão.

Ao refletir sobre a sua história, é notório que a religião tem uma enorme influência na região. Diante disso, no que tange à circulação de capital, o turismo religioso possibilitou a concepção de desenvolvimento local. A devoção a São José trouxe maior visibilidade para a cidade e, com o passar dos anos, passou a movimentar também a sua economia. O período da festa do padroeiro corresponde a um dos momentos de maior fluxo de visitantes e turistas, atraídos pelas riquezas naturais e culturais, mas, sobretudo, por essa festa de cunho religioso, histórico e cultural. Esse período promove um aquecimento dos setores de comércio, prestação de serviços e da própria população que se integra a tal dinâmica.

Em sua obra *São José de Ribamar: Cidade de Encantos*, a autora Marli de Jesus Conceição (1995, p.09) caracterizou Ribamar como “uma pequena cidade praiana, situada nos arredores da Ilha de São Luís”. Especialmente a partir da segunda metade século XX, devido

⁸ No que se refere ao atual layout do brasão, faz-se necessário mencionar que cada elemento possui suas características individuais e permite interpretações distintas. De acordo com a Lei nº 1010 sancionada em 17 de setembro de 2013, a coroa mural de oito torres de prata, sendo apenas cinco visíveis, configura que o município de São José de Ribamar é um município Cidade, classificação estabelecida após sucessivas leis e decretos.

aos seus atrativos naturais, Ribamar tornou-se destino de muitas famílias oriundas da capital, que se direcionavam à cidade à procura de descanso e lazer, principalmente durante as férias escolares do mês de julho. Pela sua proximidade com a capital maranhense, muitas dessas famílias, que possuíam maior poder aquisitivo, passaram a construir casas residências também na localidade. É certo que o clima ameno, a geografia e a facilidade de acesso contribuíram para esse desenvolvimento. Em função disso, atribuiu-se a Ribamar a denominação de “cidade balneária”, qualificação que, apesar das mudanças paisagísticas ao longo do tempo, se mantém até os dias atuais.

Ainda segundo a mencionada autora, “sua beleza e riqueza natural, bem como o Santuário do Milagroso São José de Ribamar, tornam esse pedacinho de chão, um dos mais agradáveis e aprazíveis lugares que se possa imaginar” (CONCEIÇÃO, 1995, p.09). Apesar da narrativa romantizada, em uma análise mais simplificada, tais visões apresentadas pela autora evidenciam a construção da representação da cidade como um lugar com belezas naturais, calmo e sem grandes acontecimentos, cuja religião assumiu um papel importante. Para os estudiosos do município, sua história religiosa está fincada no catolicismo, para cá trazido desde os primórdios da fundação do povoado. Importante salientar que, apesar da notória presença do catolicismo, com forte devoção ao padroeiro e a outros santos católicos, outros cultos como evangélicos e afro-brasileiros, também marcam o universo religioso ribamarense.

Ao revisitar os dados históricos da fundação de São José de Ribamar, dois aspectos saltam à vista: o primeiro é a motivação, a realidade social e política. O segundo é de caráter religioso, que coloca no centro a devoção a São José. A construção do espaço a partir da devoção a São José é uma característica importante e essencial a ser analisada. Diante disso, para que se possa compreender esses aspectos, é preciso se reportar ao passado e fazer uma breve referência histórica aos períodos que vão desde a sua fundação.

No *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*, é denominada São José de Ribamar “uma capela distante da capital 7 léguas, edificada na extremidade da Ilha do Maranhão, que tem em frente a baía de São José” (MARQUES, 1970, p. 583). Muitas cidades e povoados brasileiros têm sua origem e desenvolvimento a partir de uma capela que, de alguma forma, contribuiu para processo de povoamento e organização espacial, influenciando na determinação da sede de muitos municípios, bem como nas atividades econômicas e na formação social.

A historicidade do município de São José de Ribamar remonta ao período colonial e ao processo de catequização dos povos indígenas. No Maranhão, expulsos os franceses em 1615 na Batalha de Guaxenduba, também conhecida como *Jornada Milagrosa*, em 1619 chegaram

os primeiros casais de açorianos destinados a dar início ao povoamento sob o domínio português⁹. Segundo registros contidos no Livro Tombo da paróquia de São José de Ribamar, as terras que hoje compõem o município foram inicialmente habitadas por índios Grandes ou Gamelas¹⁰ que, no processo de formação do arraial, e mais tarde da vila, sofreram com a dominação de suas terras e com as transformações que o contato com outros povos ocasionou em seus modos tradicionais de vida.

Conforme o registro abaixo, essas terras foram concedidas aos religiosos da Companhia de Jesus¹¹, ordem católica criada no contexto das ações de combate à Reforma Protestante¹². Foi uma das primeiras Ordens Religiosas a se estabelecer no Maranhão:

As terras de S. José de Ribamar foram as primeiras que em Maranhão possuiu a Vice-Província da Companhia de Jesus. Chegando aqui, o capitão general do Estado, Francisco Coelho de Carvalho, nomeado por Sua Majestade católica Felipe IV, que levava poderes de passar cartas de data e sesmarias, “concorreram logo algumas pessoas, assim seculares como religiosos, a pedir as terras que se lhes faziam precisas para o benefício de suas lavouras”. As de S. José de Ribamar, onde estavam aldeia dos índios Gamelas foram dadas, em 1627, à Companhia de Jesus, a pedido do padre Luiz Figueira (o padre Figueira escreveu a primeira gramática do idioma brasileiro, editada na Bahia, em 1851, (Memórias do Dr. Cândido Mendes, tomo I)) que já possuía uma légua de terra doada por Pedro Dias ex artilheiro da Armada de Alexandre de Moura e sua mulher Apolônia Bustamante, na vila do Paço do Lumiar (LIVRO TOMBO, 1937, p.35).

Fundada oficialmente a 16 de dezembro de 1627, por ordem do então governador Capitão General Francisco Coelho de Carvalho, a história de São José de Ribamar delineia uma vida político-administrativa instável, com sucessivas leis e decretos. Os primeiros relatos escritos sobre a região indicam que o início da vida política corresponde ao ano de 1757, com a elevação da aldeia à categoria de lugar¹³ no dia 4 de agosto¹⁴. Sendo a Província dividida “em comarcas e termos, pela lei nº 7, de 29 de abril de 1835”, São José de Ribamar passou a pertencer civilmente à comarca da Ilha do Maranhão e termo do Paço do Lumiar, incorporada

⁹ Essa empreitada que pôs fim à presença francesa em terras maranhenses ganha status sobrenatural, após a derrota dos franceses para os luso-espanhóis ser associada à aparição da Virgem Mãe de Deus, a qual teria auxiliado os soldados em batalha, dando ânimo, curando os feridos e transformando areia em pólvora (SILVA, 2008).

Nesse sentido, diante de uma vitória inexplicável, a única solução seria relacionar o êxito na batalha ao miraculoso. De acordo com a lenda, os portugueses já quase derrotados clamaram por ajuda, eis que surge uma Senhora com aparência radiosa e passa a ajudá-los, transformando areia em pólvora, tornando-os vencedores no conflito. Essa Mulher seria a Virgem Maria, invocada como Nossa Senhora da Vitória, que como forma de agradecimento torna-se padroeira da cidade de São Luís (MEIRELES, 2015).

¹⁰ Segundo a historiadora Conceição (1995, p.48), os Índios Gamelas “[...] se auto-denominavam acobôs”.

¹¹ Informações também presentes no histórico do município nos dados do IBGE. Para dados do município, conferir em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-jose-de-ribamar/historico>>. Acesso em 15 nov. 2022.

¹² A Reforma Protestante foi um momento de intensas transformações no campo religioso da Europa, que pressionou a Igreja Católica a reorganizar-se, reformar institucionalmente o clero (TAVARES, 1995, p. 15).

¹³ De acordo com o dicionário de Raphael Bluteau (1728), “lugar” correspondia a uma povoação pequena, entre o status de aldeia e vila: “he menos que villa, & mais que aldea” (BLUTEAU, 1728, p. 202).

¹⁴ Registros das fundações, ereções e posses de vila, 1757-1767, Livro nº28.

ao 3º distrito da capital, pelas leis nº 10 e 17, de 15 de outubro de 1892 e 17 de dezembro de 1896, respectivamente (PESTANA, 1923, p.15).

Foram localizadas distintas informações em relação à constituição de vila, município e cidade. Em 11 de março de 1913, pela Lei Estadual nº 636, foi elevada à categoria de município e vila concomitante, com a denominação de São José. Porém, em 27 de fevereiro de 1931 foi enquadrada novamente na categoria de vila, desligada da Vila do Paço, hoje sede do município de Paço do Lumiar (MA)¹⁵, o que legitimou a sua independência econômica e política. Em 26 de janeiro de 1949, pelo decreto estadual nº 289, foi elevada definitivamente ao status de cidade. Em 1952, pela Lei Estadual nº 752 de 24 de setembro assinada pelo governador Eugênio Barros, foi restaurada a categoria de município¹⁶ (FERREIRA, 1959, p. 299).

Em relação a essas categorias, é importante destacar que, durante anos, sua classificação político-administrativa passou por várias modificações, sendo que, no senso comum, é tratada como cidade desde fevereiro de 1931. Um dado importante a ser evidenciado é que Ribamar foi definitivamente elevada a essa categoria de cidade em um período que seria marcado pelos efeitos da Revolução de 30, e que, no Maranhão, tomaria rumos de acordo com o cenário nacional mais amplo, mas principalmente em consequência do contexto político do próprio estado.

No que diz respeito ao seu nome, o município recebeu a denominação de *Ribamar* pela Lei Estadual nº 758, em 24 de setembro de 1952, assinada pelo governador Eugênio Barros. Anos depois, em 16 de setembro de 1969, pela Lei Estadual nº 2.980, assinada pelo governador José Sarney, o município foi denominado definitivamente de *São José de Ribamar*, em homenagem ao santo padroeiro, São José (REIS, 2001, p 57).

Conforme a tradição oral da região e referenciais bibliográficos sobre a história do município, a origem do nome *Ribamar* deu-se a partir do linguajar dos índios Grandes ou Gamelas, que usavam a expressão “in riba”, ao procurar o ponto mais elevado para colocar as imagens trazidas pelos europeus. Com o passar do tempo, segundo a tradição, descobriu-se que a expressão significava “acima”, dando o sentido de “acima do mar”. Fato é que o desenvolvimento da localidade trouxe como marca fundante a elevação de uma capela em devoção a São José, que logo de início se reverberou pela ocorrência de milagres. Por esta ter sido construída “em riba do mar”, ou seja, acima do mar, deu origem à denominação do lugar.

¹⁵ A Vila Paço do Lumiar foi erigida à categoria de vila em 1761, por Carta Régia de 11 de julho. A freguesia de Paço do Lumiar, sob a tutela espiritual de Nossa Senhora da Luz, foi ereta em 9 de junho de 1764, e englobou diversos povoados (MARQUES, 1970).

¹⁶ Esta data é estabelecida como feriado municipal, pois se comemora a emancipação política do município.

No que concerne a esta narrativa, a ausência de maiores informações sobre aspectos que remetam à procedência e origem do nome São José de Ribamar em terras maranhenses, fez com que essa versão fosse aceita e disseminada, no que respeita ao surgimento do topônimo no estado. Uma das maneiras de se tentar identificar a forma como um espaço foi construído e pensado seria estar atento aos termos, aos nomes que foram usados para denominá-lo.

Nesse sentido, exerce uma função de estabelecimento de domínio, de apreensão, ao mesmo tempo em que produz uma relação de identidade com o lugar. Isto posto, o hagiotopônimo São José de Ribamar não se restringe apenas à igreja localizada no município do Maranhão. O professor João de Deus Vieira Barros, em artigo publicado em 19 de janeiro de 2023, no *Jornal Pequeno*, salienta que esse topônimo pode ser constatado em igrejas localizadas em Pernambuco (1797), Ceará (por volta de 1713) e Bahia (século XVIII), sendo esta última já demolida. No entanto, como menciona o referido professor, cada uma dessas localidades possuem “o seu São José de Ribamar, com lendas e rituais diferentes” (JORNAL PEQUENO, 19 jan. 2023, p.03).

Feitas tais considerações, adentrando o campo religioso, vale destacar que assim como o acontecido na história política do município, a constituição da paróquia também se deu por sucessivos atos da Igreja. As informações acerca da Igreja de São José, posteriormente chamada de São José de Ribamar, remetem ao período anterior a elevação da aldeia à categoria de lugar: “à época da invasão francesa já existia uma aldeia, provavelmente dos índios Gamelas, com o nome de São José, a partir do que supomos que já existisse também alguma igreja, de taipa, com a mesma denominação” (BOGÉA et al., 2008, p. 68).

No início do século passado, São José de Ribamar, que por sua vez pertenceu ao Paço do Lumiar, era filiado a São José do Lugar dos Índios, e possuía um número maior de casas, além de uma área reservada ao cemitério. A princípio, esses fatores colocaram São José do Lugar dos Índios em posição secundária em relação a Ribamar. Faz-se necessário lembrar que a ocupação da Igreja Católica se dava por meio da demarcação de áreas para capelas e os cemitérios, sendo esses espaços instrumentalizados, “objetivando a catequese e a assistência religiosa à população” (SANTOS, 2004, p. 132).

As imagens a seguir registram a aparência, nas primeiras décadas do século XX, de onde hoje está construído o Complexo Santuário de São José de Ribamar. A Figura 5 corresponde à capela de Ribamar em 1908, período em que ainda era filiada à paróquia de São José do Lugar dos Índios¹⁷. Essa capela foi demolida para dar lugar a uma nova construção, iniciada no ano

¹⁷ De acordo com o Livro Tombo (p.37), a construção dessa igreja teve início em 29 de setembro de 1897, e terminada em 25 de setembro de 1898, sob a responsabilidade do Arcediago Dr. Manoel Tavares da Silva.

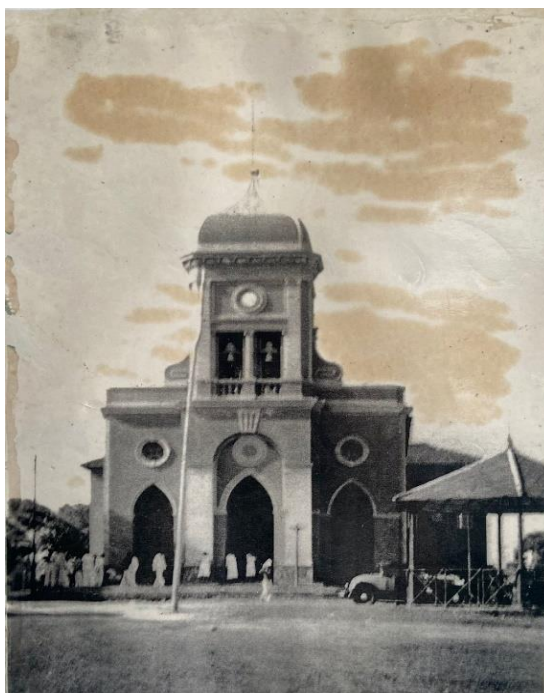
de 1915. A nova igreja, como pode ser observada na Figura 6, corresponde ao atual prédio da Igreja da Matriz, construção inaugurada em 1917, com uma cerimônia celebrada pelo bispo maranhense D. Francisco de Paula e Silva¹⁸ (PACHECO, 1968).

Figura 5 - Vista panorâmica da ermida de São José de Ribamar, em 1908.



Fonte: MIRANDA, 2016 apud FERREIRA, 2017.

Figura 6 – Fachada da igreja de São José de Ribamar, em 1938



Fonte: Arquivo da Sra. Odinéa do Carmo Pereira. Org. Antônio Miranda.

¹⁸ Estiveram presentes as maiores autoridades municipais na solenidade de bênção do templo, feito pelo próprio bispo D. Francisco. (*Ata da bênção da Igreja de São José de Ribamar*, 1917. Arquivo Público do Estado do Maranhão, Acervo da Arquidiocese do Maranhão, Documentos do século XX, Caixa 12: Diversos. Século XX (1901 – 1960)).

Em maio de 1921, por decreto emitido por Dom Helvécio Gomes de Oliveira, Bispo de São Luís do Maranhão, a circunscrição religiosa de São José de Ribamar foi elevada à categoria de Curato amovível, isto é, suscetível de remoção, de transferência, aumentando assim sua área de abrangência¹⁹. Posteriormente, em 29 de abril de 1942, por meio do Decreto de Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, Arcebispo Metropolitano de São Luís do Maranhão, o Curato de São José de Ribamar foi elevado à categoria de Paróquia amovível. Pouco tempo depois, a paróquia tornou-se fixa, marcando o nascimento do santuário, que envolve intrinsecamente a comunidade²⁰. Provavelmente, a intenção da criação da paróquia se ajustava às melhorias para suprir deficiências na assistência à população em prol do acesso aos auxílios espirituais, missas, batizados e toda e qualquer atividade religiosa direcionada aos sujeitos da localidade e áreas próximas.

É certo, que em São José de Ribamar, a devoção ao padroeiro e as manifestações devocionais associadas ao seu culto extrapolaram as fronteiras municipais e estaduais através de uma tradição secular, que se confunde com o surgimento da cidade.

1.2 “Oh! Meu glorioso São José!”

Para os católicos, os santos estão mais próximos de Deus, são vistos como intercessores e protetores que atendem aos pedidos mais urgentes, o que explica a crença em seus poderes de mediação e intensificam o costume de pedir suas intercessões, fazer-lhes promessas e pedir-lhes bênçãos. Na perspectiva oficial, funcionam como modelos de comportamento, daqueles que se dedicaram à oração e à adoração, ou daqueles que se transformaram em modelos de indivíduos convertidos e santificados. Como explica Jurkevics, ser santo para a Igreja Católica,

significa ter atingido a perfeição cristã, o que garante ao santo um lugar de honra nos altares e um dia do ano para a veneração litúrgica, quando são lembrados durante as missas. Mas os católicos não são os únicos a cultivar santos, os budistas, os hindus, os ortodoxos, os evangélicos também os veneram, embora somente a Santa Sé tenha um processo formal para “fazer santos”, quer por tradição, quer pelas leis canônicas (JURKEVICS, 2004, p.123).

Somente depois de passarem pelo processo instituído pela Igreja, que visa a reconhecer como santos “homens e as mulheres que responderam ao chamado de Deus para dividir sua

¹⁹ Curato, segundo Bluteau (1728, p.641), significa Igreja do cura.

²⁰ Informações contidas no documento oficial de criação do Santuário de São José de Ribamar, disponível para ser lido e baixado no blog da Pastoral de Comunicação - PASCUM do Santuário. Disponível em: <http://pascomsjr.blogspot.com/2011/09/documento-do-santuario-de-sao-jose-de.html?m=1>. Acesso: 13 de maio de 2023.

santidade, admitindo como ponto de partida o princípio de que só Deus é ‘santo’, ou seja, só ele é soberanamente puro”, que se tornam aceitos e recebem a confirmação de que já residem no céu. Esse reconhecimento recebe o nome de canonização (GRAVIERS e JACOMET, 2008, p.99). Como salienta Soares, a canonização

é o ato de reconhecer alguém como santo. Se entendido de forma literal, canonização seria algo como colocar nos “canons”, ou seja, nas listas de santos (...) o candidato atinge o reconhecimento máximo dentro da religião ganhando um dia específico para ser festejado e o privilégio de ter imagens suas colocadas em altares e templos. (SOARES, 2007, p.26)

De todo modo, a perspectiva de intercessão se mantém, mesmo diante dos santos que não tenham passado pelos processos canônicos de santificação. A confiança no poder miraculoso e a fé depositada nesses santos permanecem, como uma ponte mais acessível em relação a um Deus que, muitas vezes, pode ser considerado distante. Em alguns casos, o processo de canonização se configura apenas como uma formalização do que o povo já havia escolhido para cultuar e seguir. Como salienta a autora Solange Andrade (2010, p. 134-135), “aquele que crê, crê na eficácia protetora do “santo”, é nele que deposita sua esperança – independente do posicionamento da Igreja – e isso lhe basta”.

Mais do que invocar algum santo, o indivíduo defende sua escolha diante do momento de aflição, devido à existência de uma proximidade com o santo. Essa aproximação possibilita uma relação direta e pessoal, não havendo necessidade de intermediários oficiais para que esse contato aconteça. Eles estão ao alcance imediato do devoto, através de imagens presentes em igrejas, santuários, grutas, arredores de cemitérios, encruzilhadas e outras paragens, num evidente testemunho de que “o santo não é abstrato, mas, por assim dizer, é encarnado na imagem que o representa” (MATOS, 2011, p.205).

Assim sendo, é importante a ressalva de que para o fiel, “com as imagens materiais, ele participa de um mundo visual, de um mundo imaginário, cujos poderes e condições ultrapassam de longe o plano único do visível e do sensível” (SCHMITT, 2006, p. 596). Tendo em consideração que o devoto pode ter uma imagem do santo de sua devoção em casa, ele não necessita da autoridade eclesiástica para cultuá-lo: é o devoto quem o elege e se sente eleito pelo santo, realizando uma sacralização simbólica na vida cotidiana.

A devoção aos santos sem altares, não canonizados, existe no Brasil desde os tempos coloniais e perdura até hoje ao lado dos santos regulares canonicamente. Em caracterização do mundo colonial, Luiz Mott (1997, p. 164) destaca a “casa de moradia” como o “o lócus privilegiado para o exercício da religiosidade privada dos católicos”, de modo que era “dentro da casa que uma série de imagens, quadros e amuletos sinalizavam a presença do sagrado no

espaço privado do lar”. Nessa mesma perspectiva, o historiador Sérgio Chahon (2014, p. 89) destaca, em contraposição a uma religião sacramental incentivada pela Igreja no contexto colonial, a existência de uma “mais próxima do polo devocional, em que predominaria a relação íntima e direta entre os fiéis e os membros da corte celeste transcorrida, sobretudo, no interior dos lares e nos espaços privados em geral”. O catolicismo no Brasil deve ser visto como um emaranhado de práticas e gestos simbólicos que ultrapassam as leis canônicas.

Nos contextos mais angustiantes e difíceis, a comunicação com o sagrado se intensifica na busca de graças e milagres, o que caracteriza, dentre outros aspectos, o caráter utilitarista da religiosidade popular e ainda deixa perceber que a devoção a uma santidade transcende o abstrato e se encarna na imagem que representa o santo ou a santa em quem homens e mulheres depositam a sua fé. Na religiosidade popular, cada sujeito social manifesta com espontaneidade seus sentimentos, seus medos, suas necessidades, assim como o pagamento de suas promessas ou simples agradecimentos. Por meio das promessas, ocorre uma relação funcional de troca com a santidade, que é “capaz de trazer os benefícios necessários para a sua vida [...], nos momentos de maiores dificuldades materiais ou emocionais” (JURKEVICS, 2004, p. 199).

Como salienta Menezes (2009), o devoto não é somente aquele que necessita, pede graça e implora ao santo, mas também alguém que desenvolveu uma relação de especial identificação:

A devoção envolve não apenas pedidos – graças – agradecimentos, mas um processo de identificação entre o devoto e seu santo, que engloba sentimentos como a amizade, a fé e a confiança, e a certeza da presença constante do santo na vida do devoto. Assim, quem entrou no registro da devoção adquiriu uma chave de interpretação da própria biografia, que passa a ser lida como uma sucessão de intervenções do santo, de graças e proteções que lhe conferirão a felicidade, ainda que esta precise ser norteada pela conformação (MENEZES, 2009, p. 131-132).

Compreendendo que a devoção é subjetiva e não obedece a rígidos critérios, a identificação é essencial para a relação entre o devoto e o santo. Muitos dos entrevistados para a presente pesquisa possuem pouco conhecimento dos dogmas e liturgia da Igreja, relacionando-se com o sagrado de modo espontâneo e simples, envolvidos pela relação de confiança depositada em São José de Ribamar. São romeiros e fiéis que têm encontrado formas de vivenciar sua fé de acordo com as suas experiências e, a partir delas, reelaboram ou reafirmam as narrativas de milagres que marcam a fundação do santuário.

A ação de devoção representa um fio da teia cultural comunitária, que reforça os laços entre seus membros. Ser devoto significa, nesse sentido, crer no poder e no que o santo representa, somado às graças atribuídas a ele e à escuta de histórias de fé de outros fiéis que, a exemplo da intervenção do santo na própria vida, ratificam ou não o seu poder. Como salienta Riolando Azzi (1994, p. 296), “a devoção ao santo constitui para o fiel uma garantia do auxílio

celeste para as suas necessidades”, sendo que a lealdade se manifesta “sobretudo no exato cumprimento das promessas feitas”. Nessa perspectiva, a promessa se configura como um elemento importante, estreitando o elo entre o natural e o sobrenatural, o santo e o devoto. Tal realidade pressupõe, assim, a existência de uma posição de destaque garantida a São José, tanto por clérigos como pelos fiéis.

O município de São José de Ribamar tem sua história de formação vinculada à devoção a São José, que ao longo do tempo se fez um dos santos mais venerados no Brasil, contando com quase duzentas paróquias, dentre as quais a de São José de Ribamar.

A devoção ao São José é popular e antiga. Segundo o Papa Francisco, na Carta apostólica *Patris corde – Com coração de Pai*²¹, publicada em 2021 por ocasião dos 150 anos da declaração do santo como *Padroeiro da Igreja Católica* pelo Beato Pio IX, São José é considerado um homem justo, pai amado, casto, obediente aos ditames divinos, trabalhador e possuidor de um grande testemunho de fé. Por essas virtudes, São José ganhou espaço na consciência cristã, recebendo reconhecimento que lhe valeram louvores, devoção e festividades, principalmente a partir do século XIX, quando a Igreja romana lhe atribuiu títulos, lançando a sua figura ao mais seletto panteão dos santos católicos.

Tendo em vista a importância da compreensão da figura de São José no contexto devocional para a presente pesquisa, faz-se necessário apresentar a sua vida, trajetória e narrativas míticas. A obra *Na Luz Perpétua*²², do padre João Batista Lehmann, destaca que São José tem um lugar especial na história da salvação, estando sempre ao serviço de Maria e de Jesus: “pode imaginar-se dignidade maior que a de S. José, que pelos desígnios de Deus devia ser esposo de Maria Santíssima e pai nutrício de seu divino Filho?” (LEHMANN, 1928, p. 169). O Pe. Lehmann assinala ainda, de forma cronológica, a ascensão da devoção a São José na Igreja Católica:

A devoção a S. José na Igreja Católica é antiquíssima. A Igreja do Oriente celebra sua festa desde o século nono no domingo depois do Natal; os Coptos a comemoram no dia 20 de julho. Os Carmelitas o introduziram na Igreja Ocidental. Os Franciscanos em 1399 já festejaram a comemoração do santo Patriarca. Xisto IV inseriu-a no breviário e no missal; Gregório XV generalizou-a em toda a Igreja. Clemente XI compôs o ofício com os hinos para o dia 19 de março e colocou as missões da China sob a proteção de S. José. Pio IX introduziu em 1847 a festa do patrocínio de S. José e em 1871 declarou-o Padroeiro da Igreja Católica, Leão XIII e Benedito XV recomendaram aos fiéis a devoção a S. José, de um modo particular, chegando este último Papa a inserir no missal um prefácio próprio (LEHMANN, 1928, p. 172).

²¹ Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20201208_patris-corde.html.

²² Obra publicada pelo padre João Batista Lehmann, da Congregação do Verbo Divino, apresenta leituras sobre a vida dos santos para cada dia do ano.

Apesar da ausência de uma data exata para o início da veneração a São José, a inclusão do seu nome nos ofícios e nas festas de maneira oficial deu-se por meio de documentos pontifícios, o que não significa dizer que a devoção popular ao santo dependa dessa questão documental. De acordo com Jerônimo Gasques (2015), em 1621 Gregório XV instituiu o dia 19 de março como o dia da festa de São José. Em 1871, por meio de um decreto da Congregação dos Ritos, o Papa Pio IX declarou José como Patrono da Igreja Universal. Em 1955, o Papa Pio XII proclamou o dia 1º de maio como o dia de São José Operário, ou São José, o Trabalhador, celebração dedicada ao trabalho e aos trabalhadores.

Embora pouco se saiba sobre a infância de São José, tampouco a vida que levou até o casamento com Maria, consta que sua profissão era a carpintaria²³ e que “fora escolhido para a mais sublime missão: Pai adotivo do Filho de Deus humanado e esposo da Mãe de Deus” (MEGALE, 2003, p. 143). Aquele que pacientemente ensinou a profissão ao seu filho e é considerado o *Padroeiro dos carpinteiros, Padroeiro da Igreja Católica, Padroeiro das famílias*, dentre outros tantos títulos que elevam a sua virtude de homem separado por Deus para ser o santo. De acordo com a tradição, “ele morreu, assistido por Maria e Jesus, antes de Cristo iniciar sua vida pública” (MEGALE, 2003, p.144). Os Evangelhos não dizem muito a respeito de São José; limitam-se apenas a afirmar que José, por sua santidade, era “o maior dos santos, o justo”²⁴.

Durante a Idade Média o culto aos santos, vistos como protetores pelos fiéis e como exemplos pela hierarquia, estendeu-se por toda a cristandade. Uma importante obra para a análise da vida dos santos é a *Legenda Aurea – Vida de Santos*, compilação hagiográfica do arcebispo de Gênova, Jacopo de Varazze, publicada em 1265, que narra a vida de diversos santos já canonizados pela Igreja. Sendo uma das obras mais influentes para a narrativa hagiográfica cristã, surgiu em um contexto de profundas transformações na Idade Média, apresentando através dos relatos de vida exemplar dos santos, uma opção aos cristãos para uma vida plena e agradável. No capítulo 6, *A Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo Segundo a Carne*, o *auctoritas* (autoridade) assinala sobre São José:

José vivia em Nazaré, mas como era descendente de Davi foi se registrar em Belém. Como estava próximo o momento do parto de Maria e ele ignorava quando poderia voltar, levou-a consigo, não querendo deixar em mãos estranhas o tesouro que Deus

²³ Os evangelistas Mateus e Marcos, definem José como “carpinteiro” ou “marceneiro”. No livro de Mateus (13, 55) afirma-se: “Não é este, por acaso, o filho do carpinteiro? Sua mãe não se chama Maria [...]”? Jesus praticou o ofício do pai.

²⁴ O que se encontra nos evangelhos canônicos são algumas poucas passagens sobre sua vida, que podem ser resumidas em: genealogia do seu filho Jesus; anunciação; nascimento de Jesus; a fuga para o Egito; a família em Nazaré; Jesus é apresentado no Templo; Jesus entre os doutores do Templo, e por fim, Jesus o filho do carpinteiro de Nazaré (CARMONA, 2019).

lhe confiara, cioso que estava de se encarregar pessoalmente dessa tarefa. Ao se aproximar de Belém (assim atestam BARTOLOMEU em sua compilação e o chamado LIVRO DA INFÂNCIA DO SALVADOR), a bem-aventurada Virgem viu uma parte do povo na alegria e outra no sofrimento, o que um anjo explicou da seguinte forma: "A parte do povo que está alegre é constituída pelos gentios que receberão bênção eterna pelo sangue de Abraão, e a parte que está sofrendo é o povo judeu, merecidamente reprovado por Deus". Chegando a Belém, como eram pobres e como muitas outras pessoas vindas pelo mesmo motivo ocupavam as hospedarias, não encontraram alojamento. Instalaram-se então numa passagem pública que se encontrava (de acordo com a *História Ecclesiastica*) entre duas casas, uma espécie de tenda fora da cidade, onde se reuniam os cidadãos locais para nos dias livres conversar, ou para se abrigar quando fazia mau tempo. Ali José fez uma manjedoura para um boi e um jumento que levava consigo, ou, segundo alguns autores, a manjedoura já existia, tendo sido feita para os camponeses que se dirigiam ao mercado e ali amarravam seus animais (VARAZZE, 2003, p. 95-96).

No imaginário medieval, a questão da sacralidade e da santidade não estava atrelada apenas às hagiografias, obras que destacavam as muitas manifestações do caráter sobrenatural do santo. São José, um homem que passa despercebido, de presença quotidiana discreta e escondida, longe de ser exaltado pela sua hagiografia, passará para o imaginário devocional católico pelo que não disse. O teólogo Leonardo Boff (2005, p. 15) salienta que São José “não nos deixou nenhuma palavra. Entregou-nos seu silêncio o seu exemplo de homem justo, trabalhador, esposo, pai e educador”. Não à toa, seu silêncio é uma das virtudes que chama atenção nos textos sobre sua vida.

Como já mencionado, embora a devoção a São José seja antiga, sua ascensão na Igreja de Roma só adquiriu maiores proporções a partir do século XIX. Fato que pode ser evidenciado no discurso da Carta Apostólica *Le Voci*, do Sumo Pontífice João XXIII, em 19 de março de 1961, sobre a devoção a São José:

No culto da santa Igreja, Jesus, Verbo de Deus feito homem, teve logo uma adoração incomunicável como esplendor da natureza de seu Pai, e irradiando-se na glória dos santos. Maria, sua Mãe, seguiu-o de perto desde os primeiros séculos, nas imagens das catacumbas e das basílicas, piedosamente veneradas: Sancta Maria Mater Dei. S. José, pelo contrário, excetuando algum traço de sua figura, encontrado aqui e ali nos escritos dos Padres, permaneceu durante séculos e séculos em seu característico apagamento, um pouco como figura de ornamento no quadro da vida do Senhor. E foi necessário tempo até que seu culto passasse dos olhos aos corações dos fiéis e despertasse neles singular fervor de oração e abandono confiante (LE VOICI, 1961, 03).

Na Carta Apostólica, o Papa João XXIII discorre sobre a pouca visibilidade atribuída pela doutrina a São José, embora esteja ressaltando as falas dos seus antecessores em favor do santo. É pertinente ressaltar que a reflexão acerca da devoção a São José permeia uma série de expressões, nas quais estão presentes o institucionalizado e o não institucionalizado.

Em 2021, o Papa Francisco dedicou a São José as catequese das Audiências Gerais de 17 de novembro a 16 de fevereiro. Na catequese do dia 17 de novembro, *São José e o ambiente em que viveu*, o Papa declarou:

Na Bíblia há mais de dez personagens com o nome de José. O mais importante de todos é o filho de Jacob e Raquel, que, através de várias vicissitudes, de escravo, tornou-se a mais importante no Egito depois do Faraó (cf. *Gn* 37-50). O nome José em hebraico significa “Deus aumente, Deus faça crescer”. É um desejo, uma benção baseada na confiança na providência e refere-se especialmente à fecundidade e ao crescimento dos filhos. De facto, este mesmo nome revela-nos um aspecto essencial da personalidade de José de Nazaré. Ele é um homem cheio de fé na providência de Deus. Toda a sua ação narrada no Evangelho é ditada pela certeza de que Deus “faz crescer”, que Deus “aumenta”, que “Deus acrescenta”, ou seja, que Deus providencia à continuação do seu desígnio de salvação. E nisto, José de Nazaré é muito parecido com José do Egito. As principais referências geográficas relativas a José – Belém e Nazaré – também desempenham um papel importante na compreensão de sua figura (FRANCISCO, 2021, p. 05).

Um dos principais aspectos abordados na mitografia de São José consiste também na sua obediência. Percebe-se, nesse sentido, a importância dada à sua trajetória, como forma de influenciar os fiéis a seguir os valores cristãos, uma vez que a vida dos santos constitui um importante meio de transmitir o sentido da fé cristã. O casto esposo, o pai amantíssimo, o homem obediente e silencioso, entre outras qualidades atribuídas a ele, certamente, constituem um dos fatores que influenciam a aproximação do devoto e do devotado. Como salienta Andrade (2008, p. 241), “para a Igreja católica, o principal ingrediente para retratar seus escolhidos reside no destaque dado à sua adesão à fé cristã. As narrativas do Vaticano reforçam sempre o temor a Deus que sempre esteve presente em suas vidas”.

Nesse caso, a Igreja, enquanto instituição detentora de poder, utiliza-se da santidade católica como forma de legitimar determinados valores para as gerações, os discursos que perpassam as vidas memoráveis dos santos, “oferecem modelos passíveis de serem imitados pelos indivíduos de uma determinada sociedade” (SILVA, 2021, p. 10). As razões para uma devoção passam, portanto, por elementos variados como as virtudes da vida do santo.

No catolicismo popular, a devoção a São José é extensa, realidade que é facilmente constatada em grandes e pequenos testemunhos, como uma capela numa localidade do interior, em uma grande igreja metropolitana, em um oratório doméstico ou, destacadamente, em um santuário como o caso de São José de Ribamar²⁵. Na cultura e fé do povo ribamarense, São José é considerado um poderoso intercessor e grande exemplo de homem obediente, bondoso, generoso e devoto ao projeto de Deus. Além disso, para os ribamarenses em especial, falar de São José é referir-se a Jesus e Maria, que no imaginário religioso são cultuados como a Sagrada Família, fato expressado pela imagem principal do santo, exposta no altar-mor do santuário.

²⁵ O Santuário Arquidiocesano São José de Ribamar foi criado em setembro de 2011, por ocasião da abertura do Festejo do Glorioso São José de Ribamar, pelo arcebispo de São Luís - MA, Dom Frei José Belisário da Silva. É composto pela Igreja Matriz de São José de Ribamar, o Centro Pastoral, o Salão Paroquial, a Casa dos Milagres, o Caminho de São José, a Concha Acústica, a Cripta, a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, o Monumento a São José e o Museu dos ex-votos.

Figura 7 - Altar-Mor da Igreja de São José de Ribamar.



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 03 de out. de 2022.
Autoria: Karla Larissa.

Como pode ser observado, além da imagem principal da Sagrada Família, o altar-mor da Igreja de São José de Ribamar comporta as imagens de outros santos de devoção do Santuário, como São Vicente de Paulo, Sagrado Coração de Jesus, São Paulo, São Pedro - o padroeiro dos pescadores -, entre outros. No que respeita a este último santo, é homenageado todos os anos no mês de junho, com festas e procissão marítima, sendo celebrado como guia e protetor dos pescadores.

Faz-se necessário enfatizar que o interesse precípua não está em fazer um estudo iconográfico aprofundado sobre a imagem de São José. Em primeiro lugar, porque a imagem, se comparada com outras de mesma invocação, abrigadas em capelas espalhadas pelo Brasil e outros países, apresenta diferenças de suporte e atributos. Isso apresenta de imediato um problema metodológico, uma vez que os suportes são escolhidos seguindo uma funcionalidade da imagem, do espaço onde ela foi exposta e das técnicas utilizadas para produzir cada um.

Em segundo lugar, porque, em seus aspectos tridimensionais, cada imagem foi esculpida de acordo com as especificidades do lugar onde iria ser exposta, ou seja, de acordo com o espaço disponível nos altares dos templos e com os atributos que se queria realçar na imagem para o diálogo com os fiéis. Essas questões mereceriam um estudo pormenorizado, tendo a imagem como objeto de análise, o que não é o propósito apresentado na presente pesquisa. Dessa forma, o que ocorre é a tentativa de perceber na imagem da Sagrada Família, abrigada na igreja de São José de Ribamar, os atributos utilizados para estabelecer diálogo com os fiéis e enfatizar sua representação.

Dessa forma, embora não seja o foco deste trabalho realizar essa análise mais detalhada da iconografia de São José, é pertinente destacar que a imagem do santo pode apresentar variações significativas de acordo com o lugar em que está inserida, possuindo várias representações e diversos significados, podendo ser retratada como *São José Carpinteiro*, *São José Dormindo*, *São José de Botas*, dentre outras. Na iconografia, o santo aparece com diferentes posições do corpo, trazendo ou não menino Jesus nos braços ou segurando objetos variados, por exemplo.

Na imagem presente no altar-mor do Santuário de São José de Ribamar, São José é representado em pé, com uma coroa na cabeça, vestido com um manto e usando botas, segurando o menino Jesus, seu filho, em uma das mãos e na outra, um ramo de lírios. Ao seu lado, a Virgem Maria, a virgem que concebeu Jesus, o filho de Deus, formando o conjunto da Sagrada Família. A mãe de Jesus é considerada muito especial pela Igreja Católica e é muito reverenciada em vários lugares, onde recebe diferentes denominações. Quanto a isso, de acordo com Lucília Matos (2010, p. 43), possivelmente a força de sua devoção resida no fato de ser única; no entanto, poder tomar diferentes representações.

Assim como a imagem de São José, não há registros que determinem o lugar de origem da imagem de Nossa Senhora, nem a época em que se juntou à imagem do santo. Existem versões que sugerem que as imagens teriam chegado juntas à localidade. Apesar de São José e o menino Jesus estarem esculpidas na mesma peça de madeira, nota-se que possuem estilos diferentes. A imagem do menino Jesus parece assemelhar-se à de Nossa Senhora.

Figura 8 - A Sagrada Família – Santuário de São José de Ribamar.



Fonte: Santuário de São José de Ribamar, 29 de abril de 2022.
Autoria: José Ribamar Carvalho.

Pela tradição, José é o pai e centro da família de Jesus e Maria (BESEN, 2011). A essa imagem da Sagrada Família disposta no altar, os fiéis de São José de Ribamar atribuem significados, trocam orações, expressam sentimentos de agradecimento pelas bênçãos, graças, curas e milagres alcançados por sua intercessão. Essa imagem está presente na camisa dos romeiros, nas fachadas das casas e estabelecimentos comerciais, nos cartazes da festa fixados pela cidade. Com o objetivo de preservação, ela não sai nas peregrinações e romarias que compõem a programação da festa em homenagem ao santo. A partir dela, foi feita uma réplica que serve para propagação da tradição. Somente no *Dia da Festa*, a imagem “original” é retirada do altar-mor e colocada no andor principal, para o traslado da procissão de encerramento.

Presente no quotidiano do devoto, a imagem do santo aponta para a existência de um vínculo, de uma memória criada entre o devoto e santo de devoção. Ela congrega diferentes significados e catalisa outros elementos da devoção. Embora as promessas e outros tipos de práticas religiosas sejam individuais, nascidas de dramas individuais, a imagem é o aspecto que as une, é o imaginário coletivo que converge para um único ponto de sentido e significados. Diante disso, interpretar essa relação permite identificar fios ligados a contextos mais amplos e muito mais antigos.

1.2.1 “Tu, que trouxeste tantas bênçãos ao nosso lugar”

Há um conjunto de narrativas que podem contribuir para a sedimentação de uma memória, como escrita, oral, iconográfica e musical, por exemplo. Escrita em 1998 pelo compositor e produtor musical Gerson Diniz, natural de Primeira Cruz (MA) e residente em Ribamar há 44 anos, essa música foi consagrada como um dos hinos da festa do santo padroeiro, ecoando nas vozes dos devotos que se direcionam à cidade todos os anos, exaltando, pedindo, adorando e bendizendo graças alcançadas por intermédio de São José de Ribamar.

*Vou te contemplar, no teu santuário
São José, como é bom te amar
Quero te exaltar e venerar
Ó meu grande santo, São José de Ribamar*

*Santuário tão repleto de esperanças
Tantos milagres que ficaram nas lembranças
Tu és tão puro, o teu lema é amar,
Te veneramos, São José de Ribamar*

*Tu que chegaste pelas águas do mar
Trouxeste tantas bênçãos ao nosso lugar
São tantos os romeiros a te visitar
Ó meu grande santo, São Jose de Ribamar*

(Composição: Gerson Diniz, 1998)

Tal letra transparece diversos elementos, sendo o principal deles a percepção do papel de São José como grande intercessor. Em muitas outras composições, evidencia-se a ideia de São José como modelo de testemunho fiel aos mandamentos da Igreja, aquele que aceitou sem contestação o seu papel de homem puro e provedor da família sagrada. Nota-se a junção das principais virtudes e qualidades, que são recorrentemente destacadas quando nos deparamos com escritos sobre a devoção ao santo.

O poder de intercessão e a obediência são instâncias compartilhadas pelos fiéis que acreditam que o santo realizará as suas preces²⁶. Esses fiéis se apresentam, de uma maneira ou de outra, como testemunhos concretos dessa devoção, ou seja, reafirmam, enquanto participantes efetivos, a certeza no poder de intervenção do santo, em momentos de dor e desalento.

Apesar da ausência de informações sobre as motivações e contexto em que essa canção foi concebida, é possível aqui visualizar a devoção, por vezes, ligada à relação de identidade com o lugar. É interessante, portanto, observar que a construção da história local está relacionada à miríade de milagres atribuídos a São José, à construção da ermida, hoje Igreja da Matriz, e à criação da festividade religiosa, que acontece anualmente. Pode-se considerar que a escrita dessa canção exerce a função de registro, na qual atua também como memória fundadora.

Não foi possível identificar registros oficiais referentes ao processo de introdução do culto a São José no Brasil. Acredita-se que tenha sido transplantado de Portugal para a colônia com os primeiros colonizadores devotos do santo. Junto com os colonos portugueses, emigraram várias devoções que se sedimentaram em larga escala em muitos lugares.

No Maranhão, no que respeita à devoção a São José no município que leva o nome do santo, as narrativas remetem aos relatos sobre a chegada de sua imagem na região. No lugar em que a imagem foi deixada, de acordo com a narrativa aceita por sua comunidade e reproduzida não apenas pela tradição oral, mas em referenciais bibliográficos sobre a história do município, ergueu-se uma pequena capela de frente para o mar, dando origem à crença no *milagroso* São José em terras maranhenses e as festividades em sua homenagem. Seja no plano do mito, lenda ou com referências históricas, a narrativa desse episódio, sempre interpretado como final

²⁶ Representação comumente acionada para referir-se a São José. Foi possível perceber a recorrência dessa ideia-imagem em narrativas de romeiros (as), nos discursos dos padres e em letras de canções entoadas durante os festejos.

milagroso e assim representado, tem servido, juntamente com outros, para explicar o desenvolvimento da devoção em São José de Ribamar.

As fontes que versam sobre a sua origem são escassas e repetitivas, fornecendo dados biográficos e falando das lendas e mitos em torno do santo e da própria festa em sua homenagem. Desde sua origem, São José de Ribamar esteve ligado às histórias de devoção e mitificações de milagres, a exemplo do episódio que originou a narrativa mítica em torno do seu surgimento, evidenciado nos versos de Pietro de Castellamare (s.d, p. 15-16), no qual se lê²⁷:

*Escutai! Um navio veleiro
Creio ao certo que foi português,
Demandava o torrão brasileiro,
Há bem anos, há séculos talvez,
Vinha em busca de um porto nascente,
Que foi seu, mas que a bélica gente
Fez render-se às bandeiras de Liz;
Que depois, conquistado de novo,
Foi asilo de Affonsido Povo
Tendo o nome de franco São Luís*

*Do navio o piloto ignorante
Por caminho errado seguiu,
Quando envolto n'um mar arrogante
Entre duas baías se viu
[...]*

*Se o perigo ao navio cessasse,
E pudesse ele avante seguir,
Até onde seguro ancorasse, posto aos ferros da proa a cair.
Do bom santo que foi Pai de Cristo,
Só em nome, sabe-lo, está visto,
Mandariam uma imagem buscar, para ser colocada na ermida,
Que eles viriam na Ponta Atrevida
Que ali cresce e se interna no mar.*

*Mal o voto foi feito e jurado,
Tudo à calma, à bonança voltou;
Fez-se um lago o mar alto e cavado,
Vento rijo tufão que passou.
Já no céu brilha o Sol cintilante
E o navio aprumado num instante
Arfa e joga sem perigo já ter.
Segue avante, caminho direito,
Passa o mar, passa rápido e estreito,
Corta as ilhas, e o ponto foi ver [...]*

²⁷ Pietro de Castellamare é o pseudônimo usado pelo maranhense Joaquim Maria Serra Sobrinho. Segundo os dados obtidos por meio do Anais da Câmara dos Deputados, Joaquim Serra exerceu o magistério como professor de Gramática e Literatura, no Liceu de São Luís; Deputado Geral pela província do Maranhão e Secretário do Governo, na província de Paraíba. Segundo a autora Andréa Santos da Silva Pessanha (2006, p.100), “a aproximação com Machado de Assis levou-o para a vida literária. Em 1868, fixou residência no Rio de Janeiro, passando a exercer o jornalismo. Atuou também nas redações de Reforma, do Diário Oficial, da Folha Nova, adotando vários pseudônimos como Amigo Ausente, Ignotus, Max Sedlitz, Pietro de Castellamare e Tragababas”.

Essa versão foi escolhida por fazer parte de uma compilação das narrativas transmitidas ao longo de séculos sobre a origem de São José de Ribamar. Pela análise, a partir das entrevistas e observações de outros trabalhos sobre a cidade, é possível afirmar que na tradição oral da região, a origem do santuário está ligada à lenda do navio português que esteve prestes a naufragar na baía de São José, região conhecida desde as primeiras navegações como lugar a ser evitado pelas embarcações. Diante do perigo, o tripulante teria clamado pelo auxílio de São José, que concedeu a graça. Assim, em agradecimento pela intercessão do santo em momento de aflição, o navegador trouxe uma imagem de São José proveniente de Portugal para a localidade, ali construíram uma simples capela, onde a colocaram²⁸.

Ainda de acordo com a tradição oral, a imagem de São José deixada pelo navegador português é a mesma disposta ainda hoje no altar-mor da igreja e é objeto de grande devoção. Apesar de essa informação não ser comprovada, sabe-se que a imagem chegou até ali como forma de agradecimento, portanto, como um ex-voto mandado esculpir pelos tripulantes portugueses como resultado de “uma promessa feita e de um favor recebido”. Como evidencia Rodríguez Becerra (1989, p. 123), “o ex-voto para definir-se como tal, há de ser público; dar a conhecer o favor recebido”.

Diversas vezes essa narrativa foi utilizada como referência para a construção de matérias jornalísticas sobre a devoção ao santo. Muitos trabalhos também fizeram uso das fontes orais como base central de informações sobre o início da festividade. Em edição de 1984, no jornal *O Banzeiro*, sob o título *A verdadeira História de São José de Ribamar: um santo milagroso*, noticiando informações alusivas ao surgimento da devoção e da festividade realizada em honra ao santo, informava:

A baía de São José ainda hoje se constitui em enorme perigo para embarcações de grande porte, em virtude dos baixios caudados pela coroa de areia, dentre as quais se destaca a famosa Coroa Santa. Foi um acidente ocorrido na baía que originou a história da devoção a São José. Conta-se que um navegante português de nome desconhecido, mas de muita fé e religião, certo dia, lá pelas primeiras décadas do século XVII entrou por engano na baía de São José onde encalhou o seu navio em um banco de areia. Uma tempestade arrebentou na noite escura e fortes rajadas de vento ameaçavam afundar o navio, quando o chefe português, fazendo uso da sua crença, invocou a proteção de São José, de quem era devoto. O santo lhe atendeu as preces obrando milagre, pois que de imediato cessou a tempestade, dando lugar a um mar sereno e céu estrelado. E o navio conseguiu se livrar dos baixios. Agradecido, o navegador português prometeu que por sua própria conta faria erguer uma capela ali na ponta em frente ao mar e que traria de Portugal uma rica imagem de São José para a ornamentação da ermida. A promessa foi cumprida e a vila de São José ganhou a primeira capela, iniciando daí uma devoção ao santo que se prolonga até os nossos

²⁸ De acordo com a versão mais conhecida, apenas a imagem de São José foi trazida pelos navegantes lusitanos. No entanto, o senhor Antônio Miranda, ex-ministro da eucaristia da igreja de São José, em seu livro *Lenda de São José de Ribamar* (2015), menciona uma versão na qual são trazidas imagens da Sagrada Família.

dias. Na época, a notícia desses milagres começou a atrair devotos e necessitados que aqui vinham buscar curas e confortos (O BANZEIRO, ago. 1984, p.1, nº 13).

A partir da divulgação dessa narrativa, como consta na matéria, a localidade tornou-se cenário de manifestações de fé, uma espécie de centro mítico, “capaz de produzir poderosos sentidos e significados para seus devotos” (STEIL, 1996, p. 37), atraindo romeiros e peregrinos de várias localidades do Maranhão e de outros estados do Brasil, que convergiam para a região durante o mês de setembro. Na obra *Arquitetura e Arte Religiosa no Maranhão*, lançada pelo IPHAN-MA, consta que já no início do século XIX, a devoção ao santo já estava estabelecida na vila de São José, e a localidade já se constituía como centro de peregrinações religiosas (BOGÉA et al., 2008, p. 68). Característica que se mantém até os dias atuais.

Desde muito tempo, essa narrativa do naufrágio estabeleceu uma memória hegemônica do primeiro milagre do santo na região, encontrando lugar de destaque na escrita de cronistas, que registraram uma oralidade cheia de versões e milagres. Essa versão também ganha outras variantes, desenhando outras narrativas e caminhos que conduzem à história do surgimento da cidade e início da devoção e culto à imagem de São José de Ribamar. Todavia, é importante ressaltar que as alterações, muitas vezes, são componentes de um processo que, naturalmente, ocorre com a memória, repercutindo assim na oralidade, ou vice-versa.

As narrativas sobre a origem da devoção ao santo, assim como sobre seus ritos e crenças podem também ser pensados através do debate acerca do conceito de *mito*. O milagre do naufrágio pode ser considerado um evento fundador, ou mito fundador, uma vez que foi a partir desse episódio que a devoção ao santo e sua festividade se estabeleceram na região. O valor significativo desse evento é rememorado ao longo do tempo; deste modo, entendê-lo enquanto um evento fundador ou mito de origem representa compreendê-lo como algo que principia uma experiência social, desencadeada no devir das temporalidades e gerações sucessoras (SANTOS, 2009, p. 24).

Os mitos fundadores estão relacionados a sinais, alianças entre São José e o local escolhido. As histórias mais difundidas dizem respeito à fixação da imagem e ao processo de construção da ermida, hoje Igreja da Matriz, que se encontram registradas no Livro Tombo:

Fez construir modesta ermida, na ponta extrema do promontório e lá depositou o S. José que trouxera, em cumprimento do voto feito. Os habitantes da capital, dizem uns do Lugar dos Índios, afirmam outros cronistas, “desejosos de possuir tão linda imagem, alta noite e as ocultas removeram-na para a Matriz”. O santo era teimoso e gostava do lugar onde o colocaram as mãos crentes do capitão luzo, e foi se acomodar, de novo, quietinho, na pequenina ermida sobre mar (LIVRO TOMBO, 1937, p. 31-32).

O referido trecho faz menção ao misterioso retorno da imagem do santo à ermida de S. José de Ribamar, após vários furtos. Essa versão apresenta elementos simbólicos e míticos, que

dizem respeito a esse tipo de hierofania²⁹, ou seja, manifestação do sagrado. Segundo os cronistas, a imagem de São José foi furtada pelos moradores da vila para ser colocada na matriz, mas em todas as vezes que isso ocorreu, a imagem teria retornado para o local de onde fora tirada, episódio que foi interpretado como milagre pelos habitantes da vila. Daí se difundiram as narrativas da fuga do santo, que se espalharam pelas redondezas, atraindo muitas pessoas para o local a fim de cultuarem a imagem.

Na versão disseminada pelo conhecimento popular, o fato do santo ser encontrado novamente na capela de origem após o episódio, indicaria o lugar exato onde deveriam se fazer presentes a imagem e as bênçãos de São José. Esse fato é interpretado como uma intervenção direta do santo, uma confirmação de sua própria escolha.

Essas narrativas tiveram grande repercussão no imaginário dos devotos, reforçando, dessa forma, a história formadora dos fiéis com o santo. Os lugares onde o sagrado se manifesta se constituem em locais especiais para os fiéis, pois são os espaços do contato com o mundo do divino; é o mundo da transcendência.

De acordo com Mircea Eliade (2002, p. 07), desde a primeira metade do século XX, é possível observar uma mudança sensível no que se refere ao significado do termo mito, antes considerado como “fábula”, “invenção” ou “ficção”. Importante é a nova visão da história dos mitos que os toma na concepção das sociedades que o produzem como uma “história verdadeira” de caráter sagrado, exemplar e significativo, fundamental não somente para o homem religioso do passado, mas de qualquer época.

Conforme salienta o autor, para o homem religioso, as fronteiras entre o mito e a realidade são tênues e funcionam como paradigmas dos atos humanos. Para o autor, o mito

é um ingrediente vital da civilização humana; longe de ser uma fabulação vã, ele é ao contrário uma realidade viva, à qual se recorre incessantemente; não é absolutamente uma teoria abstrata ou uma fantasia artística, mas uma verdadeira codificação da religião primitiva e da sabedoria prática (...) (ELIADE, 2002, p. 19).

Nesse sentido, o *mito* é a narrativa de uma criação e pode ser compreendido como a expressão de uma realidade humana que dá sentido ao mundo que nos cerca, cuja “essência” é uma representação coletiva, conduzida de gerações para gerações.

As histórias sobre naufrágios não se restringiram apenas a São José e nem tão somente à cidade de São José de Ribamar. Exemplo disso são as pesquisas de Frei Venâncio Willeke (1906-1978), frade franciscano que se dedicou a traçar caminhos da devoção a São Francisco,

²⁹ Para o autor Mircea Eliade, o termo *hierofania* indica o ato de manifestação do sagrado. Para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. “O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania” (ELIADE, 1992, p. 13).

na cidade de Canindé (CE). De acordo com o Frei, em seu trabalho intitulado *Um santo conquista o Brasil*, no qual analisa as lendas miraculosas ligadas à construção do santuário de Canindé,

o historiador moderno não se contenta com piedosas lendas e multisseculares tradições quando se trata de explicar a origem de santuários e devoções populares. Quem aceita a ingênua origem lendária de capelas e igrejas atribuídas ao aparecimento de alguma imagem em plena mata e que, levada à igreja mais vizinha, teria voltado ao mesmo lugar para assim dar a entender a vontade do santo de ser venerado naquele local indicado? Tal lenda muito espalhada em Portugal, e em toda a Europa, proliferou no Brasil de Norte ao Sul, desde o começo da colonização (WILLEKE, 1962, p. 6).

Esse protótipo de edificação de santuários é observado em outras regiões, sendo uma adaptação que se encontra inserida em um conjunto, generalizado no universo católico, de crenças atribuídas a imagem de santas e santos achados. Segundo o autor, essa mesma lenda se aplica a Santo Antônio, em paróquias de Pernambuco, Bahia e Pará (WILLEKE, 1962, p. 6).

Nessa modalidade de achado de imagem está também a devoção a N. S.^a de Nazaré, em Belém, por exemplo. Após ser encontrada dentro de um rio, a imagem foi revestida de sacralidade e o local se transformou em um centro de peregrinação, o que faz levantar hipótese da imagem e do local de seu achado sacralizados por um mito de origem (RAMOS, 2020). De acordo com Carlos Alberto Steil,

quando comparamos os mitos e lendas em torno dos santuários brasileiros, nos damos conta de que há um padrão de signos, símbolos e narrativas que se repete, apontando para uma estrutura comum que ordena a cultura brasileira. Em outras palavras, esses mitos e lendas não devem prender na singularidade do episódio narrado, mas sim nos conduzir, como guia, por caminhos que nos levem a uma melhor compreensão da tradição que subjaz à nossa cultura (STEIL, 2001, p. 29).

As narrativas míticas e as lendas populares são recursos importantes, dos quais os grupos sociais se utilizam para guardar a memória do passado. Em São José de Ribamar, os poucos escritos existentes sobre o aparecimento da imagem de São José na região fazem referência a essas narrativas mencionadas, tomadas como explicação para o surgimento desse culto na localidade, sendo que além do templo do qual o santo é orago, uma imensa estátua feita em sua homenagem se eleva e se impõe no espaço principal da dita cidade.

1.3 O mar

Em março de 1996, uma matéria do jornal *O Estado do Maranhão* comentava que a origem da igreja de Ribamar “motivou a crença fervorosa em São José como um santo envolvido com os mistérios do mar” (O ESTADO DO MARANHÃO, 17 mar. 1996, p.5, nº 11.657). Tal enredo sobre a origem de São José de Ribamar transparece, em primeiro plano, a presença de resquícios do imaginário europeu. Para essa compreensão, é válido atentarmos para

o fato de que em Portugal, nesta época, já existia o culto a São José e que não foi por acaso a escolha desse santo como intercessor dos navegantes portugueses em momentos de aflição. Ao falar de São José, a autora Maria João Coutinho salienta que

[...] se dissecarmos a história da igreja em Portugal, nos séculos XVI e XVII, para além de constataremos o quanto foi particularmente glorificado no contexto secular, verificamos a importância que teve no interior de algumas ordens religiosas, bem como o fato de ter tido um enorme apreço, por parte dos monarcas de então. O fato de o dia desse santo ter sido o do nascimento de D. João IV, situação já em si considerada como um bom presságio para o bom desempenho do rei, juntamente com a circunstância de ter sido eleito como santo tutelar do reino no período da Restauração, consolida esta perspectiva (COUTINHO, 2019, p. 288).

Como salienta a autora, a presença de São José em Portugal, ainda que não seja considerado um dos santos populares, tem a sua devoção bastante difundida³⁰. Além desses aspectos, essa narrativa contribui também para abordar o fato de que muitos tripulantes portugueses recorriam à intervenção dos santos diante dos perigos que os ameaçam no mar, como forma de dominar e exorcizar o medo, os receios e perigos. Os navegantes se fiavam ao santo para enfrentar os perigos do mar.

Desde as Grandes Navegações³¹, como destaca Laura de Mello e Souza (1986) em *O Diabo e a Terra de Santa Cruz e Inferno Atlântico*, o mar se configurava como um espaço de medo. Nas viagens portuguesas do século XV, havia a presença marcante do imaginário de herança medieval, a impor dificuldades que pouco tinham a ver com problemas técnicos.

Em torno do mar, havia muitos mitos que povoaram o imaginário da Idade Média, constituindo-se num universo prodigioso e exótico, onde se concentravam mitos religiosos, os sonhos de riquezas e desejos contidos. Como salienta a autora, “numa época em que ouvir valia mais do que ver, os olhos enxergavam primeiro o que se ouvira dizer; tudo quanto se via era filtrado pelos relatos de viagens fantásticas, de terras longínquas, de homens monstruosos que habitavam os confins do mundo conhecido” (SOUZA, 1986, p. 21-22). Com a conquista da América, essas representações se multiplicaram, pois tudo aquilo que havia de exuberante ou de estranho no Novo Mundo foi identificado com as imagens que circulavam na mentalidade europeia.

As crenças, já muito conhecidas, sobre a natureza fantástica e perigosa do mar, habitado por seres fantásticos de toda espécie, movido por clima hostil e repleto de armadilhas que

³⁰ *Santos populares* é a expressão utilizada pelos portugueses para se referirem a S. Antônio, S. João e S. Pedro, celebrados no mês de junho com as grandes festas de Lisboa.

³¹ Processo de expansão marítimo/comercial, que impulsionou os países europeus após a centralização político-administrativa nas mãos dos monarcas e a definição das fronteiras nacionais, serviram para a busca de novas rotas marítimas e para encontros com outros povos em regiões até então não contactadas pelos europeus. Necessário salientar que não foram todos os países europeus que a empreenderam.

ameaçavam o retorno seguro dos viajantes, nem sempre conseguiam ser superadas. Laura de Mello e Souza (1986) chama atenção ainda para o quão frágeis eram os limites do real e do imaginário nos registros não só dos navegadores ibéricos, mas principalmente dos viajantes e cartógrafos medievais. Para a autora,

as narrativas de viagens aliavam fantasia e realidade, tornando fluidas as fronteiras entre o real e o imaginário: aventuras fictícias como as de São Patrício continham elementos extraídos do mundo terreno, aventuras concretas como a as de Marco Pólo se entremeavam com relatos fantásticos, com situações inverossímeis que, tendo ouvido de alguém o mercador acreditava ter vivido (SOUZA, 1986, 37).

Assim, tendo isso em vista, muitos olhares e imagens referentes a esse tempo foram configurados a partir dessa perspectiva. Os próprios relatos, lendas e narrativas de viagens, mesclando o fantástico com o real, narram a existência desse cenário.

Diante do exposto, é certo que se tornou prática comum muitos tripulantes pedirem proteção aos santos, em busca de uma travessia segura e tranquila. Jean Delumeau (2009), na obra *História do Medo no Ocidente*, faz menção a ex-votos napolitanos do final do século XVI, que representavam os navios e o temor dos marinheiros diante do mar. Em uma relação em que pedir e agradecer se interpenetram, os tripulantes presenteavam os santos com tábuas votivas e outras oferendas³² em agradecimento a determinados benefícios alcançados. Nesse sentido, o historiador Jean Luiz Abreu destaca que

encomendados pelos marinheiros para agradecer aos santos por os terem salvos de tempestades e naufrágios, esses ex-votos marítimos foram bastante usuais em Portugal. [...] Diversos exemplares dessas tábuas preenchiam também as paredes dos santuários brasileiros, sendo boa parte deles ofertas de portugueses que se aventuravam em contínuas viagens para o Brasil (ABREU, 2001, p. 30-31).

De acordo com o autor, essa prática não se restringiu apenas à época das expedições marítimas e nem tão somente a uma região específica. No *Vocabulario Portuguez e Latino*, organizado pelo padre Raphael Bluteau, o termo ‘voto’ é definido como tudo “o que se pendura no altar de um santo em agradecimento da mercê recebida, e em satisfação do voto que se fez” (BLUTEAU, 1728, p.582). Ainda de acordo com Bluteau, a prática votiva remonta à Antiguidade, uma vez que os romanos costumavam “pendurar nos altares de suas fabulosas deidades, uns fragmentos de tábuas dos navios que tinham escapado do naufrágio, em que se via pintada a mercê, que imaginavam ter recebido por intercessão do nome, ao qual se tinham encomendado”. Destaca ainda que havia “votos de cera, de prata e quadrinhos” (BLUTEAU,

³² A oferenda é característica inerente de muitas religiões e precisa ser analisada de acordo com o contexto. Pode ser caracterizada como “uma retribuição a algo que os deuses proporcionaram, ou talvez algo pedido anteriormente” (GAARDER, 1952, p. 25-28).

1728, p. 582). Nesse sentido, é possível perceber que, desde os mais recuados tempos, a prática de oferecer objetos por graças atendidas apresenta um grande vigor.

A historiadora Beatriz Catão Cruz Santos (2009), salienta que durante o processo de expansão e colonização portuguesa dos territórios além-mar há diversos indícios da presença dos santos, explicada, em parte, pela missão evangelizadora assumida pela coroa portuguesa:

topográficos, como o nome das cidades; arquitetônicos, como os padrões, os fortes e as capelas e – para usar um termo impreciso, provisório – os registros escritos, como os relatos de viagens, os sermões e os vilancicos. Nestes registros, há uma homenagem a estes seres extraordinários, seja pela capacidade de mediar a relação com o divino, por seu poder taumatúrgico e/ou por constituírem modelos de vida (SANTOS, 2009, p.147).

Considerando o que foi exposto até aqui, embora não se tenha registros sobre os caminhos percorridos, quem a produziu e a ofertou, acredita-se que a imagem de São José e o seu culto tenham sido introduzidos no município de São José de Ribamar por essa tradição dos navegantes lusitanos, uma vez que há a existência de uma proximidade de rituais semelhantes para agradecer aos santos a sobrevivência de mais uma viagem marítima, tal qual o enredo transmitido pelo mito do *santo milagroso* apresentada anteriormente.

Nesse contexto, o evento do *milagre* é importante para refletir como se desenvolveu em São José de Ribamar uma cultura religiosa, resultante de um complexo processo histórico, no qual é possível observar elementos religiosos de diversas temporalidades e origens diluídos em cerimônias, práticas cotidianas e na experiência da fé dessas pessoas. Este é fundamental na relação de uma devoção, pois é a partir do provável milagre, que a santidade tende a se construir e se difundir.

Santo Agostinho (354-430) defendia a ideia de que os milagres eram sinais do poder divino e prova da santidade dos nomes invocados para obtê-los. Isso significa, assim, crer no poder e na capacidade do santo em manifestar-se àquele que se mantém devoto às suas ações protetoras. A partir dessa definição, pode-se concluir que o milagre é, acima de tudo, um *sinal* que atesta a presença do sagrado. De acordo com Eliade (2002, p. 8), o sagrado se manifesta de muitos modos: trata-se, por exemplo, de ritos, de mitos, de formas divinas, de objetos sagrados e venerados, de homens sagrados, de plantas e animais sagrados. O milagre entendido como sinal é um exemplo dessa manifestação.

No que diz respeito à santidade, Vauchez (1987) salienta que o conceito se encontra em grande parte das religiões, caracterizando-se tanto como uma ruptura da condição humana, bem como a possibilidade de se estabelecer uma relação com o sagrado. Assim sendo, os santos podem exercer a função de modelo de conduta da religião cristã, desempenhando importante papel nas vivências de homens e mulheres no mundo terreno.

De acordo com Ramos (2020, p. 43), cada santo tem determinadas funções e atributos que assumem formas diversas, “mas os santos também possuem poderes diferentes”, podendo ser considerados mais ou menos milagrosos. Esses poderes são expressos com mais eficácia na festa do santo, que em muitas localidades, como em São José de Ribamar, é a data mais importante do calendário.

Em São José de Ribamar, percebe-se que a devoção a São José adquiriu grandes proporções a partir do *eco* das graças e dos milagres concebidos pela intercessão do santo. Nesse contexto, o processo de sacralidade se fez, principalmente, pelas narrativas dos romeiros e fiéis que, ao longo do tempo, buscaram e vivenciaram o santuário, difundido suas histórias de vida e devoção. O Santuário de São José de Ribamar se tornou um templo de importância regional e a principal edificação do município, ponto de atração de devotos e turistas.

Dessa forma, ir às origens da cidade é tentar compreender como Ribamar se constituiu como uma cidade sob a proteção de São José. Para entender melhor a sua trajetória histórica, são importantes as implicações simbólicas e religiosas, que fizeram do local geográfico um local simbólico. O espaço de São José de Ribamar foi construído materialmente e simbolicamente a partir das narrativas de milagres, ações da Igreja e de memórias consagradas como tradição.

2 A FESTA DO “EXCELSO PATRIARCA DA CIDADE”

No mês de setembro
 O Maranhão está em festa
 Todas as famílias se preparam para louvar
 O santo milagroso, que concede tantas graças
 O grande padroeiro, São José de Ribamar
 Romeiros e devotos, com fé no coração
 Vêm ao Santuário, em busca de graças, com amor e devoção.

(Com amor e devoção / Letra e música: Gerson Diniz, 2002)

As práticas religiosas se constituem em uma das vivências mais marcantes de um grupo social, representando, para muitos, um conjunto de experiências que norteiam, de forma direta ou indireta, homens e mulheres durante suas trajetórias de vida. No âmbito religioso maranhense ligado ao catolicismo, evidencia-se a crença e a devoção ao santo padroeiro do estado, São José de Ribamar, as quais são demonstradas através de várias manifestações de fé visíveis, principalmente, durante o mês de setembro, período de realização de sua festa.

Como exposto no capítulo anterior, ir às origens da cidade de São José de Ribamar, é tentar compreender como a localidade se constituiu sob a proteção de São José. Há mais de dois séculos, a população ribamarense convive direta ou indiretamente com a devoção centrada no santo padroeiro. Ao longo de seu processo de estruturação, a festa em homenagem ao santo passou por mudanças significativas, transformando-se no centro do calendário ribamarense e sua mais proeminente manifestação cultural e religiosa.

Importante ressaltar que estudar as festas não é tão simples quanto apenas observar e aceitar o que é evidente à primeira vista. Elas são moldadas por uma complexa teia de interesses comuns e divergentes, interpretações, experiências diversas, mecanismos de controle, negociações, lembranças e esquecimentos que dão à celebração sentidos particulares. Diante disso, o presente capítulo tem como objetivo analisar a Festa de São José de Ribamar, de forma a tentar compreender a sua evolução, e a complexidade e diversidade de elementos que a compõe.

Em grande medida, pode-se afirmar que a sua estrutura organizacional, sua relação com o Estado, as mudanças estruturais mais recentes, portam elementos significativos gestados no processo de reorganização do catolicismo na sociedade brasileira, muito trabalhado pela historiografia sobre a Igreja Católica no Brasil. Assim, o capítulo também pretende refletir sobre a presença da Congregação da Missão Província Holandesa na cidade, a partir da década de 40 do século XX, de forma a entender como a congregação atuou na manutenção e

fortalecimento da festa, e quais as diferenças apresentadas na sua estrutura e organização no período em que estiveram responsáveis pela administração da paróquia.

2.1 Festas Religiosas

Herdeiras de tradições culturais antigas, as festas de devoção aos santos são marcadas por um referencial de fé, promessas, orações e romarias que compõem a identidade e o imaginário das regiões e localidades onde são celebradas. Em muitas localidades, as comemorações podem ocorrer com a simples realização de uma missa, uma procissão, romarias, uma pequena quermesse ou até mesmo com megaeventos, que chegam a extrapolar as fronteiras locais e estaduais, tais como o Círio de Nazaré, realizado no mês de outubro, em Belém, no estado do Pará, Juazeiro do Padre Cícero e São Francisco do Canindé, no Ceará, e no caso do Maranhão, os festejos de São Raimundo Nonato dos Mulundus e, destacadamente, o de São José de Ribamar.

Os milagres atribuídos a São José de Ribamar provocaram o surgimento de um processo devocional crescente com relação ao santo, que passou a ser o grande padroeiro, referência para ampla parcela dos maranhenses. A festa em sua homenagem evidencia e materializa a sua popularização e a forte presença da religião católica na região, fato expressado pelas múltiplas homenagens feitas ao santo, como é o caso da adoção de seu nome em estabelecimentos, como casas comerciais, logradouros públicos, hotéis, entre outros encontrados em variados pontos da cidade.

Tendo em vista a importância atribuída a essa festa, enquanto forma de reafirmar e ampliar a fé depositada em São José, faz-se necessário compreender o significado com que a festa, em seu sentido mais amplo, se reveste, seja ela percebida no âmbito do sagrado ou do marcadamente profano, no campo público ou no mundo privado, uma vez que a festa é uma celebração presente em todas as culturas, configurando-se como momentos especiais para pessoas, grupos, comunidades e povos que as realizam.

Ao pensarmos na palavra *festa*, nos vem à memória um vasto campo de possibilidades analíticas, entre elas a observação do seu caráter profano, a percepção de sua dimensão sagrada ou a interpenetração dessas duas dimensões nas celebrações festivas, notadamente nas festas ditas religiosas, organizadas em homenagem aos santos. Quanto a isso, no âmbito das mais diferentes culturas, os povos demarcaram tempos e espaços festivos que não seriam possíveis em seus limites domiciliares, por entenderem que determinados ritos propiciatórios à comunicação com o transcendental demandavam a construção de locais específicos para isso.

Diante disso, muitas vezes “um sinal qualquer basta para indicar a sacralidade do lugar”, como bem explica Mircea Eliade, em sua obra *O Sagrado e o Profano*:

Quando não se manifesta sinal algum nas imediações, o homem provoca-o, pratica, por exemplo, uma espécie de *evocatio* com a ajuda de animais: são eles que mostram que lugar é suscetível de acolher o santuário ou a aldeia. Trata-se, em resumo, de uma evocação das formas ou figuras sagradas (ELIADE, 1992, p.20).

Esta forma de manifestação do sagrado é conhecida como *hierofania* e corresponde à compreensão de que este pode se manifestar por meio de seres e coisas que adquirem outro sentido para representá-lo, mesmo que permaneçam sendo o que sempre foram. Em outros termos, o objeto, a coisa, o ser não se distinguem dos outros pela sua forma física, mas se tornam sagrados por sua dimensão simbólica. Tornam-se diferentes, mas continuam sendo o que eram e participando do mundo comum que os envolve (ELIADE, 1992).

Ainda segundo Eliade (1992), o sagrado cria um elo entre a transcendência e a sua materialidade, pois o homem religioso, ao sacralizar o mundo, distingue o espaço sagrado de outros. De acordo com o autor, pode-se dizer que as práticas religiosas estão baseadas na existência de uma posição dual: o sagrado e o profano. Desta forma, a fé, a crença e as práticas religiosas levam o homem a vivenciar seus ritos em espaços sagrados, transformando-os, portanto, em lugares especiais nos momentos em que se encontra para orar, agradecer e/ou regenerar suas forças físicas e espirituais.

O autor ainda explica que, para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, pois apresenta “roturas e quebras”. Essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência dessa oposição entre o espaço sagrado, que por sua vez é considerado o único real, sendo todo o resto a extensão informe do profano, que o cerca (ELIADE, 1992, p. 17). Nessa perspectiva, o sagrado e o profano se constituem em maneiras de ver e estar no mundo, que permitem às mais diferentes pessoas se posicionarem diante de sua própria existência. Nas comemorações em homenagem a São José de Ribamar, o sagrado e o profano estão largamente presentes, no entanto, diluídos e imbricados nos vários momentos da festa.

Diante do grande significado que as religiões desempenharam e desempenham na vida de homens e mulheres, no tempo e no espaço, muitas áreas do conhecimento, como é o caso da História, têm suas concepções, suas normas, seus rituais, enfim tudo que diz respeito ao universo do sagrado e sua institucionalização como objeto de análise. Quanto a isso, algumas definições acerca das religiões se relacionam com o conhecimento aprendido, acumulado e transmitido através de ritos, crenças e valores que um grupo social compartilha, a partir de uma prática coletiva ou individual, em busca de sentido para os indivíduos que a ela recorrem. Nesse sentido, Irene Jurkevics define religião como “expressão de um ideal coletivo, portanto um

componente do social, mas ao mesmo tempo, um paradigma de uma instituição social onde as características de todas as outras instituições mostram-se mais claramente, dando-lhes sentido, consistência e permanência” (JURKEVICS, 2004, p. 9).

Levando em consideração o sentido, a consistência e permanência que caracterizam as religiões, tais aspectos são de fundamental importância para compreender e pensar a Festa de São José de Ribamar, nos marcos do catolicismo no Maranhão, principalmente na cidade que leva o nome e da qual o santo é o padroeiro. Motivação, por sua vez, que direcionam os fiéis para esta cidade para participar de sua festividade, sem contar com a prática corriqueira de rezas, orações individuais e comunitárias, conferindo sentido à existência e estimulando-os a continuar na lida diária. A devoção ao santo é um dos elementos que podem ser analisados como forma de manifestação e vivência de fé por parte da população local e de outras regiões.

Se, por um lado, a religião é compreendida como um conjunto de doutrinas e práticas institucionalizadas que visam a uma ligação com o sagrado, a religiosidade, nesse contexto, relaciona-se diretamente com o sentimento do religioso de que os seres humanos são portadores e, essencialmente, pode ser explicada como o “sentido individual da crença, o encontro solitário com o sagrado, que exige um afastamento do mundo profano” (JURKEVICS, 2004, p.23), definições que não abarcam toda a complexidade que envolve as religiões e as vivências do religioso.

Partindo dessa perspectiva, a religião se “apresenta como uma organização racional da fé, enquanto a religiosidade atesta ao fiel o sentido interno do sagrado” (JURKEVICS, 2004, p.23). Por sua vez, os conceitos referentes à religiosidade abrangem práticas que muitas vezes não são aceitas pelas religiões oficiais, isso porque, como afirma Sonia Siqueira, “a religião é continente da religiosidade, mas esta pode se desprender das instituições e existir mesmo fora dos lugares sagrados, sem a sacralização de objetos, a organização de cultos e as oferendas” (SIQUEIRA, 2007, p. 143). Nesse sentido, a religiosidade é a atividade constante de apropriação de elementos do universo da religião oficial, ao mesmo tempo em que uma invenção de outros novos, bem como as transformações ocorridas no mesmo âmbito.

Diante disso, embora tenha necessariamente uma relação com o sagrado, a religiosidade não está ligada a uma religião específica, dado que significa dizer que o devoto não precisa estar ligado a uma Igreja para ter contato com o sagrado. Dentre outras formas, essas vivências do religioso podem se dar de forma pessoal e singular, o que não significa excluir a possibilidade de que o indivíduo que não seja filiado a nenhuma religião, participe de práticas coletivas como romarias, festas de santo, novenas e de penitências. Como salienta a autora Martha Abreu, em seu livro *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de*

Janeiro, os “homens e mulheres criam, partilham e se apropriam de valores, hábitos, atitudes, crenças, músicas e festas religiosas para estabelecer ligação com o sagrado” (ABREU, 1999, p.85).

Como já mencionado, esse contato estabelece uma relação do devoto com o santo de sua devoção, por aquele acreditar que o santo realizará as suas preces, de acordo com as penitências e a união de pessoas com o mesmo objetivo espiritual. Logo, “entendemos que as devoções piedosas em torno dos ‘santos do povo’, emergem como uma construção simbólica desse constante movimento, entre o sagrado e o não consagrado” (JUKERVICS, 2005, p.74).

Assim, ao pensarmos na importância da religião para a formação individual e grupal, percebemos ser possível analisar que o homem religioso possui uma forma de ver o mundo a partir da sua fé e tradições que ela envolve. Neste sentido, as religiões explicam o mundo e a vida, além de constituírem uma ética para a existência. Em muitos casos, a religião é capaz de conduzir as ações cotidianas e de amenizar os conflitos a partir da busca do indivíduo pela prática religiosa. Conforme Siqueira, em toda e qualquer religião, “ideias e sentimentos se interpenetram, pois sintetizam o que o homem deseja da vida e de seu destino. Aquele que crê, necessita da comunidade para exercitar sua fé, levando, pois, à institucionalização religiosa em Igrejas ou seitas” (SIQUEIRA, 2007, p. 144).

Portanto, além de mediar a comunicação entre o homem e o transcendente, a religião também tem o “poder” de fazer disso a própria realidade vivida em sua maior potencialidade, criando dialetos, ritos, festas, para representar o vivido e o próprio sentido de vida dos que vivem esse contexto religioso, fazendo com que tanto o meio secular quanto o das práticas religiosas estejam intimamente ligados.

A oração, o culto e o sacrifício como a própria oferenda são características inerentes de muitas religiões. A oração caracteriza-se como uma comunicação pessoal com deus, o culto, por sua vez, possibilita o contato com o sagrado e por isso é realizado em locais sagrados, sendo conduzido por pessoas consagradas ou não consagradas para este trabalho. Já a oferenda caracteriza-se como “uma retribuição a algo que os deuses proporcionaram, ou talvez algo pedido anteriormente”, estabelecendo a comunhão entre quem dá e quem recebe. Partindo desta perspectiva, muitas festas religiosas surgiram em retribuição a graças alcançadas, ou seja, foram organizados como uma forma de oferenda³³. A festividade de São José de Ribamar, por

³³ As oferendas precisam ser analisadas de acordo com o contexto. Pode adquirir, entre muitos outros objetivos, a comunhão com os deuses. “É comum oferecer os primeiros frutos da estação, uma fração da carne que foi caçada ou da colheita do ano”. Portanto, é uma expressão de gratidão e desejo de que a proteção continue (GAARDER, 1952, p.25-28).

exemplo, tem sido caracterizada pelo pagamento de promessas e pela entrega de *oferendas*, sendo que todos os esforços são válidos para participar da festa desse santo padroeiro.

Em face do até aqui apresentado, podemos compreender a festa e, por extensão, as festas religiosas como um campo constituído de elementos, símbolos e estruturas sociais relacionadas à construção ou afirmação de identidades. Por consequência, as festas apontam as estruturas das sociedades em que estão inseridas, pois, como muito bem observa Rita de Cássia Amaral, de acordo com o contexto, a festa

é capaz de [...] diluir, cristalizar, celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social particular dos grupos que a realizam. É ainda o modo de se resolverem, ao menos no plano simbólico, algumas das contradições da vida social, revelando-se como poderosa mediação entre estruturas econômicas, simbólicas e míticas e outras aparentemente inconciliáveis (AMARAL, 2001, p. 8).

Nesta perspectiva, a festa revela crenças e vivências individuais e coletivas e a cultura mais ampla de uma comunidade, num determinado tempo, além de contribuir para reforçar o sentimento de pertencimento e laços entre seus membros, como também para a preservação de sua identidade como grupo, cabendo lembrar que identidade não é algo fixo, tampouco imutável (WOODWARD, 2000, p. 13). Constituem momentos de celebração da vida, mudanças no ritmo monótono do cotidiano, permitindo aos indivíduos vivenciarem afetos e emoções. Sendo assim, as festas revelam o respeito à fé, que alimenta as manifestações religiosas e perpetua tradições dos indivíduos e grupos envolvidos.

Para o historiador Michel Vovelle (2004), as festas não possuem estrutura fixa e são suscetíveis a mudanças constantes. Em razão desta mobilidade, as festas se transformam, sendo realizadas em momentos distintos para sociedades diferentes, mas que se utilizam da mesma simbologia. Nesse sentido,

assim como não há uma História imóvel, também não há uma festa imóvel. A festa na longa duração, assim como a podemos analisar através dos séculos, não é uma estrutura fixa, mas um continuum de mutações, de transições, de inclusões com uma das mãos e afastamentos com a outra (VOVELLE, 2004, p. 251).

Ainda de acordo com o autor, embora o tempo festivo seja repetido ciclicamente, esse tempo não é imóvel, nem ao menos imutável, trazendo consigo a capacidade de promover uma sociabilidade e sentimento de pertencimento e identidade em determinado grupo social. Transições e mutações que estão claramente constatadas nos festejos de São José de Ribamar, na medida em que neles vão surgindo novas formas de celebrar e viver a festa; em que novos elementos vão sendo observados e sentidos pela comunidade festiva, fazendo com que aquilo que foi alterado seja rememorado com uma nostalgia evidente, reveladas em frases como “antigamente é que era bom”, “antes era diferente”, entre outras.

Nesse sentido, o estudo sobre a festa de São José de Ribamar, a partir de uma perspectiva de longa duração, poderá revelar os efeitos da passagem do tempo sobre suas estruturas, evidenciando o fato de que não estão, e por definição não são, imóveis ou imutáveis. Apesar dos festejos acontecerem anualmente, não compõem uma estrutura fixa. Apresentam mudanças estruturais que podem ser visibilizadas.

2.2 “No mês de setembro, o Maranhão está em festa”

“Setembro é o mês de festejar o padroeiro do Maranhão”, dizem os frequentadores da festa de São José de Ribamar. Muitos santos da Igreja Católica são padroeiros de cidades, de uma região ou um país e, diante da grande importância que assumem, são celebrados com festas próprias. Conforme já mencionado, essas festas podem atingir os mais diversos graus de grandiosidade, de acordo com o volume de atividades realizadas, expressão de fé, período de realização com menor ou maior continuidade, entre outros parâmetros.

A Festa de São José de Ribamar, tema central desta investigação, ocorre todos os anos no mês setembro, atraindo para a cidade de Ribamar uma expressiva quantidade de visitantes: em grande parte sujeitos “de fé”, espirituosos, manifestantes agradecidos pelos pedidos atendidos e pela esperança de futuras graças a serem alcançadas. Mediante a escassez de documentos e literatura que discorra sobre o período inicial da busca pela cidade de São José de Ribamar por motivos religiosos, principalmente sobre o início e os primeiros responsáveis pela organização das celebrações que se transformaram na atual festa de São José de Ribamar – fluxo que segundo a tradição oral da região data do século XIX –, recorreremos aos poucos escritos idealizados com a finalidade de apresentar a história da cidade e do santo, e a partir deles tentar construir uma leitura sobre a história da festividade³⁴.

Ao longo do processo de sua estruturação, a festa de São José se consolidou como a principal referência no calendário social e religioso da região. Devido aos preparativos, à realização e aos impactos, a cidade sofre em seu meio de vivência (re)arranjos espaciais

³⁴ A maioria das obras que discorrem sobre a memória histórica da cidade, levam em consideração as narrativas difundidas pelo senhor Antônio José Miranda, que já desempenhou a função de ministro da eucaristia da igreja de São José de Ribamar. Em relatos concedidos através de entrevistas, Antônio Miranda sempre enfatiza que é um amante da história e historiador por vocação. Durante os anos, preservou um grande acervo histórico da cidade de Ribamar, da festa e de sua constituição. No que diz respeito à festa, segundo ele, “alguns escritos apontam para a data de 1821, como o primeiro registro de um aglomerado de pessoas formando romaria de vários lugares e supõe-se que a partir dessa data, o festejo tenha começado” (Entrevista concedida em 27 de março de 2023). É importante ressaltar que, no que respeita à produção de escritos sobre a história da cidade, não foi possível encontrar registros que evidenciassem a exatidão dessa data. São poucos os documentos relatando a devoção nos seus primeiros anos.

significativos. De modo geral, há investimento em sua infraestrutura, especialmente nos ambientes onde tradicionalmente se realizam as principais celebrações, que reúnem um grande número de participantes: as romarias, novenas e procissões.

Por um longo período, a paróquia de São José de Ribamar esteve sob administração dos padres lazaristas holandeses, e posteriormente, entregue à administração dos padres diocesanos. No ano de 2009, a paróquia passou a ser dirigida pelos párocos solidários³⁵, que deste então são responsáveis pela sistemática dos cultos e administração dos bens e serviços paroquiais³⁶. No que diz respeito à organização das celebrações religiosas, de acordo com informações divulgadas pela Pastoral da Comunicação (PASCUM) do santuário, a festa em homenagem a São José é planejada em colaboração entre os párocos solidários, o governo episcopal da Arquidiocese de São Luís e toda a comunidade paroquial de São José de Ribamar.

Os preparativos, o planejamento e a seleção das equipes organizadoras ocorrem nos meses que antecedem a festa, sendo que durante os meses de julho e agosto são realizadas as peregrinações Pré-Festejo da imagem de São José. Após a organização dos conselhos e párocos para a definição das paróquias, comunidades e famílias a serem visitadas, a imagem peregrina³⁷ de São José de Ribamar percorre diversos lugares, convidando os romeiros para a *grande festa*, além de, segundo o padre Gutemberg Feitosa, esse período de peregrinação “preparar a cidade para celebrar o grande padroeiro, o santo do povo” (JORNAL DO MARANHÃO, ago. 2017, p.11, nº 94).

No ano de 2018, o período da festa se expandiu, passando a ser realizada durante todo o mês de setembro, com uma vasta programação de missas, consagrações, romarias terrestres e marítimas, novenas e procissões. Além da procissão e romarias tradicionais, outros eventos passaram a ser incorporados à programação do período festivo. Essa programação de trinta dias causou estranhamento em muitos da comunidade, especialmente entre aqueles que participavam da festa há muitos anos ou que já tinham algum conhecimento sobre ela e sua história, como pode ser observado na fala da devota: “quando começou esse negócio de um

³⁵ São chamados de Párocos Solidários, quando um grupo de padres assume de forma solidária e conjunta a responsabilidade por todos os assuntos pastorais e administrativos de uma paróquia. Neste caso, há entre eles um moderador ou coordenador, que responde diante do Bispo e da sociedade civil pelas questões administrativas e coordena as atividades pastorais.

³⁶ Ver: Paróquia celebra septuagésimo terceiro aniversário de sua criação. Disponível em: <http://pascomsjr.blogspot.com/2015/04/parouquia-celebra-septuagesimo-terceiro.html>. Acesso: 26 de julho de 2013.

³⁷ Nome dado à imagem que percorre as paróquias, comunidades, escolas, hospitais durante os dias de celebração.

mês, na verdade eu só vou na última semana. A nossa igreja, a nossa festa teve muita mudança minha filha, nunca vi isso, perdeu o sentido”³⁸.

Apesar da mudança no período de realização, a programação de abertura não sofreu alterações. O programa religioso da festa se inicia com a realização de uma romaria, em que a população é despertada às cinco horas da manhã com o toque da alvorada, com músicas, orações e fogos de artifícios. O atual percurso, que foi instituído em 2008, é feito a pé, saindo da Paróquia Sagrado Coração de Jesus, no bairro do Moropóia, em direção ao Santuário de São José de Ribamar, onde ocorre a missa às seis horas da manhã. Este é um dos momentos em que a imagem peregrina do santo percorre as ruas principais da cidade durante o período festivo.

Figura 9 – Romaria da Alvorada



Fonte: Paróquia e Santuário de São José de Ribamar, 01 de set. 2023.
Autoria: Ribamar Carvalho.

Pode-se dizer que a última semana da programação corresponde à festa propriamente dita, com o início do novenário de São José, um período de nove dias em que se realizam orações e práticas litúrgicas. Vale destacar que a organização de cada dia da novena fica sob responsabilidade de grupos específicos, incluindo paróquias, conselhos das comunidades, movimentos religiosos, entre outros setores associados ao santuário. O “grande encerramento” da festa, sempre em um domingo, pode ser considerado o ponto alto das homenagens ao santo, tanto pelo número de pessoas, que acaba por gerar o aquecimento nas vendas do comércio, como pela intensificação do fervor religioso no espaço. Ao longo desse dia, acontecem várias missas campais, que antecedem a última e principal procissão do período oficial da festa.

³⁸ Entrevista realizada com T.J.C.M, concedida em 29 de julho de 2023.

Os preparativos para o domingo de encerramento se iniciam no dia anterior, com a celebração de descida da imagem de São José de Ribamar, único momento do ano em que a imagem “oficial” do santo desce para o oratório, para a procissão de encerramento. Esse momento adquire grande importância pelos significados, pelos valores coletivos e pela sacralidade da imagem de São José para os fiéis e devotos. A imagem do santo é um dos elementos simbólicos mais importantes dessa devoção, pois foi a partir dos relatos sobre a sua chegada, que se desenvolveu o culto ao santo na região, transformando-se nesse espaço de peregrinação e devoção.

Figura 10 - Ritual de descida da imagem original de São José de Ribamar



Fonte: Paróquia e Santuário de São José de Ribamar, 30 de set. 2023.

Em virtude disso, é possível afirmar que a *Grande Procissão* representa o ápice da programação, pois marca o encerramento do festejo e reúne o maior número de participantes. As primeiras demonstrações de fé começam dentro da igreja, que recebe muitos visitantes e devotos desde as primeiras horas da manhã. Do lado de fora, muitos se concentram na praça para assistirem o início das celebrações litúrgicas.

Na *Grande Procissão*, que se inicia às 16h, um grande número de romeiros e devotos seguem o cortejo que leva a imagem do padroeiro pela avenida principal da cidade, fechando o ciclo festivo³⁹. Em muitos momentos, ocorre um certo tumulto, pois muitos devotos disputam

³⁹ Entende-se por cortejo o grupo de pessoas que acompanha quem vai em ato de pompa, sem necessariamente ter conotações religiosas. Embora às vezes seja usado como sinônimo de procissão, sabemos que este termo se refere às cerimônias eclesiais, nas quais o povo, o clero, e autoridades se dirigem de um lugar para outro, portando cruz, andores com santos, e rezando orações e ladainhas. Para maiores esclarecimentos, consultar: BLUTEAU, Pe. Raphael (1638-1734). Vocabulário português e latino, v. 6: Letras O-P. Lisboa: Oficina de Pascoal da Silva, Impressor de Sua Magestade, 1720, p.756. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5442>>. Acesso em: 06 ago. 2023.

a possibilidade de chegarem mais próximo do andor do santo. Durante o percurso, observam-se crianças vestidas de anjo, representando São José e Nossa Senhora, pessoas carregando velas, maquetes, objetos e réplicas de partes do corpo em cera, como retribuição aos milagres e graças conquistadas por intercessão do santo. Como encerramento, ao retornar à Matriz acontece a última missa campal com a bênção final do pároco, seguida de apresentações musicais religiosas que se estendem ao longo da noite.

Figura 11 – Missa Campal - Encerramento da Festa de São José de Ribamar



Fonte: Paróquia e Santuário de São José de Ribamar, 01 de out. 2023.
Autoria: Ribamar Carvalho.

Durante todo o período da festa é possível presenciar uma intensa movimentação de pessoas e a realização de várias práticas no santuário. Ao longo do ano, algumas dessas situações se repetem, mas não atingem nem de longe a intensidade que se observa durante o período festivo.

As pessoas que se direcionam a Ribamar para participar da festa percorrem caminhos diversos e, neles, o fazem de formas distintas, em conformidade com as condições financeiras de cada um ou com o sacrifício que impunham a si mesmas. Agradar os santos e santas de devoção ou mesmo fazer algum sacrifício para obter êxito nos pedidos feitos era e continua sendo muito comum. Essa realidade transforma esses devotos em romeiros, uma vez que apesar do termo romeiro derivar de Roma, significa, principalmente, a “visitação que se faz a casas de oração, a lugares sagrados e santuários” (BLUTEAU, 1728, p.369), como é caso da visitação ao santuário de São José de Ribamar. Nesse sentido, todos os que se dirigem para o santuário durante esse período podem ser considerados romeiros e romeiras, e são qualificados como romaria os mais diferentes modos por meio dos quais esses ditos “romeiros” chegam ao local.

Oportuno destacar que as peregrinações e as romarias são práticas muito comuns no Brasil, desde os tempos da Colônia. De acordo com Câmara Cascudo (1972), essa manifestação de devoção foi trazida ao Brasil pelos portugueses, e para o seu cumprimento, até os dias de hoje, muitos romeiros deixam para trás as ocupações cotidianas, despendem muitos esforços físicos, ultrapassando os seus limites em busca de um “lugar sagrado”. Muitas romarias assumem um caráter penitencial, porém isso não exclui o prazer de novos contatos, a quebra da monotonia do dia a dia, o fortalecimento de sua fé e o aumento de confiança em si mesmo. Para os antigos romeiros, esse trajeto constitui-se como um tempo repleto de “poder sagrado e pela significância existencial” (MATOS, 2011, p.215). Relacionam valores, sentido e significados que podem funcionar como elementos estruturadores da vida.

Nesse sentido, os conceitos de peregrinação e romaria são aplicáveis a essa manifestação religiosa, pois se trata de uma caminhada concreta, efetiva, em direção ao santuário. Em Ribamar, assim como as motivações, as distâncias percorridas também são variadas, dependem das escolhas individuais de cada romeiro ou de cada grupo.

A grandiosidade das celebrações, no entanto, não assegura uma uniformidade de devoções. Muitos que se dirigem à festa demonstram notável emotividade, acompanham as romarias e procissões, assistem às liturgias de forma interativa, rezam compenetrados, cumprem suas promessas de maneira fervorosa, enquanto outros participam de maneira simplesmente lúdica. A religiosidade lhes parece apenas uma base temática, pois seus atos são voltados para diversão e entretenimento, para um acontecimento festivo no âmbito das relações sociais.

É possível perceber que afora as questões religiosas, esse tempo festivo sempre mobiliza e altera o cotidiano de grande parte das pessoas da localidade, mesmo que porventura não sejam religiosas ou católicas. No ano de 2022, em algumas conversas com moradores que até possuíam credos religiosos diferentes, referiam-se à festividade como essencial para a cidade. Alguns pontos destacados estavam relacionados ao lazer proporcionado pela festa, outros pela oportunidade de rever amigos e familiares. Muitos destacavam a importância da devoção para as atividades comerciais da localidade. A cidade, católica ou não, se vê envolvida pela perspectiva da festa, seja em perspectivas sociais, no âmbito econômico ou mesmo no campo religioso.

Embora seja notório que o período da festa mobilize um número maior de pessoas, por meio de algumas estratégias e do fluxo de visitantes que tende a se acentuar, existem operações que antecedem a todos esses movimentos e, por vezes, os definem. Mesmo em tempos distintos, existe uma relação entre as atividades do período comum e as relacionadas ao calendário

festivo, de modo que para compreender a organização da festa é necessário apresentar como alguns de seus aspectos se articularam ao longo do tempo.

A programação mencionada anteriormente remete à festividade nos dias atuais, no entanto, muito dos aspectos relatados vêm se processando ao longo da história dessa manifestação. Embora a presente pesquisa não tenha a pretensão de discorrer sobre a história da festa ao longo de mais de dois séculos de devoção, ao longo do trabalho fez-se necessário ter referências, mesmo que gerais, de aspectos fundamentais da história da devoção em São José de Ribamar. Dessa forma, dois aspectos foram importantes: a chegada da imagem de São José à localidade, como exposto no primeiro capítulo, e a oficialização e organização da festividade no mês setembro.

Uma das características que diferencia o culto de São José de Ribamar é o período em que sua festa é realizada. Conforme exposto no capítulo anterior, segundo o calendário oficial da Igreja Católica, o dia dedicado a São José é 19 de março. Entretanto, não há informações precisas de quando as solenidades festivas de setembro começaram a ser celebradas em sua homenagem na cidade de Ribamar.

Os relatos de memórias dos moradores frequentemente fazem referência ao poder intercessor e milagroso de São José, situando-o como principal elemento para o crescimento de sua festividade. Quando examinamos outra modalidade de fonte – o universo de impressos sobre a história do município e da festa – essa importância é significativamente destacada. O jornal *O Banzeiro*, em agosto de 1987, descrevendo a história do santo, destacava que

os milagres de São José de Riba-mar se difundiram em todas as camadas sociais a ponto de se convencionar uma data no ano para que os fiéis pudessem prestar suas homenagens ao taumaturgo. Foi escolhido o mês de setembro, em períodos alternados, conforme o posicionamento lunar. Já em fins do século passado, o festejo do glorioso São José de Ribamar reunia um número incalculável de visitantes a ponto de durante o ano de 1895, serem efetuadas seis viagens diárias de vapor para o lugar, pela Companhia Fluvial Maranhense. Sucederam-se os milagres e a devoção ao santo aumentou ao ponto de ultrapassar fronteiras. (O BANZEIRO, ago. 1987, p.01, nº 13).

Desde muito tempo, no mês de setembro, pela quadra que termina com a lua cheia, romeiros vinham por terra e por mar para a festividade na povoação onde se erguia a ermida na qual o santo era venerado, e que se transformaria na hoje cidade de São José de Ribamar. A ida de fiéis até a localidade ainda de difícil acesso na época, como consta na matéria, indica a fé que era devotada ao santo, que já parecia gozar de grande prestígio desde as primeiras décadas do século XIX, uma vez que há indícios da existência de objetos de prata e ricas alfaías pertencentes à igreja, de acordo com a ordem do Vigário-geral José Constantino Gomes para “proceder ao inventário da prata e móveis, e mais coisas, que fossem do uso desta igreja”, no ano de 1825 (MARQUES, 1970, p. 847).

No que se refere ao período escolhido para a realização das celebrações, é recorrente o surgimento de indagações sobre o porquê de tal época do ano. O que motivou as homenagens ao santo nessa época? Por que em data móvel? Como exposto anteriormente, até o ano de 2017, a definição para o início das atividades festivas era realizada de acordo com quadra de lua cheia. Embora não tenha sido possível identificar registros indicando as fases da lua, sua relação com os trabalhos a serem realizados e a festa, algumas hipóteses podem ser consideradas.

De acordo com informações divulgadas pelo próprio santuário, a explicação mais difundida diz respeito à decisão de fixar o período da festa com base nas necessidades da população e nas condições naturais da região, conforme mencionado na folha *O Carpinteiro*, de editoria do Santuário Arquidiocesano São José de Ribamar, no *Jornal do Maranhão*⁴⁰:

desde sua chegada a terras maranhenses, a imagem de São José de Ribamar testemunha incontáveis homenagens. A história também nos revela que, ao longo dos anos, as festas foram fixadas a partir da necessidade do povo e das condições naturais da região, por isso a opção de festejar o santo no mês de setembro (JORNAL DO MARANHÃO, ago. 2017, p. 11, nº 94).

Em Ribamar, a escolha do mês de setembro pode indicar a reprodução da prática de demarcar o período da festa em conformidade com os ciclos do trabalho. Esses ciclos, por sua vez, estão relacionados com os ciclos da natureza, assim como acontecia na Europa até o início do século XIX (BURKE, 2010).

Quanto a isso, de acordo com a historiadora Mary Del Priore (2000), as festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais. Assim, parte das festas era organizada como forma de agradecimento aos deuses pela boa colheita e por pedidos de graças para colheitas vindouras.

Nos limites do cristianismo, a Igreja Católica transformou alguns rituais permeados por práticas pagãs e supersticiosas em homenagens aos santos, atribuindo a eles um caráter sagrado de acordo com os princípios cristãos, no entanto, vários elementos das antigas festas pagãs foram preservados. Nesta perspectiva, os sujeitos estavam acostumados a se relacionar com deuses, então a Igreja teria estimulado esse caminho de mediação entre o homem e a crença cristã. Com a adaptação dessas práticas, a Igreja Católica demarcou dias de festa para cada santo ou santa, formando em seu conjunto o ano eclesiástico (DEL PRIORE, 2000, p.13).

Diante do exposto, mesmo não sendo possível afirmar em que etapa de seus ciclos de trabalho os devotos de São José de Ribamar se encontravam, considerando que a grande maioria

⁴⁰ O jornal *O Carpinteiro* foi lançado em setembro de 2010, com o intuito de informar os devotos de São José de Ribamar sobre as atividades realizadas no Santuário. O impresso circulou até março de 2016, quando lançou sua última edição. Em 2017, *O Carpinteiro* voltou a circular, dessa vez fazendo parte do *Jornal do Maranhão*, produção jornalística mensal de orientação católica da Arquidiocese de São Luís do Maranhão.

fosse constituída por homens e mulheres pertencentes às classes populares, portanto, majoritariamente constituída por pescadores e lavradores, pressupõe-se que teriam alguma folga em seus trabalhos para poderem participar dos festejos em homenagem ao santo no período de setembro.

Um dos fatores que possivelmente impulsionou esse processo de mudança, é que o bom desenvolvimento do festejo dependia das condições climáticas, tendo em vista as dificuldades para chegar à localidade por terra ou por mar, e porque prejudicaria grande parte da programação que já se dava em espaço aberto, a exemplo das procissões. Assim sendo, no que diz respeito aos ciclos da natureza, setembro é um mês em que as chuvas já se suspenderam definitivamente, facilitando assim, o deslocamento dos romeiros e o desenvolvimento da festa como um todo, considerando que grande parte de suas celebrações era e continua sendo feita ao ar livre. Cenário esse que estava na base da definição do período do festejo, uma vez que pela ausência de luz elétrica e a necessidade de iluminar os caminhos percorridos pelos romeiros e o largo onde encontrariam a maioria dos atrativos desse tempo festivo, as datas eram definidas de modo que a festa fosse realizada durante a quadra da lua cheia, sendo, dessa forma, uma data móvel.

Assim, com base no que foi exposto, pode-se levantar a hipótese de que essa escolha considerou fatores relacionados à comunidade de devotos do santo, buscando beneficiar tanto os que eram moradores da localidade e de áreas próximas, quanto àqueles que vinham de regiões mais distantes, para prestar homenagem e participar dos atos litúrgicos a ele consagrados. Talvez seja procedente afirmar que a definição desse novo período beneficiaria também a igreja, que não deixaria de receber os donativos depositados pelos romeiros no altar, ou até mesmo passaria a recebê-los em ambas as datas.

Com o passar do tempo, a crença no poder de intercessão de São José, desenvolvida mais pelo “eco” das graças concedidas, do que pela hagiográfica oficial do santo, ocasionou um vertiginoso crescimento em termos de fluxo de visitantes ao seu local de devoção. As visitas e a organização de grupos de devotos oriundos de localidades próximas ou distantes, da capital e de outras localidades do interior do estado, se tornaram cada vez mais constantes.

“Naturalmente ou milagrosamente” criado, Ribamar tornou-se destino de várias romarias, uma espécie de centro mítico. A autora Marli de Jesus Conceição (1995) evidencia que desde o início dessa festividade, os romeiros e devotos se dedicaram à sua fé, ao pagamento de promessas e à realização de novos pedidos a São José:

O santo é homenageado pelos devotos e fiéis, com uma grande festa no domingo de lua cheia no mês de setembro, período em que a cidade fica pequena demais devido à grande concentração de pessoas vindas de todos os lugares do Brasil e também do

exterior, que desejam pagar suas promessas pelas graças recebidas ou mesmo aproveitam a temporada para conhecer o Santo e a Cidade (CONCEIÇÃO, 1995 p. 40).

Levando em consideração a quantidade de pessoas oriundas em grande parte de outros estados, como afirma a autora, tudo indica que a devoção ao santo foi ganhando grandes proporções à medida que seus devotos evidenciavam as graças recebidas por sua intercessão. Os relatos crescentes de curas e milagres geraram o fascínio de pessoas que logo se tornavam fiéis. À medida que esses milagres se tornavam públicos, outros relatos também surgiam, atribuindo ao santo o mérito pelas conquistas, ajudando a fortalecer e a divulgar a fé no seu poder.

De acordo com a obra de José Ribamar Sousa dos Reis (2001, p. 345), que tem como base relatos de antigos moradores que viviam na localidade, nas primeiras décadas do século XX, aqueles que se dirigiam a Ribamar chegavam como era possível. Além dos que faziam o percurso a pé, efetivamente em romaria, havia os que por falta de condições também o faziam caminhando. Segundo o autor, os que possuíam melhores condições faziam o percurso em montarias, em carros de boi, barcos, caminhões, automóveis e outros meios de condução. Vale ressaltar que os percursos realizados a pé se revestiam de maior expressão, por exigirem, efetivamente, uma cota de sacrifício, denotando uma crença maior no santo, uma grande necessidade ou a obtenção de uma graça extremamente importante.

As graças e os milagres obtidos por aqueles que haviam recorrido ao santo em busca de melhoria de vida, de cura de doenças ou da conquista de algo muito desejado, contribuíram para aumentar a sua fama como um santo *milagroso*, ampliando a sua devoção e, conseqüentemente, a dimensão da festa em sua homenagem. A festa, por sua vez, passou por períodos de transformações, apropriações e (re)significações ao longo do século XX. Estas, contribuíram para despertar sentidos profundos que, de alguma forma, se conectam com experiências culturais de outros tempos e sociedades.

2.3 A chegada da Congregação da Missão e os impactos na festa

A visibilidade da Festa de São José de Ribamar foi ampliada com a divulgação nos meios de comunicação impressos. Considerada por muitos uma “festa tradicional”, percebe-se, por meio dos registros em jornais, que havia uma notória divulgação acerca da devoção ao santo e a programação de sua festividade. Se comparada a outros festejos religiosos, desde as primeiras décadas do século passado, a Festa de São José de Ribamar já possuía grande visibilidade, atraindo muitos romeiros e devotos para os seus festejos anuais.

Muitas matérias também propiciavam informações relevantes sobre as riquezas naturais e culturais da localidade, estimulando a ida de pessoas interessadas pela região, mas, sobretudo, pela festa de caráter religioso, histórico e cultural. A cidade que no seu dia a dia era considerada pequena e pacata, sem tanta infraestrutura, quando se aproximavam os dias da festa do santo, se transformava num “centro de religiosidade”, como consta na matéria veiculada na edição do jornal *O imparcial (MA)*, que circulou em 24 de setembro de 1939, com a manchete *A tradição de nossa gente*, na qual informava:

E’ como S. Raymundo dos Mulundús, Bom Jesus da Penha, N.S. de Nazareth e outras tradicionaes religiosas populares que têm resistido à acção do tempo. Hoje é dia da festa, mas desde o começo deste mês, ou mesmo antes, que a localidade do Santo Milagroso está a encher-se de devotos. De onde são? De todo o Estado, são de outros Estados nortistas. Servem-se de todos os transportes e há muitos que vêm a pé. Hoje a Villa apresenta um aspecto interessantíssimo. São varios aspectos formando um único aspecto, chromatisado! E durante o dia e à noite, o mais irradiante, o mais impressionante, o mais estonteante frevo de alegria (O IMPARCIAL, 24 set. 1939, p.01, nº 6704).

Além de reconhecer a dinamicidade da festividade, tais elementos narrativos presentes nos jornais apresentam a relevância paisagística da localidade, capaz de delinear a construção de sentidos em torno do espaço. Além disso, reforçam e instituem “a festa como símbolo inquestionável que se refere à ideia de uma tradição, de uma trajetória comum de determinado grupo social” (SILVA, 2021, p. 90).

Na década de 40, chegaram à cidade de Ribamar os padres da Congregação da Missão Província Holandesa, também chamados de padres lazaristas, assumindo a administração do curato⁴¹. A partir desse período, a festa e seus espaços iniciaram um gradativo processo de modificações em sua organização e estrutura. Faz-se necessário destacar que, nesse momento, a Igreja Católica ainda está dentro do processo chamado de Romanização, o que corresponde a um conjunto de ações dirigidas pelos Bispos Reformadores, seguindo as diretrizes gerais da Igreja Romana, em vigência no Brasil desde meados do século XIX. A proposta dessas ações passava pela promoção da reforma do clero e pela reforma das práticas religiosas da população.

Mudanças nas orientações políticas que marcaram a formação do Império do Brasil fizeram com que o período que se estende de meados do século XIX aos inícios do XX fosse marcado pelo crescimento do número de congregações e ordens religiosas estrangeiras no país,

⁴¹ A Congregação da Missão foi fundada em 1625, na França, por São Vicente de Paulo. O carisma principal da Congregação são as missões populares, as missões em terras pagãs e a formação de sacerdotes, sendo uma Congregação voltada para a educação. Seus membros também ficaram conhecidos com “vicentinos”, “padres da Missão” ou “lazaristas” (RIBEIRO, 2003, p.69). No Brasil, os lazaristas dirigiam seminários desde 1853, quando assumiram o Seminário Maior de Mariana, Minas Gerais; tendo trabalhado também na Bahia, no Ceará e no Paraná. No Maranhão, os lazaristas assumiram a direção do Seminário de Santo Antônio em 1904, a convite do bispo D. Xisto Albano. Os Lazaristas estiveram à frente do Seminário de Santo Antônio até 1963 (PACHECO, 1969, p. 475-477).

a exemplo da Congregação dos Padres da Missão. As novas instituições religiosas passaram a administrar várias paróquias e a condução de atividades nas áreas da educação e da formação de jovens, por exemplo (SOUZA, 2011, p. 7). Para uma melhor compreensão, torna-se necessário contextualizar sobre o que significava e pretendia essa reforma da Igreja Católica, mais intensamente observada entre o término do século XIX e meados do século XX.

No âmbito religioso e, por conseguinte, das festas religiosas, verifica-se a participação de clérigos e leigos. Em conformidade com o estudo de Emanuela Sousa Ribeiro (2000, p. 8), em detrimento da tensão que gerava, a atuação individual ou coletiva dos leigos foi uma importante característica do catolicismo popular no Brasil na colônia e no império. Guarnecidos em Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras, os leigos utilizaram a religião, não só para louvar o seu santo de devoção, mas principalmente para expressar-se e representar-se socialmente, desta forma, “proporcionando benefícios aos irmãos, que se comprometiam com uma efetiva participação nas atividades” (ABREU, 1999, p. 34).

Por meio das determinações do compromisso da instituição religiosa a que pertenciam, os leigos foram criando meios de se enquadrar nos ditames da Igreja oficial, e ao mesmo tempo manter práticas de uma religiosidade não oficial e atender às necessidades dos membros das Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras e ainda prestar caridade, sem vínculo com os sacramentos do catolicismo, mas que, de uma forma ou outra, conseguiam adeptos para a Igreja, empenhando-se na organização e na preservação deste catolicismo.

As festas organizadas pelas irmandades em homenagem aos santos padroeiros ou outros de devoção eram o momento máximo dessas associações. Em troca da proteção aos devotos, esses santos específicos recebiam homenagens em exuberantes festas, comemoradas com muito prestígio, onde irmãos e irmãs “saíam das confrarias aparatados com suas vestes de gala, capas, tochas, bandeiras, andores, cruzes, insígnias em pomposas procissões, seguidas de danças e banquetes” (REIS, 1991, p. 61). No entanto, tais festas causavam o desagrado de muitas autoridades civis e religiosas, preocupadas com o desenrolar da festividade e com o cumprimento das normas litúrgicas, tanto nas comemorações externas como nas que eram realizadas no interior das igrejas (ABREU, 1999).

Importante salientar que “apesar da importância das irmandades como promotoras dos eventos religiosos”, não eram todas as festas que eram organizadas por essas associações (COUTO, 2004, p.15). No que respeita a São José de Ribamar, vale destacar que há indícios, por volta de meados do século XIX, que houve a tentativa de fundação de uma Irmandade, no

entanto, não teria conseguido permanecer por muito tempo. Em Ribamar, a festa em homenagem a São José era promovida, muitas vezes, por devotos e moradores⁴².

O século XIX foi palco de uma série de mudanças que transformaram significativamente a atuação da Igreja Católica no Brasil. As transformações ocorridas a partir desse período forçaram a Igreja Católica brasileira a modificar-se, gerando uma reestruturação interna da própria instituição. Buscando a manutenção de poder, essa mudança foi implementada por meio de medidas que substituíssem o devocionismo pela sacramentalização, tendo em vista reforçar a autoridade papal e das demais autoridades eclesiásticas⁴³.

Nesse cenário, o catolicismo de cunho popular era a expressão de crenças e práticas religiosas que foram ganhando força. No entanto, diante das doutrinas políticas e perspectivas sociais dos novos tempos, a relação de “tolerância” a essas práticas foi se modificando, ao mesmo tempo em que foi se dando o estabelecimento de novas medidas em função do novo papel que a Igreja pretendia assumir e, a partir do qual, via essa religiosidade de cunho popular como uma ameaça para a sua autoridade.

De acordo com vários estudos sobre essa questão, tal projeto de reforma católica foi chamado de movimento ultramontano, por meio do qual a Igreja começa a disseminar um discurso e assumir uma postura extremamente conservadora, em que se evidenciava a obsessão pela unidade religiosa em tempos não tão fecundos.

Faz-se necessário destacar que essa reforma religiosa, por vezes, é chamada de *romanização*, em que elementos ultramontanos formaram sua base doutrinária⁴⁴. Quanto a essa questão, segundo o historiador Ítalo Santirocchi (2010, p.28), “grande parte da historiografia produzida no Brasil utiliza o termo *romanização* como lugar comum nos estudos acerca de catolicismo durante os séculos XIX e XX”. O autor explica que o termo *romanização*, muitas vezes, é utilizado com o mesmo significado de ultramontanismo, questão contraditória, uma

⁴² Kátia Bogéa et al. (2008, p. 69), na obra *Arquitetura e Arte Religiosa no Maranhão*, apresenta informações sobre a tentativa de fundação, em 1844, de uma Irmandade para cuidar da Igreja de S. José e de seus bens, que se encontravam quase que abandonados. Segundo as autoras, a atuação dessa irmandade não teria funcionado por muito tempo, visto que em 1870, a Igreja de São José de Ribamar, pertencente, nesse período, à freguesia de São José do Lugar dos Índios, encontrava-se novamente em estado de ruínas.

O jornal *O Publicador Maranhense*, do ano 1844, contém informações acerca da organização da festividade: “[...] a fim de entre si concertarem a melhor forma de se removerem essas irregularidades, e depois de grande discussão, e judiciosas reflexões, resolverão entre si crear uma Irmandade, e Meza para curar do asseio, e reparo da Igreja, segurança dos objectos preciosos das Imagens, e para que haja toda regularidade nas festividades das respectivas imagens da igreja” (O PUBLICADOR MARANHENSE, 24 abr. 1844, folha 2, nº 177).

⁴³ Oposição estruturante entre devocionismo e sacramentalização.

⁴⁴ As teorias sobre a história do catolicismo, desenvolvidas no Brasil durante os anos sessenta e setenta, tratam o movimento de reforma ultramontana por meio do conceito conhecido como *Romanização*. Ver: SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo - Reforma. Temporalidades: Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, Minas Gerais, v. 2, n. 2, p.24-33, agosto/setembro 2010.

vez que são conceitos diferentes. Isto posto, mesmo que, por vezes, esses conceitos sejam vistos como sinônimos, precisam ser diferenciados e verificados diante de cada contexto histórico.

A perspectiva dessa construção e afirmação de um poder mais controlador envolveu a exigência de as festas religiosas se adequarem ao que as autoridades eclesiásticas acreditavam ser o verdadeiro modelo católico. Como mediadores institucionais, os sacerdotes passaram a reivindicar a demarcação dos espaços e a administração e controle do que se fazia em cada um deles. A partir de então, as festas religiosas começaram a ser mais controladas com intuito de enquadrá-las numa linha mais ortodoxa, levando-as ao abandono das práticas consideradas profanas. Diante disso, passou-se a dar maior ênfase ao papel do clero, ao sagrado litúrgico, na perspectiva de diminuir as expressões das devoções populares, que eram habituais e mesmo suplantavam as práticas propriamente litúrgicas.

Numa perspectiva mais ampla, as festas, no mais das vezes, não estavam de acordo com o modelo imposto pela Igreja, por outro lado, o fato de receberem influências de culturas diversas contribuía para a censura de muitas práticas nelas presentes e também dificultava seu controle. A respeito disso, é importante salientar que tanto o institucionalizado como o não institucionalizado se apropriam mutuamente das práticas uns dos outros, visto que ao mesmo tempo em que a Igreja estabelecia regras, a instituição também se apropriava de técnicas do culto não oficial (SALES, 2014, p. 35).

O movimento de reforma não se faria tão presente em Ribamar até a chegada da Congregação da Missão Holandesa, na década de 1940. Como dito anteriormente, com a chegada do primeiro padre lazarista, João Lemmen, foram introduzidas algumas modificações relacionadas à uma reorientação dos festejos que, da perspectiva dos religiosos, deveriam ser considerados centrais para a piedade católica, além de alterações no funcionamento do Curato e assistência religiosa à população.

Em registro presente no Livro Tombo (1938, p. 43-44), consta que no ano de 1938 a região recebeu uma visitação do Vigário Geral do Arcebispado de São Luís, do vice-visitador da Congregação da Missão Província Holandesa, padre Guilherme Vaessem, e do padre lazarista João Lemmen⁴⁵. De acordo com os registros, não havia sacerdotes presentes ou residentes em Ribamar nesse período, sabe-se que a festa era organizada por uma comissão e tinha como secretário o senhor Crispim Antunes Martins. Provavelmente, o curato contava com as visitas de um vigário responsável por outra paróquia para as missas e os sacramentos a serem realizados na localidade.

⁴⁵ As visitas se apresentavam como importante estratégia da hierarquia da Igreja.

A visitação despertou o interesse da Congregação da Missão pela localidade, tanto que no mesmo ano, dias após essa referida visita, “o Arcebispo exonerou o Sr. Crispim Antunes Martins da administração, e encarregou o Pe. João Lemmen em nome da Congregação da Missão” pela administração do Curato de Ribamar, o que significaria o início de uma presença eclesial regular na região⁴⁶. Sabe-se que Sr. Crispim exerceu o cargo de administrador do Santuário de São José de Ribamar por 10 anos, colaborando diretamente com a arrecadação de bens, que propiciaram a construção de prédios pertencentes ao santuário, e até empréstimos ao Seminário de Santo Antônio, em São Luís, por exemplo⁴⁷. Essa função lhe foi atribuída “em virtude da referida Provisão de 10 de abril de 1931”, expedida pelo Exmo. Revmo. Sr. Dom Otaviano Pereira de Albuquerque, primeiro Arcebispo metropolitano do Maranhão, “e da outra expedida por Mons. Filipe Conduru Pacheco, Vigário Geral, datada de 20 de junho de 1934” (LIVRO TOMBO, 1940, p.50).

Nos registros, observou-se uma preocupação por parte do Arcebispado de São Luís do Maranhão em reorganizar a administração da Igreja de São José de Ribamar, exonerando um leigo e colocando em seu lugar um membro do clero regular. A partir de então, fica evidenciado que a festa de São José de Ribamar passou a contar com a presença mais direta e ativa da Igreja. As mudanças direcionadas ao Curato de Ribamar foram resultantes, nesse sentido, das condições e das mudanças do campo religioso no final do século XIX e início do século XX. A estrutura organizacional da festa porta elementos significativos gestados nesse processo de instalação e consolidação de reforma do catolicismo no Brasil.

Os 56 anos (1938-1994) em que igreja de Ribamar esteve sob a administração dos padres Lazaristas foram marcados por uma série de medidas que resultaram em mudanças significativas na paróquia e na cidade. Na administração da paróquia, buscava-se, de certa forma, um controle mais efetivo sobre os fiéis. Em outras palavras, havia o empenho voltado para a disciplinarização do espaço e dos corpos por parte da Igreja.

⁴⁶ Dentre essas ordens religiosas estrangeiras que marcaram presença no Brasil na primeira metade do século XX, encontra-se a Congregação da Missão dos padres lazaristas, a qual, assim como aconteceu em outros estados do Brasil, atuou no Maranhão, onde estendeu sua missão a várias regiões deste estado, como foi o caso da própria capital e de São José de Ribamar (AMORIM, 2017).

⁴⁷ Muitos registros datados do século XX já apresentam a igreja de Ribamar na condição de Santuário. No entanto, a elevação da igreja ao status de Santuário Arquidiocesano São José de Ribamar só foi concretizada em 9 de setembro de 2011, durante a celebração de abertura do Festejo do Glorioso São José de Ribamar. Nesse momento solene, Dom Frei José Belisário da Silva, arcebispo de São Luís do Maranhão, formalizou a criação.

2.3.1 A organização da festa

A presença da Congregação da Missão Província Holandesa em São José de Ribamar data de 11 de fevereiro de 1938, quando ainda simples curato (PACHÊCO, 1969, p.786). Sua permanência se estendeu até o ano de 1994. O padre lazarista João Lemmen, logo no início de sua atuação na região, teve a sua administração marcada pela criação da paróquia, oficializada por meio de um decreto assinado pelo Arcebispo Metropolitano de São Luís, em 29 de abril de 1942, como descrito no capítulo anterior⁴⁸. Como o primeiro vigário residente na cidade, sede da dita paróquia, o padre Lemmen desempenhou um notório papel nos campos da educação e da saúde em São José de Ribamar, principalmente ao incentivar e coordenar trabalhos nessas áreas, para o que contou com o apoio das Irmãs da Caridade⁴⁹, que atenderam ao seu pedido e se estabeleceram no município (AMORIM, 2017, p.102). Essa cooperação existente entre os padres lazaristas e as irmãs, também conhecidas como “Irmãs Vicentinas” ou “Filhas da Caridade”, remete às origens das ordens religiosas fundadas por Vicente de Paulo. O padre Lemmen via em Ribamar um cenário propício para a obra vicentina germinar.

Logo de início, os padres lazaristas buscaram intensificar a piedade e desenvolver o espírito de caridade no seio da paróquia, seguindo o plano do fundador São Vicente de Paulo. Para isso, procuraram envolver pessoas da sociedade local, como dentistas, comerciantes, professores, entre outros, com a fundação de obras de misericórdia em favor das classes menos favorecidas. Além das obras caritativas, concentraram esforços para atuar além daquilo que cabia às suas funções. De modo geral, ao longo dos anos de administração, os lazaristas desenvolveram diversos projetos, que foram desde a administração dos bens e serviços paroquiais, ao envolvimento na área da saúde e educação, incluindo a fundação de colégios e ensino oferecido à comunidade.

No que diz respeito à festa de São José de Ribamar, com o objetivo de exercer maior controle sobre a festividade religiosa, passaram também a interferir na condução dos festejos, de modo a torná-los mais significativamente assentados nos princípios da reforma. Na prática, não foi possível saber até que ponto as medidas foram efetivadas.

⁴⁸ Na obra *História Eclesiástica do Maranhão* (1969, p. 786), de D. Felipe Condurú Pacheco, consta a criação da paróquia de São José de Ribamar em 9 de maio de 1942. No entanto, não foi possível a comprovação desta data. O documento oficial de criação do Santuário de São José de Ribamar apresenta a data de 29 de abril de 1942, como marco da elevação do Curato à categoria de Paróquia Amovível.

⁴⁹ As filhas da caridade de São Vicente de Paulo, como eram denominadas, fundaram em 27 de novembro de 1944, em São José de Ribamar, o Convento São José de Ribamar, “no qual funcionava uma escola primária”. No estabelecimento se dava “assistência médica aos pobres da localidade. Quanto bem de ordem física, intelectual e moral” (PACHÊCO, 1969, p. 625).

Como parte dos afazeres alusivos à preparação dos festejos, a paróquia passou a produzir impressos contendo a programação das celebrações, como forma de divulgar os horários e atividades a serem realizadas durante o tempo festivo. Esses impressos tinham como principal objetivo convidar a população para participar da festa, subdividida nos folhetos em “religiosa” e “social”, uma forma de distinguir e separar as celebrações sagradas desenvolvidas e tuteladas pela igreja, daquelas mais externas, ligadas mais ao lúdico e ao mundo profano.

Sob a presidência do clérigo, o tempo festivo era estabelecido, as atividades lúdicas eram toleradas, ao mesmo tempo em que a dualidade topográfica da festa se expressava entre o espaço profano da diversão e aquele circunscrito no interior do templo sagrado. A festa era composta por duas etapas: os ritos católicos e, na sequência, a festa de arraial.

A imprensa também costumava divulgar as programações e comentar o desenrolar dos festejos. Nas matérias jornalísticas que anunciavam a festa de São José de Ribamar, percebe-se a demarcação entre a programação considerada estritamente religiosa e aquela mais voltada para os momentos de divertimentos. O jornal *O Imparcial*, em 27 de setembro de 1947, em matéria intitulada *Como está decorrendo a tradicional festa de S. José – Inauguração da luz*, informava sobre os preparativos da festa, destacando a afluência de fiéis advindos de vários pontos do estado do Maranhão com destino à localidade:

A população sanluizense prepara-se para tomar parte da festa de S. José, que amanhã, terá o seu máximo, no pitoresco centro balneário de Ribamar. E essa festa, este ano, está correndo sob grande animação, como aliás sempre acontece, numa grande demonstração de fé por parte dos maranhenses no milagroso S. José de Ribamar. Desde o começo da semana grande massa popular se está deslocando da cidade, a fim de participar dessa festa de arraial, que é considerada a maior, em nosso Estado. O povo está se transportando em ônibus, caminhões e automóveis, havendo ainda elevado número de romeiros que segue a pé para Ribamar, pagando promessas por motivos de graças que alcançaram de São José. GRANDE MOVIMENTO – A vila de Ribamar apresentará a partir de hoje grande movimento. Funcionarão ali durante os três dias de festa, cerca de 100 botequins, barracas, vendas e bailes (JORNAL O IMPARCIAL, 27 set. 1947, p.04, nº 9203).

A essa época, havia toda uma preocupação com a organização das celebrações religiosas e “sociais” da festa, tendo em vista a grande movimentação na localidade, em sua maioria, de fiéis que se deslocavam para cumprir suas promessas durante o período festivo. Muitos que se encaminhavam para homenagear o santo e reviver a devoção por meio das novenas, missas e procissão, também aproveitavam a ocasião para apreciar as riquezas naturais da cidade balneária. A matéria chama atenção por conseguir sintetizar a estrutura e os sentidos da festa, marcada por uma diversidade intrínseca, que integra o aspecto religioso e o lúdico, os deveres, mas também os prazeres, a diversão e a devoção.

Além de espaços de sociabilidade e de congregação de pessoas, as festas são também espaços permeados por tensões e conflitos. Durante esses festejos ocorria tudo aquilo que não se esperava e não era apropriado para o momento, menos ainda por se tratar de uma festa religiosa, qualificação que remete à ideia de comedimento e contrição. Assim, nem sempre se fazia uma nítida distinção entre o lugar sagrado e a área externa destinada à vida social. Nessas ocasiões, misturava-se o profano ao pretexto religioso, tornando difícil separar o que era motivado pela devoção, do que constituía simples válvula de expansão da exuberância natural recalcada pelos preconceitos e convenções (AZZI, 1978. p.107).

Com a intenção de animar as pessoas a se deslocarem para São José de Ribamar, a ambiência festiva era retratada nos jornais, como pode ser observado no trecho de uma notícia sobre o festejo que seria realizado no ano de 1952, o qual informa entusiasticamente: “várias barracas já estão sendo armadas na Praça da Matriz, devendo também ser realizados numerosos bailes familiares, a partir de sábado, até segunda-feira. Tudo indica que os festejos de Ribamar se revestirão, este ano, da mesma animação dos anos anteriores” (PACOTILHA: O GLOBO, 23 de set. 1952, p.6, nº 00118). Quanto à realização desses “numerosos bailes familiares”, como era esperado acontecer, é importante chamar atenção que o anúncio de jornal trazendo essa qualificação indicava a existência de outros tipos que eram considerados contrários àquilo que se entendia ser um baile que as famílias honradas poderiam frequentar, sem qualquer perda ou mácula à sua honradez.

Um dado importante relacionado à festividade religiosa em Ribamar no ano 1952 foi a proibição de bailes públicos durante a festa de São José, pela *Circular nº 4*, de 12 de julho, do Sr. D. José de Medeiros Delgado, por entenderem que estes se constituíam uma chaga perturbadora para os fiéis:

[...] A Cúria do Arcebispado faz público que, se se organizarem ditos bailes, cumpre ao Vigário suspender, imediatamente, as festividades. Se tal acontecesse, para que “a Igreja Católica não venha a condescender com o furto nos jogos, a imortalidade nos sambas e outros tantos desregramentos, a festividade de S. José ficará suspensa durante alguns anos, enquanto durarem tais lamentáveis disposições”. Em contraposição, “no dia 19 de cada mês em Ribamar, promovam-se exercícios religiosos especiais em honra do glorioso Patriarca São José (PACHECO, 1969, p. 744-745).

Duas questões chamavam atenção nas orientações referentes às festas. A primeira referia-se às chagas que deturpavam as festas religiosas, as desobrigas, missões e visitas pastorais: os jogos, já proibidos por lei civil, as bebidas alcoólicas e os bailes (PACHECO, 1969, p. 744). A segunda era a preocupação de que os vigários estivessem em conformidade com as orientações estabelecidas pela hierarquia eclesiástica. O que se observa com tais

proibições é um processo de disciplinarização do evento festivo, visando a eliminar as práticas que, segundo a Igreja, não condiziam com os novos tempos e, muito menos, com seus dogmas.

Apesar das ameaças de suspensão da festividade, nesse ano de 1952, os bailes em São José de Ribamar ocorreram em virtude de estarem na programação e não ter sido possível a dispensa da banda do Sindicato dos Músicos Profissionais de São Luís. Entretanto, como penalidade, não foi realizada a tradicional procissão de encerramento, sendo substituída apenas por uma "Hora Santa" celebrada na igreja, que estava repleta de fiéis. Nos anos subsequentes, “durante a festividade religiosa não mais se realizavam bailes, nem houve jogos e venda de bebidas alcoólicas no adro da matriz, continuando a sair a solene procissão do excelso Patriarca da Cidade” (PACHÊCO, 1969, p. 745).

Desde o final do XIX, diversas medidas eram tomadas com o objetivo de promover modificações nas festas religiosas, incluindo as proibições aos jogos e bailes. Conforme ressaltou a historiadora Edilece Couto (2004, p.188), “os bispos reformadores não estavam sozinhos na batalha para enquadrar as manifestações religiosas populares”. Assim, na busca de conter tais atividades consideradas indevidas e desviantes, os religiosos contavam com o poder público, por meio das leis e da força policial (COUTO, 2004).

Muitas práticas iam contra as determinações legais do Estado e que, por conseguinte, se enquadravam no plano das contravenções. Desde as primeiras décadas do século XX, a comissão organizadora da festa de São José de Ribamar preocupada com a continuidade da ordem e com o cumprimento das normas litúrgicas, se empenhava em extinguir do período festivo práticas que eram consideradas desviantes. Ao longo do arraial era comum a presença de jogos variados, muitos dos quais perseguidos em diversos momentos, fato que fica evidente na seguinte nota, divulgada como medida de prevenção, publicada no ano de 1925:

A comissão encarregada da festividade do glorioso São José de Ribamar, tendo se entendido com os exmos. Srs. Drs. Secretario de Justiça e Segurança e Delegado do Geral, faz publico que é expressamente proibido qualquer espécie de jogo de azar, até mesmo por meio de sorteio, durante a festividade. Os recalcitrantes serão punidos severamente (O COMBATE, 29 de abril 1925, p.02, nº. 00116).

Em conformidade com a nota, essas atividades deveriam ser extintas das festas religiosas, por não serem adequadas para quem havia se dirigido supostamente para um festejo religioso, uma vez que poderiam causar tumultos no espaço sagrado. Assim, era preciso adotar medidas para garantir que os jogos de azar não fizessem parte das tradicionais festas de devoção aos santos e santas. No entanto, diante do que foi exposto, percebe-se que essas proibições não surtiram o efeito desejado. Mesmo com as intervenções, os jogos e bailes, que segundo as normas da Igreja constituíam aspectos profanos que deveriam ser extirpados das festas

religiosas, continuavam acontecendo, tal como exposto pela *Circular*, no ano de 1952, e em registros sobre a festa em anos posteriores.

Ao verificar os folhetos que eram divulgados pela paróquia percebeu-se que, ao ser subdividida em “festa religiosa” e “festa social”, ou festejo externo em oposição ao interno, a paróquia tenta ordenar o espaço de experiência e realização das práticas da Igreja Católica, em distinção àquelas ligadas à festa profana. Tomando como exemplo o folheto de 1964, na parte superior é possível verificar o período e o horário de realização das atividades e celebrações, bem como o informe direcionado aos romeiros sobre a postura e comportamento que consideravam convenientes para a festa religiosa.

Figura 12- Programação da Festa Tradicional de São José de Ribamar – 11 a 21 de setembro de 1964

FESTA TRADICIONAL DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR
de 11 de Setembro a 21 de Setembro de 1964

A devoção popular já consagrou a fama do prodigioso Santuário, onde Deus derrama, por intercessão do glorioso padroeiro São José, graças e bênçãos. É por esta razão, que nesses dias afluem a Ribamar milhares de romeiros, das partes mais distantes, para agradecer a DEUS favores recebidos e fazer novas súplicas.

Parte Religiosa

Haverá missa - ladainhas - preces - peneiros - procissões etc. como de costume.

CASA DOS MILAGRES

O romeiro encontra na Casa dos Milagres objetos religiosos como velas, medalhas, vultos de S. José, estampas, medais, etc. etc.

ATENÇÃO - Lembre-se a nova Tabela de Missas, Batizados e Casamentos



Romeiro, o jogo é organizado para você perder seu dinheiro ao a lotação e ilusão de poder ganhar.

Parte Social

Haverá música - orquestra - leitões - alvoradas - foguetes - fogos de artifício etc. como de costume.

MEIDAS DE S. JOSÉ

Romeiro compra as medidas de S. José somente na Casa dos Milagres e na barraca de S. José.

Casamentos só com a devida licença dos respectivos vigários e só com efeito Civil, os papéis devem ser entregues 4 dias antes do dia marcado.

PROGRAMA

11 de set. - Início da Novena 18 - " - Comunhão das Crianças 19 - " - Comunhão geral das Associações 20 de Setembro Dia da Festa Missa às 5, 6, 7 e 8 horas. às 10 horas Grandiosa Procissão à noite leilão 21 de Setembro, despedida dos Romeiros Missa às 6, 7 e 8 horas à noite leilão	Romeiro - A festa de São José deve ser uma festa religiosa e não uma excursão Romeiro - Não regresso sem fazer uma prece ao pé do Cruzeiro-memorial, na Gruta de Nossa Senhora de Lourdes e no Calvário Romeiro - Não deixe de visitar a Casa dos Milagres Romeiro - Adquirir "O Romeiro de S. José de Ribamar" com as orações e cânticos da novena tradicional Romeiro - Não solte foguetes durante os atos religiosos Romeiro - embriagado é romeiro indesejado no baile é romeiro deslocado no jogo é romeiro arruinado Romeiro - que quer casar-se em Ribamar deve trazer a autorização do vigário de sua paróquia.
--	--

Advertências: Cuidado! Onde se junta muita gente, aparecem batedores de carteira, condutores de veículos não ultrapassem a velocidade normal.

Fonte: Arquivo do Sr. Ferdinando Belfort Franco.

Como pode ser observado, a preocupação de que os romeiros mantivessem a vigilância em relação a determinadas práticas levou o padre responsável pela paróquia a divulgar que romeiro “embriagado, é romeiro indesejado, no baile, é romeiro deslocado, no jogo é romeiro, arruinado”, ou seja, não se encontrava no lugar certo, em conformidade com uma percepção

dicotômica, segundo a qual era possível separar completamente essas duas dimensões que compunham o todo festivo.

Os devotos, mesmo cumprindo suas obrigações para com o sagrado, também buscavam divertimento nos festejos dedicados ao santo de sua devoção. Na maioria das vezes, enquanto aguardavam o início dos atos religiosos, se divertiam nos leilões, faziam as trocas de medidas e medalhas, aproveitavam as comidas e bebidas montadas no largo da matriz. Encontravam um espaço propício para diversão e socialização. No que diz respeito aos leilões, os objetos leiloados eram, em sua maioria, doados pelos próprios devotos, e o valor arrecadado era destinado à paróquia, que o utilizava para cobrir as despesas e manter o saldo positivo.

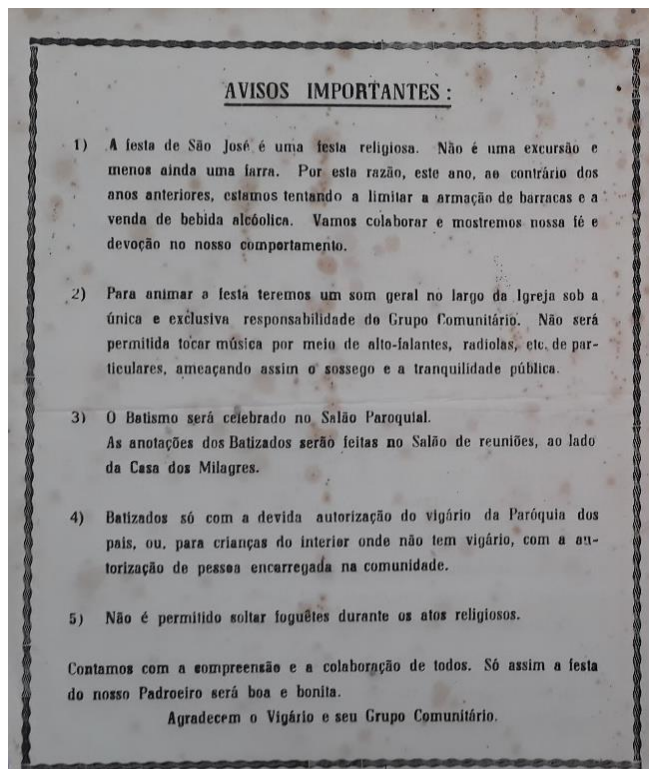
O vigário, ao organizar a festa, passa a definir o que é permitido, o que é proibido, e cria novas regras para sua realização. Todo o esforço deveria ser empreendido a fim de evitar os “abusos” e os “excessos” nas festas religiosas, sobretudo as festas do padroeiro. De acordo com o senhor Antônio Miranda, ex-ministro de eucaristia da paróquia de Ribamar, os padres lazaristas empreenderam várias tentativas de combater algumas práticas dos participantes, conforme o seu relato:

Os lazaristas combateram muito algumas coisas, havia muita confusão. Em 1954 ia tendo morte por causa disso, porque os homens se excederam na bebida, foram carregar o mastro e colocar o mastro no festejo, mas o padre não permitiu de forma nenhuma, então o padre Thiago⁵⁰ bateu contra, e por causa disso houve até uma revolta na cidade. Porque o padre disse que se continuasse a fazer assim, no ano seguinte não haveria festejo (Entrevista realizada em 27 de julho de 2023).

Não foi possível encontrar informações específicas sobre esse episódio e os motivos que levaram à proibição do hasteamento do mastro em frente à Igreja da Matriz, mas esse relato traz questionamentos sobre se essa medida não estaria relacionada com a capacidade simbólica do hastear e dos presságios a ele associados. Assim, em flagrante contradição com idealizações acerca desse tipo de festa, o vigário da paróquia se encarrega de dar a conhecer os desregramentos que eram recorrentes nesse período festivo, numa tentativa de evitar que acontecessem naquele ano.

⁵⁰ O padre lazarista Tiago Zwarthoed atuou em São José de Ribamar nos anos de 1956 a 1961 (LIVRO TOMBO, 1994, p. 91).

Figura 13 - Folheto - Festividade em honra ao São José de Ribamar - 04 a 13 de setembro de 1981



Fonte: Arquivo Santuário de São José de Ribamar, 1981.

Ao comparar os folhetos divulgados em 1964 e 1981, nota-se a permanência da presença de bebidas alcoólicas no adro da matriz durante a festa, apesar das intervenções e críticas feitas pela paróquia, que tentou estabelecer normas para controlar alguns desregramentos. Isso pode indicar que, ao longo dos anos, pode ter ocorrido mais tolerância do que punição em relação a essa e outras práticas consideradas indevidas durante esse período festivo. Possivelmente, muitas delas tenham sido toleradas por constituírem elemento de atração popular e, conseqüentemente, meio de proporcionar maiores recursos financeiros para a igreja. Outras, devido à persistência da população em mantê-las.

Em relação especificamente à bebida alcoólica, de acordo com registros presentes no Livro Tombo da paróquia (1982, p. 83), os principais desafios enfrentados pelos religiosos e pelos grupos comunitários encarregados pela organização da festa estavam relacionados aos abusos na venda e no consumo da bebida, bem como à falta de controle do som nas barracas instaladas nas proximidades da Igreja, onde se realizavam as celebrações oficiais do festejo. Segundo o vigário, a parte profana da festa estava “deturpando o verdadeiro significado religioso do festejo”. A festa deveria ser realizada dentro de um profundo espírito de piedade,

a fim de que seus frutos espirituais fossem os maiores possíveis, conforme enfatizado no registro abaixo:

O vigário da paróquia de São José de Ribamar, padre Lino Roelfs, pretende manter contatado nos próximos dias com o prefeito daquele município, João Alves da Silva, e autoridades policiais de Ribamar e São Luís, no sentido de manter a ordem pública durante a semana de realização dos festejos, evitando que a “festa do glorioso” seja interpretada pelos turistas e participantes de modo geral como simples festa de lazer ou opção para se fazer farra, como acontece no carnaval, mas que o festejo tenha este ano o verdadeiro significado religioso, a exemplo do que vinha acontecendo épocas atrás (LIVRO TOMBO, 1982, p. 82-83).

De acordo com o registro, a paróquia contava com a colaboração do poder municipal para garantir as providências necessárias, assegurando que a festa ocorresse com todo o esplendor de sempre. As reclamações sobre a falta de assistência por parte da prefeitura eram frequentes. Durante o seu paroquiado, percebeu-se que o padre lazarista Lino Roelfs se envolveu na busca por uma participação mais ativa do poder municipal na organização, no planejamento e na realização da festa, cobrando, muitas vezes, medidas mais efetivas. Foi possível encontrar a informação de que, em 1982, a paróquia esperava que as barracas fossem instaladas em um terreno doado pela prefeitura, afastado da Igreja. No entanto, conforme o registro, “o arraial” foi instalado nas “proximidades da igreja”, a exemplo do que ocorria todos os anos (LIVRO TOMBO, p. 84). Já nos anos subsequentes, segundo o vigário, houve “uma sintonia da Igreja com o poder municipal, que procurou destacar área de lazer e brincadeiras para um lugar reservado, onde não atrapalhasse a programação religiosa, coisa que não ocorria na administração passada” (O BANZEIRO, 16 set. 1984, p.3, nº 14).

No que concerne à programação religiosa, ao analisar o material produzido pela paróquia, verifica-se que a festividade se estendia ao longo de dez dias, seguindo a tradição do novenário, ou seja, nove dias seguidos de ritos religiosos e diversas atividades. Segundo relatos do senhor Antônio Miranda, no início do século XX, a festa costumava ser celebrada em apenas três dias, informação evidenciada por matérias de jornais da época, como pode ser observado na imagem a seguir. No entanto, após a chegada do padre lazarista João Lemmen, em 1940, “foram acrescentados mais seis dias à celebração”, estabelecendo assim a prática do novenário em setembro⁵¹. Sobre a inclusão do novenário na programação festiva, acredita-se que tenha ocorrido em um período anterior à chegada dos padres da Congregação da Missão à cidade. Isso se baseia no destaque dado em matérias sobre a programação da festa, publicadas nos jornais já em 1929⁵².

⁵¹ Entrevista realizada com Antônio Miranda, concedida em 27 de julho de 2023.

⁵² Jornal *Pacotilha*, 5 de setembro de 1929, p.7, nº 00153.

Figura 14 - Programa da Festividade de S. José de Ribamar, 1916



Fonte: Jornal O Estado, 22 de agosto de 1916, nº 184.

Conforme mencionado anteriormente, essa festa não possuía uma data definida; a cada ano, o período de realização era determinado de acordo com o calendário lunar, portanto, uma data móvel no mês de setembro. A parte religiosa a ser realizada sob a égide do santo padroeiro iniciava-se sempre em uma sexta-feira, com a missa de abertura e a primeira novena, realizada na praça da matriz. Os folhetos evidenciam que a programação religiosa da festa do padroeiro consistia nas seguintes etapas: celebração de missas, novenas com a invocação a São José e a tradicional procissão com a imagem do santo pelas ruas principais da cidade, realizada na tarde do domingo de encerramento.

Nos registros anteriores à década de 40, não foi possível determinar com precisão quais setores eram responsáveis e como a comissão organizadora da festa estava distribuída. Na procura por informações, foi possível encontrar no Livro Tombo (1930, p.31) que, após a transferência do padre José Polycarpo Seabra Ayres, nomeado como vigário encomendado na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em Icatu, a administração do Curato de São José de Ribamar ficou sob a responsabilidade de um dos membros da comissão, o senhor Crispim Antunes Martins. A festividade em honra ao padroeiro era preparada pelo senhor Crispim em conjunto com a comissão organizadora.

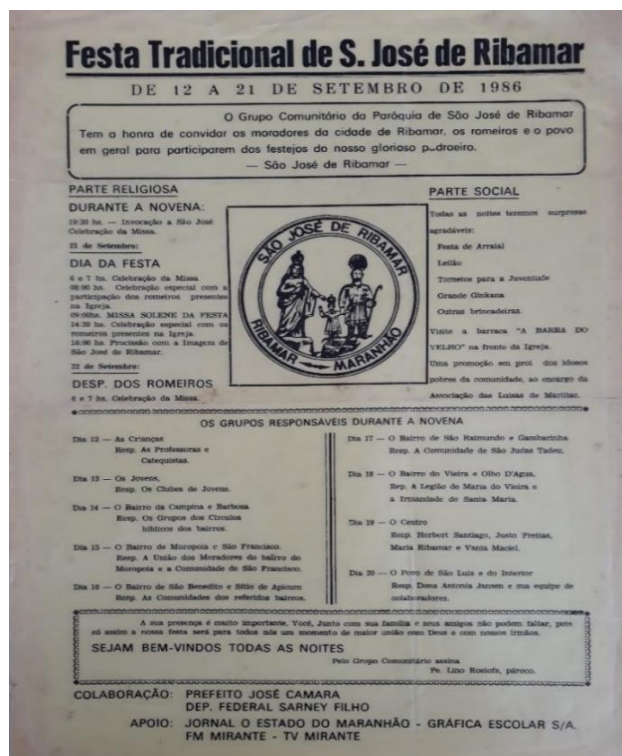
A partir da administração dos padres lazaristas notou-se um maior engajamento da população na organização da festa. Cada noite de novena era organizada por um setor público e/ou social responsável: professores, associações, operários, pescadores e comerciantes, etc. A partir de 1980, os grupos responsáveis durante a novena passaram a representar bairros específicos da cidade. Cada grupo representante se encarregava de selecionar as leituras da

noite, por ornar o andor e o altar de São José, entre outras funções. Muitos se envolviam também na condução de leilões e no funcionamento das barracas, que ocorriam na praça da Matriz, em benefício da paróquia.

Segundo o registro do Livro Tombo, em 24 de julho do mesmo ano, foi criado em Ribamar o primeiro grupo comunitário com a finalidade de abordar e resolver as questões relacionadas à paróquia: orações, coletas, reformas, etc. O *Grupo Comunitário de São José de Ribamar* era constituído por nove membros, dos quais sete exerciam funções de coordenadores, havia um tesoureiro e uma secretária (LIVRO TOMBO, 1980, p. 81). A partir desse período, a programação da festa passou a ser organizada pelo Vigário, os demais religiosos, grupo comunitário e as comunidades filiadas à paróquia⁵³. Cada dia destinado a um bairro, sob responsabilidade de um grupo durante a novena, como pode ser observado no folheto de 1986.

Verificando os registros referentes à festa de 1981 a 1994, foi possível perceber que a ordem dos grupos responsáveis pelas novenas não era a mesma todos os anos; as variações dependiam do planejamento entre a equipe de organização e os representantes dos grupos dispostos a participar da celebração.

Figura 15- Folheto Festa Tradicional de S. José de Ribamar - 1986



Fonte: Arquivo Santuário de São José de Ribamar.

⁵³ Em registro do Livro Tombo (1980, p.83) da paróquia, consta que eram grupos das “25 comunidades filiadas à paróquia de São José de Ribamar e Paço do Lumiar para definir a programação da festa”.

No folheto da programação de 1992, observou-se que a festa passou a ter um tema previamente escolhido para ser trabalhando nas programações religiosas. A cada ano, passou a ser escolhido um tema referente ao papel desempenhado pelo santo na comunidade devota, a aspectos específicos da fé ou eventos relevantes.

Para o encerramento oficial do período festivo, na manhã do último dia, sempre em um domingo, ocorria a celebração eucarística. Às 16h da tarde, acontecia a *grande procissão*, cujo trajeto, conforme ainda acontece nos dias atuais, partia da igreja, realizando o giro no centro da cidade. O cortejo retornava à igreja já ao anoitecer. A princípio, a procissão contava com a participação de quatro imagens: a do *glorioso santo*, São José de Ribamar, além de São Vicente de Paulo, Santa Maria e Sagrado Coração de Jesus, santos de devoção do povo ribamarense. Para a senhora T.J.C.M., de 77 anos, a procissão era o ponto alto da festividade:

Nos festejos de antigamente, saía vários andores na procissão, não saía só São José. Saía os santos, vamos dizer, das irmandades... Irmandades eram os grupos, vii minha filha! Tinha coração de Jesus... São Vicente de Paulo, a Legião de Maria, que era Nossa Senhora, e São José, que é o padroeiro. Então saía com as imagens, sempre São José na frente e cada grupo ia com a imagem que fazia parte do seu grupo. Tinha banda de música, tinha a banda do exército, todos de brancos, era tudo muito lindo, era o momento mais esperado. Mas então foi se perdendo, foi entrando padre, saindo padre, hoje já é diferente (Entrevista realizada em 29 de julho de 2023).

Nessa ocasião, a imagem do santo padroeiro era colocada em um rico andor, que começava a ser ornamentado no mês de agosto para recebê-lo. Durante o cortejo, o bispo e os padres vinham à frente do andor, que era protegido por um cordão de isolamento feito por policiais, enquanto era transportado manualmente pela avenida, seguindo o tradicional percurso. Conforme observado por Ricardo Luiz Souza (2013, p.73), as procissões guardam elementos simbólicos capazes de combinar aspectos do sagrado e do profano, ao mesmo tempo em que se configura num mecanismo de afirmação da fé sobre o espaço mundano, de consagração das instituições, da identidade, das hierarquias sociais, dos poderes político, religioso e social.

Mesmo oficialmente encerrada a programação, no dia seguinte à realização da procissão, os fiéis permaneciam na cidade. Nesse dia, comemorava-se o “lava-pratos” dos festejos de São José de Ribamar, uma tradição que passou a integrar a programação dos romeiros durante a festividade. Isso evidencia como a festa já demarcava uma temporalidade específica na vida coletiva, ocasionando o surgimento de costumes.

No ano de 1994, o contrato da Arquidiocese com os padres da Congregação da Missão chegou ao fim. Ao longo de 56 anos, 27 padres lazaristas (ver apêndice) dedicaram-se à administração da paróquia e às pequenas vilas do interior, onde promoveram “a evangelização e empreenderam esforços para melhorar o bem-estar material dos fiéis” (LIVRO TOMBO,

1994, p. 90). De acordo com o registro do Livro Tombo da paróquia (1994, p. 93-94), em 8 de abril de 1994, foi nomeada a nova equipe de padres diocesanos que assumiria a administração da paróquia: o pároco padre Xavier Gilles de Maupeou d'Ableiges, e os vigários padre Manoel Assunção Nunes Filho, padre Edson Geraldo Pimenta e padre Ailton César Alves de Sousa.

No ano seguinte, embora a festa não tenha sofrido modificações significativas em sua estrutura formal, foram observadas algumas mudanças na programação sob a nova administração. O programa religioso passou a ter início na sexta-feira com uma caminhada, partindo do bairro do Outeiro em direção à igreja. A partir desse momento, os devotos eram despertados às 4:30h da manhã com a alvorada e dirigiam-se à praça da Matriz, onde a primeira missa começava a ser celebrada às 6h. A primeira novena era realizada às 19:30h, com a invocação a São José.

Ao longo dos anos, além das formas de manifestação devocional já existentes, novas práticas religiosas foram incorporadas à festividade e, com o decorrer do tempo, ganharam também o *status* de tradição. Apesar das transformações ao longo de sua história, por meio de um olhar que evidencia como a festa se apresenta hoje, existe um eixo de continuidades que estabelece uma ligação com o passado. Muitos elementos presentes na festa religiosa remetem a experiências mais profundas, que ligam a tempos e espaços distintos.

3 SOBRE OS ESPAÇOS E AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA FESTA

Cidade Santa, abençoada
 Protegida pelo santo milagroso [...]
 Povo hospitaleiro, povo acolhedor
 Povo que respeita o seu santo protetor [...]
 Nossas lindas praias, um turismo encantador
 Gente que respeita o seu santo protetor
 No mês de setembro, romeiros vêm em devoção
 Pagar promessas ao santo protetor do Maranhão.

(Cidade Santa / Letra e música: Gerson Diniz, 2018)

A cidade de São José de Ribamar traz uma vivência em relação à religião, religiosidade e a suas peculiaridades que faz deste lugar um mosaico de crenças e de sensibilidades. A canção acima, do compositor Gerson Diniz, apresenta a cidade fortemente valorizada pelo seu povo, condensadora de fé, um grande polo de atração religiosa e turística. Esse espaço considerado sagrado parece possuir atributos distintos que lhe concebem respeito e admiração, “implicam uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente (ELIADE, 2001, p. 30).

Durante todo o ano, o Santuário de Ribamar é visitado, mas é no mês de setembro que esta devoção se potencializa e conseguimos observar de forma mais ampliada como os devotos se relacionam através de gestos e imagens com o seu “santo milagroso”, sobretudo durante a programação da festa religiosa. Nesse espaço sacralizado, os fiéis rendem graças, renovam seus votos e promessas e reatualizam seus mitos, sua fé e suas crenças, a partir de um conjunto de representações.

Diante disso, o presente capítulo tem como objetivo analisar os eventos que passaram a compor a festa de São José de Ribamar a partir da década de 1990, principalmente após a construção do Complexo Santuário de São José de Ribamar, conferindo um novo significado tanto para a cidade quanto para a celebração festiva. A estratégia dos organizadores nos últimos anos tem sido estender a vivência da festa ao longo do mês de setembro, em contraste com a expectativa histórica de concentração dos eventos em apenas dez dias. Por isso, faz-se importante analisar as transformações ocorridas nas últimas duas décadas, especialmente no que diz respeito à introdução de novas romarias e eventos na programação festiva.

A análise dessas mudanças contribui para o entendimento de sua continuidade, o seu crescimento, seus significados e interpretações ao longo de mais de dois séculos de existência em São José de Ribamar.

3.1 Do sagrado à política: a construção do complexo Santuário de São José de Ribamar

O conjunto de mística, identidade, tradição, reconhecimento com o lugar, entre outros elementos e ações fez de São José de Ribamar um centro de peregrinação significativo. Como mencionado no capítulo anterior, durante o mês de setembro o município de Ribamar recebe a visita de milhares de pessoas que chegam a esse lugar com diversas motivações – seja para fins comerciais, lazer, mendicância, doação, caridade e, evidentemente, devoção religiosa. Assim, a devoção a São José traz à cidade novas relações econômicas, sociais, culturais e de poder que alteram a paisagem e o tempo vivido.

Com o passar dos anos e o consequente crescimento dessa devoção, Ribamar foi sendo popularmente consagrada como santuário sem, no entanto, possuir a titulação oficial concedida pela Igreja⁵⁴. Para os devotos, esse título estava atrelado às emoções e sensações que o lugar proporcionava, possibilitando sentimentos que em outros espaços não seriam possíveis. Como destaca Souza (2018, p. 687), os centros de peregrinação são buscados, na maioria das vezes, devido à fé na intervenção do santo na solução dos anseios terrenos, o que lhes confere qualidade e alimenta sua capacidade de atração. Conforme salientado por Mircea Eliade (1992, p.24), “deve existir uma ‘porta’ para o alto, por onde os Deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu”. No caso da devoção a São José, o santuário é uma dessas portas, um local onde os devotos deixam seus ex-votos, realizam suas orações e estabelecem uma comunicação com santo. Com as mudanças no decorrer dos anos, as percepções sobre esse espaço sagrado também foram alterando-se, à medida que novos elementos e lugares foram sendo incorporados nessa devoção.

Somente no dia 9 de setembro de 2011, o Arcebispo da Arquidiocese de São Luís do Maranhão, Dom José Belisário da Silva, concedeu o título de santuário à paróquia de São José de Ribamar, como reconhecimento à forte devoção que ocorria na cidade. O pedido oficial foi solicitado pelo Conselho Presbiteral da paróquia que, no decorrer do processo, buscou evidenciar a significativa e crescente atração de fiéis como um dos fundamentos para essa concessão⁵⁵. Além de ser um fator determinante para maior consolidação do culto a São José, esse reconhecimento reforça o status de sacralidade do santuário, onde ocorrem práticas e rituais que contribuem para a manutenção da sua função espiritual e religiosa, ampliando ainda mais

⁵⁴ De acordo com Oliveira (2004, p.49), os santuários são mediações do sagrado. Trata-se do lugar privilegiado de busca do sagrado como dimensão espiritual, mística e sobrenatural da existência.

⁵⁵ Documento oficial de criação do Santuário de São José de Ribamar. Ver: Pastoral de Comunicação - PASCOM do Santuário. Disponível em: <http://pascomsjr.blogspot.com/2011/09/documento-do-santuario-de-sao-jose-de.html?m=1>. Acesso: 13 de maio de 2023.

a atração de romeiros e peregrinos. Esses rituais comunicam mensagens relacionadas não apenas ao sobrenatural, mas também a aspectos econômicos, sociais, lúdicos e culturais, por exemplo.

Conforme exposto nos capítulos anteriores, a história do município sempre foi retratada fazendo referência à devoção a São José. O poder de intercessão do santo tornou-se memória coletiva da população ribamarense, a cidade se prepara ao longo do ano para celebrar a fé e invocar as “bênçãos e proteção” de São José. De acordo com o atual reitor do Santuário, Padre Cláudio Roberto Cruz, é notável o crescente número de romeiros que visitam o Santuário de São José de Ribamar a cada ano⁵⁶. Além de ser uma expressão das tradições católicas, com seu conjunto de mitos, ritos e crenças, o santuário também se destaca como um ponto de referência importante para o turismo religioso na região⁵⁷.

Para compreender o que motivou o crescimento e a maior visibilidade do santuário e da festa de São José de Ribamar ao longo dos anos, faz-se necessário apresentar algumas das ações empreendidas na paróquia a partir da década de 1990. Como apresentado anteriormente, por um longo período, a Paróquia de São José de Ribamar foi administrada pelos padres da Congregação da Missão e, a partir de 1994, passaram a gerir a paróquia os padres diocesanos, implementando o plano de missão da arquidiocese de São Luís⁵⁸. Com a chegada da nova administração, com destaque ao pároco padre Xavier Gilles de Maupeou d’Ableiges, que iniciou suas funções paroquiais junto aos novos vigários em 8 de abril de 1994, a festa de São José de Ribamar e seus espaços iniciaram um novo e gradativo processo de modificações⁵⁹.

A partir desse período, alguns elementos foram incorporados à festividade, passando a atrair um maior número de pessoas e, conseqüentemente, engrandecendo e dando maior

⁵⁶ Padre Claudio Roberto, natural de Belém-PA, chegou ao Maranhão em 1988. Foi reitor do Seminário Arquidiocesano Santo Antônio e atualmente atua como diretor da rádio Educadora do Maranhão e Reitor do Santuário Arquidiocesano de São José de Ribamar. Disponível em: <https://www.santuarioderibamar.org/padre-claudio-roberto>. Acesso em: 20 jan. 2024.

⁵⁷ De acordo com Flores Filho (2012, p. 49), o turismo religioso é na atual conjuntura social, juntamente com as tecnologias da comunicação, poderoso meio de contato que promove o fluxo e o refluxo, propagação e deambulação em uma troca contínua de influência de um lado e atrações do outro.

⁵⁸ A Igreja Católica, em termos de sua organização espacial, está dividida em áreas diocesanas. Cada Diocese é comandada sob competência de um bispo diocesano. As paróquias, como paragens menores, estão situadas dentro dessas áreas e funcionam como pontos de ligação umas das outras (SOUZA, 2009). Dessa forma, o Padre Diocesano é o coadjutor mais próximo do bispo, sendo seu dependente e assumindo autoridades nas paróquias que lhe são confiadas.

⁵⁹ O sacerdote francês, Xavier Gilles de Maupeou, chegou ao Brasil na década de 1960. Foi pároco da Paróquia de São José de Ribamar até o ano de 1995, ano que foi nomeado pelo Papa São João Paulo II como bispo auxiliar da Arquidiocese de São Luís do Maranhão. Em 1998, foi nomeado bispo da diocese de Viana, onde permaneceu até sua renúncia por idade. Disponível em: <<https://www.arquidiocesadesaoluiz.org/post/xavier-gilles-de-maupeou-d-ableiges-28-anos-de-ordena%C3%A7%C3%A3o-episcopal>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

visibilidade à celebração e, por conseguinte, à própria cidade. Ao longo do tempo, tanto os padres diocesanos quanto seus antecessores contribuíram para que a cidade de Ribamar assumisse um caráter de centralização religiosa, sobretudo com os esforços dedicados à construção do espaço que hoje é conhecido como Santuário de São José de Ribamar.

Logo no início do seu paroquiado, o padre Xavier Gilles envolveu-se na construção do prédio destinado aos encontros dos grupos religiosos, em reformas na Igreja Matriz, Salão das Graças e da Casa Paroquial, e também na concessão de uma participação mais ativa do poder municipal no planejamento e na realização da festa do padroeiro. Reconhecendo o crescente número de fiéis provenientes de outras regiões e buscando evidenciar o santuário como uma das potencialidades turísticas da região, como um centro de referência para o turismo religioso⁶⁰, o pároco empenhou-se ao desenvolvimento do projeto de construção da basílica, como bem mostra a carta enviada em 11 de dezembro de 1994, ao prefeito municipal Dr. Júlio César de Sousa Matos e, posteriormente, também encaminhada ao Senador José Sarney:

Como o Sr. bem sabe fui nomeado pároco desta cidade em 08 de abril de 1994, vindo morar aqui apenas no fim do mês, sendo que terminei somente agora meu mandato de reitor do Seminário Interdiocesano Santo Antônio - SISA.

Nos encontramos poucas vezes, mas cada vez o senhor me reiterou sua vontade de colaboração. Mandamos reformar o telhado da nossa matriz, Santuário de São José de Ribamar e o Sr. confirmou que ia arcar com as despesas.

Hoje, por esta carta, quero expor a V. Exa. o projeto que segue e pedir-lhe a possibilidade de abraçá-lo dando melhor de si para sua realização. Projeto que necessita ainda ser elaborado por técnicos e discutido tanto com a comunidade como as demais autoridades competentes.

São José de Ribamar tem uma potencialidade turística importante e é parte integrante da fé católica do povo maranhense e recebe cada dia, semana após semana, romeiros de toda parte. Em São José não existe, praticamente, nenhuma estrutura que permita desenvolver estas potencialidades turísticas. Do ponto de vista religioso temos o venerável e venerado santuário matriz da paróquia que se revela pequeno demais, uma pequena "Casa das Graças" ou "Casa dos Milagres" e um salão paroquial, além do terreno da Gruta de Lourdes bastante desprezado e deteriorando-se apesar dos cuidados do devoto Seu Ivan. As duas ruas que circundam o santuário atrapalham bastante a vida religiosa e sobretudo a vida litúrgica por causa da circulação e dos veículos com alto-falantes (LIVRO TOMBO, 1994, p. 97).

Conforme observado pelo pároco, havia a necessidade da construção de uma grande obra que viesse a fortalecer a identidade religiosa de São José de Ribamar. Além disso, a cidade não contava com a infraestrutura básica e turística necessária para receber o considerável fluxo de visitantes; as medidas adotadas até então tinham um caráter temporário e informal. Devido à demanda religiosa e turística crescente, o projeto poderia contribuir para uma maior visitação

⁶⁰ De acordo com José Vicente de Andrade (2004, p.77), o turismo religioso é “um conjunto de atividades, com utilização parcial ou total de equipamentos, e a realização de visitas a receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões.

da cidade como um todo, o que poderia desencadear mais investimentos na infraestrutura e maior dinamismo da economia local.

Nesse período, as estimativas numéricas dos participantes da festa de São José e de outras festividades tradicionais da cidade foram, por diversas vezes, apresentadas no jornal *O Estado do Maranhão* e outros periódicos. Esses dados levam à reflexão acerca das possíveis motivações que levaram o periódico a destacar os dados, e se eles, de alguma forma, condizem com o cenário das políticas turísticas desenvolvidas na época. Nas imagens abaixo, é possível verificar notas divulgadas pelo referido jornal no ano de 1994 e 1995, que apresentam o cômputo de turistas e visitantes durante os festejos do padroeiro naqueles anos.

Figura 16 – Jornal *O Estado do Maranhão*, 1994



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão*, Cidade/ 11 de setembro de 1994.
Livro Tombo da Paróquia de São José de Ribamar

Figura 17 - Procissão de São José de Ribamar



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão*, 11 set. 1995, p.1, nº 11.472.

Enquanto a matéria de 1994 destacava a cidade como um potencial destino turístico durante as férias de julho, que antecederam o festejo do santo, *O Estado do Maranhão*, em 1995, apresentou a cobertura da *Grande Procissão*, informando a presença de 20 mil pessoas na referida celebração, marcando assim o encerramento dos festejos do santo padroeiro naquele ano.

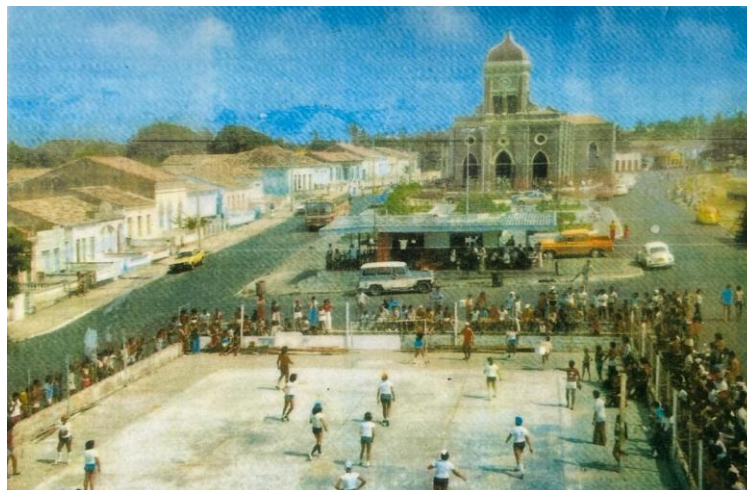
Foi possível encontrar várias matérias que apresentavam esse cômputo de turistas, de ocasiões e assuntos mais expressivos que marcaram a festividade, a economia local, a cidade, dentre outras informações. Alguns temas eram recorrentes nas matérias: número de participantes, o potencial turístico (dicas destinadas a turistas, como localização de restaurantes e preços); shows, aspectos históricos que tendem a afirmar a tradicionalidade da festa; outros aspectos da parte religiosa (missa de abertura e procissão de encerramento) e estrutura da igreja. Para além da realização das diversas festas que integravam o calendário festivo, as riquezas naturais também se figuraram como matérias centrais sobre a cidade nos periódicos.

A crescente demanda de visitantes à cidade, impulsionada pela devoção a São José, representava um desafio para a comissão organizadora da festa durante os preparativos, evidenciando a necessidade de mudanças no lugar de devoção. A igreja já não comportava o expressivo número de fiéis durante as missas e, principalmente, durante os festejos.

As dificuldades enfrentadas eram expostas em matérias jornalísticas, como a veiculada no jornal *O Estado do Maranhão*, em 1995. Entre os desafios destacados, a matéria ressaltava a falta de “infraestrutura para receber romeiros de classe mais pobre”, que, sem condições financeiras para se hospedarem nas poucas pousadas da cidade, eram muitas vezes obrigados a se instalarem nas praças públicas, sob as árvores (O ESTADO DO MARANHÃO, 29 set. 1996, p.3 nº 11.862).

A ideia central apresentada na época pelo Pe. Xavier Gilles consistia em realizar uma ampla reforma na praça principal e ruas laterais, a fim de transformar todo o espaço do entorno da igreja em um grande complexo religioso e cultural. A praça São José se transformaria em “um grande ‘calçada-jardim-praça’ com uma ‘via-sacra de São José’ até o terreno da gruta, onde seria construída a futura basílica e ao pé desta, na beira-mar, a casa dos romeiros” (LIVRO TOMBO, 1994, p. 97). A iniciativa visava a proporcionar uma acomodação adequada aos devotos e ampliar a capacidade de acolhimento do local, viabilizando também o crescimento da festa. A imagem abaixo, datada da década de 1970, oferece um panorama da antiga Praça São José, atualmente conhecida também como Praça da Matriz.

Figura 18 - Panorama de São José de Ribamar, década de 1970



Fonte: Arquivo Sr. Antônio Miranda. Acesso em 27 jun. 2023.

A carta enviada pelo pároco resultou na formação de uma comissão encarregada de elaborar o projeto que ficou conhecido na época como *Complexo Arquitetônico Basílica de São José de Ribamar*. Inicialmente, o projeto abrangia a construção da basílica, do Caminho de São José, da Casa dos Romeiros e Casa das Velas. Ao ser questionado pela historiadora Jornaly Ribeiro, durante uma entrevista realizada em 2018, sobre a iniciativa do projeto, o padre Dom Xavier ressaltou:

Foi aí que Dom Paulo me confiou a responsabilidade do santuário-paróquia e, naquela época, a paróquia compunha todo o município de São José de Ribamar, Paço do Lumiar menos *maibom* (sic) e o município de Raposa... e eu vi uma cidade que não adormecia [...] Uma cidade carente aonde o único grande movimento era a festa de São José de Ribamar, no mês de setembro. Então com alguns gente de fora, gente de São José de Ribamar, depois de São José... nós dizemos, a riqueza de São José de Ribamar é a devoção popular de São José de Ribamar, para isso temos que investir para acolher os peregrinos... Por isso temos que transformar, modificar o aspecto, a maneira de cuidar. Bom, houve uma discussão e reparamos um planejamento para fazermos um santuário maior e era um projeto que como nome de fantasia nós... nós chamamos "Projeto Basílica" mas não era uma Basílica; Basílica um título dado a certas igrejas... mas eu tinha dado o título de "Projeto Basílica" com o nome sem decretar, evidentemente e a gente viu que financeiramente não tínhamos capacidade de realizar isso. Então começamos com um grupo... e preparamos um projeto, que era, que precisava de um apoio das autoridades municipal, estadual e até nacional, o prefeito disse que sim, sim; mas não encaminhava nada. (Pe DOM XAVIER, 2018 apud RIBEIRO, 2019, p. 34).

Conforme registrado no Livro Tombo (1995, p. 120-122), após a sua definição, o projeto foi materializado em uma maquete, apresentada em agosto de 1995 pelo pároco e vigários da paróquia à Governadora Roseana Sarney e às autoridades políticas locais. Posteriormente, foi exposta no Santuário para a aprovação e apreciação da comunidade. O projeto foi dividido em três etapas distintas: a primeira consistia na reurbanização de toda a área ao redor e em frente à igreja, com a construção do Caminho de São José; a segunda etapa envolvia a edificação do Museu dos Ex-Votos e a estátua de São José e do Menino Jesus; por fim, a terceira etapa

compreendia a construção da Concha Acústica em forma de bíblia e a Casa das Velas. As obras de revitalização da praça tiveram início em dezembro de 1996 e só foram viabilizadas através da colaboração dos fiéis, por meio de campanhas para arrecadação de fundos, e dos poderes municipal e estadual, com a captação de recursos através de atores como a então Secretária de Estado da Cultura (SECMA) (REIS, 2001, p. 328).

É importante ressaltar que esse projeto estava alinhado à concepção predominante de cultura e de gestão cultural durante o primeiro mandato de Roseana Sarney no Governo do Maranhão (1995-1998)⁶¹. Essa concepção tendia a valorizar e priorizar certas expressões artísticas e manifestações culturais, muitas vezes alinhadas aos interesses políticos e econômicos da época. De acordo com autora Leticia Conceição Martins (2008, p.90), ao analisar os Relatórios de Atividades da Secretaria de Estado da Cultura, entre os grandes projetos executados em 1996, destacam-se a Construção do Espaço cultural da Igreja de São José de Ribamar e o início da construção do Museu do Ex-voto.

Dada a importância da devoção a São José no contexto religioso do Maranhão, o projeto recebeu uma expressiva divulgação. Na época, a mídia jornalística estampava matérias com discursos que enfatizavam um novo tempo em Ribamar, marcado por transformações e avanços significativos:

São José de Ribamar está vivendo um novo tempo de devoção. Está sendo inaugurada a primeira etapa das obras da Basílica de São José de Ribamar, um projeto urbanístico, artístico e arquitetônico realizado pelo Governo do Estado do Maranhão, com a participação da Paróquia e da comunidade [...] A população e os devotos de todo Maranhão, mereciam essa homenagem do Governo do Estado. Um monumento à religiosidade e à devoção do nosso povo (O ESTADO DO MARANHÃO, 14 set. 1997, p. 3, nº 12.818).

A inauguração da primeira etapa das obras se deu em 12 de setembro de 1997, marcada pela entrega do Caminho de São José de Ribamar. Este caminho é composto por um conjunto de oito estações baseados em passagens bíblicas que narram a história da Sagrada Família de Nazaré. Destaca a história do pai adotivo de Jesus no cumprimento de sua missão e vocação: o noivado de José com Maria; o sonho de José; o nascimento de Jesus; estação dos Reis Magos; a fuga de José para o Egito; Jesus entre os doutores; a morte de São José⁶². Essas estações foram dispostas ao longo da Praça São José, situada em frente à igreja matriz, substituindo a antiga imagem da Sagrada Família, que havia sido construída em 1979⁶³.

⁶¹ Roseana Sarney foi assessora de seu pai, José Sarney, na Presidência da República. Em 1990, foi eleita deputada federal pelo PFL/MA. Em 1994, foi eleita governadora do Maranhão e reeleita em 1998. Mais tarde, nos meados de 2001, tornou-se pré-candidata do PFL às eleições presidenciais (CARDOSO, 2008).

⁶² As imagens foram construídas pelo artista plástico goiano Sival Floriano Veloso, que deu início aos trabalhos em junho de 1996.

⁶³ Disponível em: <https://www.santuarioderibamar.org/o-caminho>. Acesso em: 4 jan. 2024.

Figura 19 - Imagem da Sagrada Família, no Largo da Igreja - 1995



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão*, 10 set. 1995, p.2, nº11.472.

Aos poucos, as obras empreendidas foram modificando o cenário urbano de Ribamar. Conforme registros do Livro Tombo, as atividades que eram realizadas na praça provocavam insatisfação na paróquia, como evidenciado em uma matéria jornalística veiculada em 5 de março de 1995, sobre a realização do carnaval do “lava-pratos” em Ribamar⁶⁴: “o vigário paroquial de São José de Ribamar, Ailton César Sousa, 29 anos, acha um exagero o carnaval realizado hoje. E o pior, segundo ele, é ‘terem montado a passarela do samba quase dentro da igreja e diante disso só resta ao sagrado se esconder do profano’” (TOMBO, [s/d], p. 102). Com as reformas realizadas, a praça passou a ser uma extensão do santuário, permitindo à paróquia o controle sobre esse espaço, afastando as atividades relacionadas às práticas profanas. Conforme Bourdieu (2003, p.7-8), o poder simbólico está presente em todos os lugares, daí a necessidade de descobri-lo onde menos se evidencia, ou seja, onde já foi absorvido a ponto de muitas vezes assimilarmos como algo dado, natural e, por isso, já tão integrado às nossas práticas cotidianas.

A solenidade de inauguração da praça ocorreu durante a abertura da festa em honra ao padroeiro e contou com a presença de autoridades religiosas, políticas e da comunidade em geral. Esse momento recebeu destaque nas páginas do jornal *O Estado do Maranhão* em 13 de setembro 1997, com a manchete *Governadora inaugura obras e homenageia São José de Ribamar*. Durante a cerimônia, a governadora Roseana Sarney destacou o papel fundamental

⁶⁴ Após o período oficial do Carnaval, ocorre em Ribamar o tradicional evento conhecido como “lava-pratos”, uma festa carnavalesca realizada no domingo seguinte ao término da semana de folia.

do bispo auxiliar D. Xavier Gilles e do senador José Sarney na idealização do projeto, além de apresentar os próximos passos para a continuidade das obras.

De acordo com a governadora, uma outra medida que seria adotada pelo Governo do Estado e que impulsionaria o aumento do fluxo de visitantes em Ribamar, era a realização de melhorias na estrada que liga a capital à cidade. Em seu discurso, Roseana Sarney destacou a importância histórica de São José como protetor do estado e dos peregrinos, ressaltando que não poderia “pensar em um novo tempo no Maranhão negando apoio a este culto” (O ESTADO DO MARANHÃO, 13 set. 1997, p.6, nº12.817). Nesse contexto, o termo “novo” é associado a “progresso” e “modernidade”, evidenciado pelo projeto político assumido pelo seu governo, cujo *slogan* era “Um Novo Tempo”.

A governadora Roseana Sarney retoma o atributo “novo” utilizado também por seu pai, José Sarney, como campanha e palavra-chave de seu governo em 1966, o “Maranhão Novo”. De acordo com historiador Wagner Cabral (2015), para essa compreensão, são empreendidas duas operações lógicas: a primeira delas consiste na preservação do mito de fundação da oligarquia, representado pela “ritualização da morte do passado, para indicar a ideia de *ruptura* no sistema político estadual”. A segunda destaca “a *continuidade* do ‘novo’, agora em outro patamar, mais adequados às indagações e inquietações do presente”. Se José Sarney construiu os alicerces da “modernidade”, sua herdeira, Roseana Sarney, assume o papel de dar continuidade à “obra ‘regeneradora’, rumo a uma nova ‘idade de ouro’ no Maranhão” (CABRAL, 2015, p.231-232).

Essa ação se expressaria, por exemplo, pelo investimento em construções de estradas, pela recuperação de espaços culturais e monumentos históricos, através de planos de desenvolvimento em que o turismo passava a ser considerado um fator de desenvolvimento econômico regional. De acordo com a governadora, além das obras de reurbanização que estavam ocorrendo em Ribamar, até o final de seu mandato seria realizada toda a duplicação da MA-201 (estrada de Ribamar), visando a proporcionar mais segurança no trânsito, principalmente pela concentração cada vez maior de veículos (O ESTADO DO MARANHÃO, 13 set. 1997, p.6, nº12.817). A melhoria na estrada provocaria uma rotatividade maior dos romeiros.

Importante ressaltar que nas memórias dos devotos mais antigos, a estrada de Ribamar faz parte do universo da própria experiência do peregrinar. Os quilômetros percorridos, a longa distância e a estrada ruim ou a falta dela, faziam parte do sacrifício, da prova de fé e da busca pela graça divina. Em sua obra *Ribamar: Romance folclórico*, publicado em 1953, a autora Carmina Waquim descreveu as experiências dos romeiros que peregrinavam por toda a estrada

que ligava São Luís a São José de Ribamar, destacando os diversos ex-votos trazidos por esses peregrinos. Conforme apresentado por Steil (2018, p.11), a peregrinação carrega um duplo sentido, uma viagem que mescla aventura, heroísmo em associação com o religioso, pois é uma jornada árdua com sacrifícios, mas que tem uma intenção espiritual.

Durante a cerimônia de inauguração, o Senador José Sarney ressaltou que a construção da basílica representava um marco na história cultural e religiosa do estado do Maranhão, enfatizando que São José de Ribamar é um local de peregrinação e era necessário “restaurar a infraestrutura da cidade para que a devoção ao santo tivesse continuidade” (O ESTADO DO MARANHÃO, 13 set. 1997, p.6, nº12817). A cidade deveria dispor de condições urbanas e de infraestrutura adequadas para receber grande contingente de pessoas e grupos, não apenas durante o período da festa do santo, mas ao longo de todo o ano.

No Livro Tombo (1994, p. 123) consta a descrição da solenidade de inauguração do novo espaço, com a presença de autoridades civis, religiosas, militares e governamentais, evidenciando a importância da devoção a São José para a comunidade. De acordo com o documento, após a cerimônia de inauguração, o arcebispo de São Luís, Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte, e o bispo auxiliar Dom Xavier Gilles de Maupeou conduziram a benção das oito estações distribuídas na praça⁶⁵. Em seguida, foi realizada a missa campal como parte dos rituais religiosos da festa. Para encerrar a programação de inauguração, o evento também contou com as apresentações culturais do Boi Barrica, do Tambor de Crioula da Fé de Deus e do tradicional Boi de Ribamar⁶⁶.

As obras de construção da basílica passaram por momentos distintos durante o seu desenvolvimento. Dando continuidade às obras que visavam a tornar o entorno do santuário atrativo para turistas e peregrinos além do período da festa, em março de 1997, teve início a segunda fase do projeto, caracterizada pela construção do Museu dos Ex-votos e das duas grandes estátuas representando São José e o Menino Jesus. Contudo, para dar espaço ao museu, foi necessário destruir o Horto do Calvário, erguido em 1958. Essa ação gerou questionamentos por parte de algumas pessoas da comunidade, pois viam na destruição do horto uma perda para a história da cidade, conforme relatado em entrevistas realizadas.

Em maio de 1998, teve início a terceira e última etapa das obras, marcada pela construção da Concha Acústica e da Casa das Velas, esta última construída na parte atrás da

⁶⁵ São oito conjuntos de estátuas esculpidas pelo artista Sinval Floriano Veloso, baseados em passagens bíblicas, que compõem um “caminho”, situado na praça em frente à igreja.

⁶⁶ De acordo com a autora Leticia Conceição Martins Cardoso (2008, p.148-149), no Governo de Roseana Sarney, a utilização de expressões culturais populares, como o bumba-meu-boi, no processo de produção de símbolos para o Estado, contribuiu para a legitimação da governadora como aquela que valoriza a “cultura popular do Maranhão”.

igreja. Para viabilizar a construção da Concha, também foi necessária a demolição do Cruzeiro Memorial, que havia sido construído em 1956. A Concha Acústica tornou-se um espaço significativo na cidade, sendo utilizada para realização de missas, eventos culturais e religiosos, além de outras solenidades importantes, como os encerramentos dos festejos de setembro.

Nessa fase, foram disponibilizados novos recursos financeiros para impulsionar a conclusão das obras. O projeto contou com o financiamento do governo estadual, além do suporte financeiro das empresas de telecomunicações do Maranhão, garantindo os recursos necessários para sua conclusão (TOMBO, 1997, p. 123). Apesar de não ter sido possível especificar o valor total dos recursos oriundos de cada segmento ao longo da construção do Complexo Santuário, os jornais divulgaram que o governo do Estado estaria investindo aproximadamente R\$ 1,1 milhão nas obras (O JORNAL DO MARANHÃO, 13 set. 1997, nº 12.817).

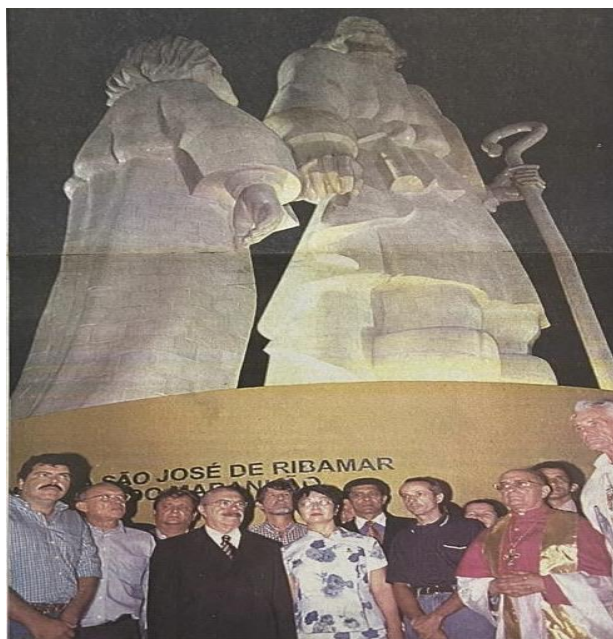
No dia 4 de setembro de 1998, durante a abertura do festejo do padroeiro, ocorreu a apresentação oficial dos dois monumentos e da casa das velas, representando um marco significativo para a comunidade:

O Complexo Santuário, construído pelo governo do Estado, é o maior centro de Romarias do Maranhão. É formado por uma praça bíblica, concha acústica para missas campais, monumento e capela, além de um novo local para a Casa das Velas. A cidade espera receber cerca de 40 mil pessoas até o dia 13 (O JORNAL DO MARANHÃO, 4 set. 1998, p. 1, nº 13.173).

A cerimônia de inauguração do Novo Complexo Santuário contou com a presença do senador José Sarney, além de outras autoridades políticas, administrativas e religiosas, como o arcebispo de São Luís, Dom Paulo Ponte, do bispo auxiliar, Dom Xavier Gilles, e o pároco da igreja de São José de Ribamar, padre Bráulio Ayres. Nesse período, a governadora Roseana Sarney e o seu vice, José Reinaldo Tavares, estavam legalmente proibidos de participar de cerimônias de inauguração de obras do Estado, pois eram candidatos à reeleição na época. No entanto, a solenidade reuniu um grande número de políticos e autoridades, incluindo candidatos e membros do governo do estado.

Conforme registrado no Livro Tombo (1998, p. 125), após as homenagens e solenidade eucarística, todos os representantes se dirigiram aos locais a serem inaugurados. Nesse momento, “as autoridades eclesásticas, civis e militares, fizeram-se acompanhados por um número incontável de pessoas até o alto do monumento para o registro histórico fotográfico”, conforme apresentado na imagem abaixo.

Figura 20 – Inauguração do Complexo Santuário de São José de Ribamar



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão*, 5 set. 1998, p.1, nº 13.174.

Como já exposto, além de preservar a tradição religiosa, o processo de revitalização do espaço, por meio da construção de novos elementos arquitetônicos e paisagísticos, visava a criar condições para promover o desenvolvimento turístico da região, que resultaria em uma série de realizações que se estenderiam por inúmeros aspectos. Para tanto, era necessário desenvolver uma intensa política de promoção da festa, da imagem do santo e do santuário, buscando torná-lo um dos mais relevantes centros de devoção a São José, como destacado na matéria do jornal *O Estado do Maranhão*, em 1998:

O turismo ganha infraestrutura. A inauguração do complexo santuário de São Jose de Ribamar marcou ontem o início da maior festa religiosa do Maranhão. O festejo em homenagem a São José, santo padroeiro de Ribamar, que passa a contar com uma estrutura ampla e moderna, deve atrair um número bem maior de pessoas do que todos os tempos. A praça bíblica, localizada entre a Matriz e a Concha Acústica abrigará um número maior de fieis para assistirem à missa campal. O complexo Santuário ganhou uma nova Casa das Velas, e um monumento com estátua de São José. Para o pároco de Ribamar, padre Bráulio Ayres, o Santuário tem duas razões de ser. A primeira refere-se à fé do povo, que precisa de símbolos para sobreviver. A segunda é o benefício social e econômico, com o incentivo ao turismo na cidade (O ESTADO DO MARANHÃO, 5 set. 1998, p.5, nº 13.174).

Todas mudanças urbanas que lentamente foram se impondo na cidade impactavam a festa de Ribamar. Apesar de os festejos, com todos os bens culturais a eles associados, serem enquadrados dentro de uma perspectiva temporal linear de realização e numa dada espacialidade, seus sentidos e efeitos são transcendententes. O processo de transformação pelo qual o espaço de realização da festa passou, em geral, foi realizado na perspectiva de conferir

uma maior visibilidade, tornando-a mais atrativa e, conseqüentemente, tornar a cidade mais atraente para turistas e empreendimentos que buscavam se estabelecer na região.

Nos dias de festejo, visitantes, romeiros e pagadores de promessas alteram de maneira significativa a dinâmica espiritual e comercial da cidade, que lucra com o turismo e o consumo relacionado aos ciclos religiosos anuais. Conforme observado por Alba Zaluar (1983), as festas religiosas no Brasil têm sofrido mudanças relevantes ao transformarem momentos devocionais em ocasiões de caráter comercial e econômico. Nesses momentos, como salienta Steil (2003, p. 251), “existe uma miscelânea de atos religiosos e turísticos praticados pela mesma pessoa”, evidenciando uma dualidade de intenções. Muitas vezes, os devotos não frequentam a festividade apenas para fazer pedidos e agradecimentos, mas também para socializar, fazer amizades, adquirir lembranças do santo de devoção, que, de certa forma, é uma maneira de registrar o momento vivido. Nesse contexto, o tempo sagrado se dá concomitantemente ao tempo profano, cada um em seu devido espaço, entretanto, interagindo entre si.

Após as reformas, Ribamar tornou-se mais atrativa, passando a dispor de um conjunto estrutural destinado não apenas aos romeiros e peregrinos, mas principalmente aos turistas, tornando-se uma opção de lazer também para a comunidade local. Entre os principais atrativos do Complexo Santuário, destacam-se: o Santuário, onde está localizada a imagem do padroeiro, sendo o centro da devoção; a Casa das Velas, local procurado para pedidos e agradecimentos ao santo; a Casa dos Milagres, espaço onde se encontra à venda uma variedade de artigos religiosos; a Concha Acústica, utilizada para a realização de grandes eventos culturais, religiosos e políticos; e a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, construída em 1957, um espaço de devoção secundária que remete ao imaginário religioso do Santuário de Lourdes, na França. Além disso, destaca-se o grande monumento de São José e o Menino Jesus, localizado em frente à baía de São José; o Museu dos Ex-Votos; e o Caminho de São José, um conjunto de imagens que narram a história de Jesus, Maria e José. Na imagem abaixo é possível visualizar todos os elementos constituintes do Complexo Santuário de São José de Ribamar.

Figura 21 - Complexo Santuário São José de Ribamar



Fonte: FERREIRA, André Lucas; SOUZA, José Arilson, 2021.

Diante do exposto, pode-se afirmar que um conjunto de ações e políticas, tanto por parte do Estado quanto da Igreja, aliadas a fatores locais e culturais, contribuiu para a formação do atual cenário de São José de Ribamar. A cidade é reconhecida como um dos principais polos devocionais católicos da região, sendo o *locus* da festa em louvor a São José, que continua atraindo milhares de pessoas anualmente.

Em tempos de festa, o santuário é “capaz de acomodar a multiplicidade e a pluralidade das experiências de vida trazidas por romeiros, moradores e dirigentes clericais” (STEIL, 1996, p.86), além de um universo de “prestadores de serviços do sagrado”, que se encontram nesse lugar demarcado por “transações rituais e econômicas”, “discursos religiosos e seculares”, “valores novos e antigos”.

3.2 “Santuário de Ribamar, romeiro de longe que vem visitar”: os novos eventos e lugares

Os acontecimentos miraculosos, as hierofanias, aparições e relatos de fenômenos extraordinários marcam e colaboram de forma significativa para a formação de crenças e devoções. Conforme demonstrado ao longo dos capítulos, o milagre foi um fator estruturante da devoção a São José que se desenvolveu em Ribamar, sendo fundamental para se compreender

a crença, as particularidades e os significados dessa devoção, e, sobretudo, a construção do imaginário do devoto.

No santuário, o fluxo de fiéis e pagadores de promessas é constante ao longo de todo o ano, mas é durante o mês de setembro que atinge sua maior intensidade. Com mais de duzentos anos de existência, a festa em homenagem a São José de Ribamar ganhou notoriedade e grandes proporções, sedimentando-se como uma das maiores expressões culturais e religiosas da região, envolvendo diversos elementos que perpassam a memória, a identidade e a trajetória histórica do lugar. Ao longo do tempo, a amplitude social, a estrutura e a organização, assim como o ritmo e o tempo dedicados à sua realização, passaram por constantes alterações. Uma das mudanças mais significativas diz respeito ao seu tempo de realização: o tempo de planejar e executar alargou-se significativamente. No que se refere à programação, especialmente a partir do final da década de 1990, observou-se a inclusão de novas romarias no calendário oficial da festividade.

A análise das programações de festas anteriores permitiu evidenciar essas mudanças sucedidas. No final do século XX, a programação da festa era marcada por novenas, realização de missas e por duas procissões tradicionais, que desempenhavam um papel importante na manutenção da celebração: a *Romaria da Alvorada* e a *Grande Procissão*. A partir de 2001, duas novas romarias passaram a compor a festa. Atualmente, o calendário oficial inclui um total de nove romarias, além das peregrinações da imagem de São José. Além dos eventos organizados pela Igreja e oficialmente integrados à programação, também ocorrem romarias com organizações independentes, não incluídas no corpo da programação, mas que fazem parte da devoção.

Apesar dos esforços da paróquia para controlar e disciplinar a festa ao longo tempo, definindo sua programação oficial, outros setores, formado por participantes, devotos e pagadores de promessas, também foram criando diferentes maneiras de vivenciar a festa. Os indivíduos e grupos, por vezes, não reconhecem ou burlam as normas, em uma verdadeira “liberdade gazeteira das práticas”, estabelecendo formas de interpretar, de consumir, e de agir diante dessas estratégias tidas como não legítimas (CERTEAU, 1994, p.19).

Em Ribamar, algumas romarias tiveram origem em promessas feitas pelos devotos, sendo organizadas de forma independente. Com o passar do tempo, ganharam notoriedade e transformaram-se em tradições. A chamada *Romaria dos Motoqueiros* é um exemplo. A romaria ocorre na noite de sábado, véspera do *Dia da Festa*. O percurso até São José de Ribamar tem início às 23h, no bairro da Cohab, em São Luís. A parada ocorre no Santuário, por volta da meia noite, onde os motoqueiros aguardam para receberem a bênção dos capacetes realizada

pelo pároco da paróquia. Muitos devotos e curiosos se posicionam ao longo das avenidas que compreendem o percurso, aguardando a chegada dos participantes. Os ambulantes também aproveitam a movimentação ao longo da estrada para realizar a venda de bebidas e comidas.

Por ter surgido de forma autônoma e independente, durante a pesquisa documental foram escassos os registros sobre o início dessa romaria. De acordo com registro do Livro Tombo (2000, p. 126), em setembro de 2000, houve uma significativa homenagem à escritora maranhense Camina Waquin, em “reconhecimento aos seus escritos” sobre a cidade. Ela foi “condecorada com uma placa de prata e uma medalha de honra e mérito, pois em seu livro encontra-se escrita a primeira benção de veículos em 1940, juntamente com a primeira romaria dos motoqueiros”⁶⁷. Conforme a escritora, em sua obra *Ribamar: Romance Folclórico*, em 1943 já havia a realização de uma romaria de motoqueiros em Ribamar. No entanto, essa prática teria perdido força e desaparecido no final da década de 50.

Embora não tenha sido possível encontrar registros oficiais referentes à data, sabe-se que essa romaria voltou a ser realizada na década de 1980, como uma forma de pagamento de uma graça alcançada por intercessão de São José, como pode ser observado na matéria veiculada no jornal *O Estado do Maranhão*, no ano 2000:

Cerca de 2.500 motociclistas e ciclistas se aglomeraram em frente à igreja Nossa Senhora da Conceição, esperando o ponteiro do relógio marcar as 23h. De lá, todos seguem para o caminho que leva à cidade balnearia de São José de Ribamar, localizada a 23km de São Luís. É a Romaria dos motoqueiros, que tem se mantido ininterruptamente nos últimos 15 anos durante o festejo que acontece em homenagem a São José de Ribamar, o santo mais popular do Maranhão. Alan Moraes, Vice-presidente do Clube de Motociclistas do Maranhão, entidade que tem realizado a romaria, conta que partiu de uma promessa para salvar a vida de um amigo. “Ele sofreu um acidente, ficou 10 dias em cima e corria risco de não andar. Fiz então a promessa a São José de Ribamar de que se ele se recuperasse faria essa romaria. No começo eram 50 motos, hoje, quase 2.500” (O ESTADO DO MARANHÃO, 18 set. 2000, p.5, nº 13.915).

Nos primeiros anos de realização, a romaria contava com uma participação modesta, mas ao longo dos anos, experimentou um considerável crescimento numérico. Durante a festividade de 2001, atingiu cerca de três mil participantes, oriundos de diversas cidades do Maranhão e também de outros estados (O JORNAL DO MARANHÃO, 10 set. 2001, p.6, nº 14.272). Diferentemente das outras atividades coordenadas pela Igreja, a *Romaria dos Motociclistas* não possui nenhum vínculo direto com a paróquia, sendo organizada por uma comissão ligada ao Clube dos Motociclistas do Maranhão. A cada realização, foi conquistando

⁶⁷ Em Ribamar, tornou-se tradição a benção de automóveis aos domingos e durante o período da festa. A tradição remete à crença na intercessão do santo e na proteção divina para os que utilizam esses meios de transporte. Durante as obras de urbanização da Praça São José, foram feitas reformas na área externa da lateral da igreja, reservada especialmente para essa prática.

o seu espaço, tornando-se uma tradição entre os participantes da festa. Os devotos a incorporaram ao “calendário oficial” do festejo em homenagem a São José.

Figura 22- Romaria dos Motoqueiros, ano 2000



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão*, 18 set. 2000, p.5, nº 13.915.

Desde o seu surgimento até os dias atuais, a *Romaria dos Motociclistas* tem sido alvo de alguns conflitos. O descontentamento cresceu ao longo dos anos, gerando algumas críticas por parte da paróquia e de fiéis, que chegaram a cogitar o fim da romaria. Uma das principais críticas está relacionada ao incômodo causado aos moradores da cidade. Segundo relatos da moradora M. S., “alguns motociclistas não respeitam as regras, e o ruído dos motores das motos causa incômodo durante o dia todo, principalmente quando chegam à cidade tarde da noite”⁶⁸. Além disso, grupos ligados à paróquia enfatizam a falta de vínculo da romaria com a Igreja, argumentando que o comportamento de muitos participantes contradiz o carácter religioso da festa do padroeiro.

A romaria, para muitos, é vivenciada como uma aventura, ou mesmo uma atividade de entretenimento e lazer. Assim, entende-se que o arcabouço interpretativo desse evento festivo religioso configura a sedimentada ideia de Durkheim (1989, p. 542), sobre o fato de os limites que separam os ritos representativos das recreações coletivas serem “flutuantes”, de modo que na religião o “elemento recreativo e estético” se faz presente com significativa efetividade.

⁶⁸ Entrevista realizada com a devota M. S., concedida em 15 de julho de 2023.

Percebeu-se ao longo dos anos uma preocupação por parte da paróquia em conscientizar os participantes do que considerava o real sentido da romaria. Em entrevista, o então representante eclesial, Pe. Gutemberg Feitosa, afirmou que “a fé deve ser acolhida e estimulada, e todos são muito bem-vindos, recebem a nossa benção”. Para o padre, as romarias são formas de exercer a fé, representando um momento devocional essencial para cidade e para o Santuário. No entanto, esclareceu que a paróquia não se envolvia na organização da romaria, afirmando: “nós apenas orientamos e incentivamos que os romeiros venham cumprindo as normas, respeitando a legislação e tendo direção defensiva, pois essa é uma experiência de fé e não de desrespeito às leis de trânsito ou aos demais condutores e pedestres”⁶⁹.

O discurso relacionado à segurança foi um dos motivos que levaram muitos a desejarem o fim da romaria. Nos últimos anos, observou-se uma tentativa de um controle mais rígido, com a presença da polícia militar e agentes de trânsito para fiscalizar as irregularidades dos veículos e as infrações de trânsito cometidas durante o percurso. Os organizadores do evento também estabeleceram, entre outras normas, a proibição de bebidas alcoólicas e alterações nas descargas dos veículos devido ao barulho, buscando manter a ordem e o compromisso com a romaria. Todavia, essas medidas não tiveram total sucesso. Nem todos os que vivenciam a manifestação concordam com as mudanças estabelecidas, e muitos dos participantes persistem em não cumprir as regras.

O ano 2000 marca uma expansão significativa da programação da festa no tempo e no espaço. Ao se estabelecer na paróquia de Ribamar, o padre diocesano Bráulio Sousa Ayres mostrou-se favorável às mudanças na organização dos eventos realizados pela paróquia⁷⁰. Durante o seu paroquiado (1998 – 2009), destacou-se por um intenso trabalho pastoral e pelo incentivo à maior participação dos leigos na paróquia, por meio da criação de equipes de trabalho e da Associação dos Amigos e Amigas de São José de Ribamar⁷¹. Em colaboração com os outros padres, empenhou-se a atrair mais devotos, estabelecendo parcerias com autoridades públicas para melhorar a infraestrutura e acessibilidades oferecidas aos romeiros, buscando, assim, maior reconhecimento para o Santuário. Em entrevista concedida ao escritor José de Ribamar Sousa dos Reis (2001), padre Bráulio comentou sobre sua chegada à paróquia de Ribamar e as mudanças ocorridas após a saída dos padres lazaristas:

⁶⁹ Entrevista realizada com Pe. Gutenberg Sousa Feitosa, concedida em 20 de julho de 2018.

⁷⁰ Padre Bráulio Sousa Ayres assumiu a Paróquia de São José de Ribamar em 1998, permanecendo até dezembro de 2009. No ano 2000 e 2001, empenhou-se nas reformas do Santuário, contribuindo para a melhoria na acolhida de inúmeros romeiros de diversas regiões do país. Padre Bráulio faleceu em 2020, em São Luís, vítima da COVID-19.

⁷¹ Grupo oficialmente reconhecido, que representava e dialogava em nome do Santuário.

Acho que até em Ribamar nós estamos atrasados uns 30 anos de história, depois do Vaticano II, do vendaval do Vaticano com o Concílio do Vaticano II, todas as comunidades tentaram se renovar o máximo e em São José esta renovação se atrasou um pouco, pelo fato mesmo dos padres, por questões culturais, missionários e que estavam vindo de outros países, como culturalmente o povo. Então, esta renovação cultural de cabeça eles tinham, mas este acesso ao povão e o que nos têm favorecido para este novo vento em São José de Ribamar nada mais, nada menos do que os padres que estão em São José de Ribamar, ou que hoje estão na maioria do Maranhão, são padres caboclos, daqui, filhos da terra que o pessoal conhece: pai, mãe, parentes e amigos, aí está a diferença entre o padre nascido no País Baixo e o Padre Caboclo da Baixada, que sabe a linguagem, o costume que está inserido neste contexto, ele é parte deste grande momento cultural do povo. Então, para nós que estamos aqui em Ribamar, depois que o clero diocesano assumiu, foi o que aconteceu, nós estamos em casa (AYRES, 1999 apud REIS, 2001, p. 457).

O Concílio Vaticano II foi realizado a partir de uma decisão de João XXIII, um papa que, devido à sua idade avançada, era considerado um papa de transição. Esse acontecimento foi um marco na história da Igreja Católica, cujas decisões foram capazes de gerar uma verdadeira mudança em muitas posturas, definindo assim seus modelos de ação em tempos contemporâneos. Com sua morte, foi sucedido por Paulo VI, que apesar de conduzir o processo de forma diferenciada, manteve as ideias e o “espírito” do Vaticano II (KELLER, 2002, p. 40-41).

Ao longo do tempo, as mudanças ocasionadas pelo Vaticano II atravessaram o Atlântico e chegaram ao Brasil, influenciando as maneiras de pensar e agir no catolicismo brasileiro. Na prática, não é possível saber até que ponto tais diretrizes foram efetivadas, salvo em análise específica de cada realidade. Ao estabelecer essa conexão, aplica-se o conceito de *história conectada*, apresentada pelo historiador José D’Assunção Barros:

As histórias conectadas, ou “histórias interconectadas”, surgiram nesse mesmo grande movimento que se tem constituído em torno da sugestão de favorecer a ultrapassagem das fronteiras historiográficas artificiais. Não constituem necessariamente “histórias transnacionais”, embora frequentemente também o sejam, no sentido que o historiador é quem define o que está conectado. Por outro lado, certos objetos e problemas históricos, demandam a combinação entre história conectada e história transnacional (BARROS, 2019, p. 11).

Em meio a esse contexto de transformação, começava a se gestar um novo modo de olhar os fiéis e suas práticas. Na visão do padre, a principal questão que se impunha naquele contexto era a existência de um distanciamento entre a instituição e o povo, que impedia uma experiência religiosa concreta. Assim, em virtude das mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II, o povo foi convocado a participar mais ativamente dos ritos da Igreja, sendo agora atribuído aos fiéis o papel de concelebrantes, coparticipantes e não o de meros espectadores.

Nesse sentido, em Ribamar, a festividade e toda a sua preparação passaram a ser mais intensivamente um veículo de evangelização e de estímulo ao crescimento da religião católica

na região, especialmente da devoção a São José, criando assim condições favoráveis para as transformações ocorridas em sua organização.

Nesse processo de mudanças, no ano 2000, uma nova procissão passou a integrar o programa religioso: a *Procissão Marítima*, também conhecida como *Romaria Marítima*, realizada no sábado que antecede a procissão principal da festa. No seu decorrer, a imagem de São José de Ribamar é conduzida por um barco ornamentado, ao lado do qual seguem muitas embarcações. Esta iniciativa foi idealizada pela ribamarense Marli de Jesus Conceição, que na época ocupava o cargo de primeira secretária da Associação dos Amigos e Amigas do Complexo Santuário, por ocasião do Grande Jubileu do ano 2000.

A estreia da nova procissão foi destaque na edição do jornal *O Estado do Maranhão*, que circulou em 7 de setembro de 2000, com a manchete *A Festa será também no mar*:

A estreia da procissão marítima no festejo em homenagem a São José acontecerá no dia 16. A saída do cortejo a pé será às 7h30, saindo da igreja da matriz, seguindo pela rua 28 e embarcando no Porto do Vieira, às 9h30. Por questão de segurança, devem participar da procissão marítima somente 30 embarcações que estão sendo cadastradas pela comissão organizadora do evento. O cortejo marítimo vai fazer um ligeiro contorno no santuário de São José e seguir para o Porto do Barbosa, onde haverá homenagens ao santo. Do porto, os fiéis partirão em procissão terrestre até a concha acústica para a bênção final que será feita pelo padre Bráulio. De acordo com uma das organizadoras da procissão marítima, Marli de Jesus Conceição, o cortejo vai ser acompanhado pelo Corpo de Bombeiros e Capitania dos Portos além de três lanchas voadoras para garantir mais segurança aos participantes, devido aos ventos fortes da baía de São José. Haverá a participação das bandas do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar e do Exército. As duas primeiras acompanharão os barcos e a do Exército ficará em terra. [...] O andor com a imagem do santo vai ser levado em um dos barcos, cuidadosamente preparado para recebê-lo. Segundo Marly da Conceição, a ideia da procissão marítima partiu da própria comunidade e foi aceita pela Igreja. Ela explica que o cortejo marítimo é necessário porque o primeiro milagre do santo ocorreu no mar (O ESTADO DO MARANHÃO, 7 set. 2000, p.1, nº 13.904).

O processo de instituição da procissão não foi tão simples quanto sugerido pela matéria. Inicialmente, a ideia enfrentou resistência do pároco e demais membros da Associação dos Amigos do Complexo Santuário de São José de Ribamar. Para a sua realização, era necessário um amplo envolvimento da paróquia, da comunidade e investimentos significativos, que pareciam improváveis na época (CONCEIÇÃO, 2002, p. 16).

Embora a Associação não tenha considerado o projeto viável, o mesmo não aconteceu com os moradores e devotos. Para eles, a nova procissão representava uma forma de ampliar o leque de homenagens ao padroeiro, sobretudo, pela relação do santo e da cidade com o mar. O mito de origem e as narrativas milagrosas associadas às águas vêm à tona para justificar o vínculo do evento com as características culturais da região.

Persistente em sua ideia, Marli de Jesus Conceição buscou a colaboração do poder municipal e dos moradores da cidade. Sua iniciativa conquistou apoio e visibilidade entre os

devotos, gerando uma significativa mobilização da comunidade, que culminou na realização da *Procissão Marítima* em setembro de 2000. Para a realização do evento, foram formadas equipes composta por membros da comunidade, responsáveis pela administração das ações nos quatro pontos por onde a procissão passaria: Porto do Vieira, Praça São José, Barbosa e Concha Acústica.

Uma das maiores preocupações da comissão organizadora era a segurança relacionada ao mar, principalmente devido aos fortes ventos e ondas agitadas que caracterizam o mês de setembro. Para manter a ordem e garantir a segurança de todos os devotos, fiéis, turistas e demais participantes ao longo de todo o percurso da procissão, foram enviados ofícios solicitando apoio da Marinha do Brasil - Capitania dos Portos, do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar e do Exército (CONCEIÇÃO, 2002, p. 18-23).

Em 16 de setembro de 2000, véspera do encerramento da festa, realizou-se a primeira *Procissão Marítima* de São José de Ribamar. Para a sua realização, foi preparado um andor, onde foi colocada uma réplica da imagem oficial da Sagrada Família, confeccionada especialmente para a ocasião⁷². O andor com a imagem do padroeiro partiu da Praça São José em direção ao Porto do Vieira, onde uma embarcação ornamentada já aguardava para iniciar o cortejo.

Figura 23 - I Procissão Marítima de São José de Ribamar, 2000



Fonte: CONCEIÇÃO, 2002, p. 35.

Na obra *Escamas? Flores de escamas de peixe*, a autora Marli de Jesus Conceição, apresenta uma longa descrição detalhada dos passos percorridos para chegar ao processo de construção e realização da procissão, além das funções e cargos a serem exercidos pela

⁷² A réplica não foi utilizada nas procissões marítimas posteriores. De acordo com Marli de Jesus Conceição (2002), ela foi destruída ainda naquele ano, após ser colocada no portal de entrada da cidade.

comunidade durante o evento. Segundo a autora, houve um grande engajamento da comunidade no processo de divulgação da procissão. No relato sobre o traslado da imagem, descreve que as casas ao longo das principais ruas da cidade, pelas quais o andor percorria em procissão terrestre em direção ao porto, foram adornadas com flores e pequenos altares com a imagem do santo, como forma de homenageá-lo. As ruas também foram decoradas, e durante a passagem da imagem do santo, pétalas de rosas e papel picado eram jogados, como observado na imagem acima. Ao chegarem ao porto, muitos barcos, enfeitados e cheios de fiéis, já aguardavam para participar da procissão.

O primeiro traslado contou com a participação de aproximadamente trinta barcos. Para participar, os responsáveis pelas embarcações precisavam passar por um processo de inscrição, durante o qual recebiam orientações e informações sobre as normas e regras do evento. Apesar da tentativa de controle estabelecido por esse processo de inscrição, de acordo com a comissão organizadora, houve a participação de outros barcos que não haviam realizado o registro prévio e não atendiam às exigências necessárias. Durante esse período, a comissão organizadora também estabeleceu prêmios para os proprietários das embarcações mais bem ornamentadas com o tema da festa, visando a aumentar o número de participantes. No quadro a seguir, a lista de embarcações inscritas para a participação na *I Procissão Marítima*.

Quadro 1 - Embarcações participantes da I Procissão Marítima de São José de Ribamar

RESPONSÁVEIS	EMBARCAÇÕES
-	CISNE BRANCO
José Carlos Castro Ribeiro	CANÃA
Abelardo Rosa Silva	ROSILENE
Marinaldo Soares Silva da Cruz	DEUS QUIS E EU FIZ
José Antônio Silva Dias	BEM QUERER
Joaquim Silva Santiago	PSIU
José Canuto Silva Maciel	ESTA SIM
Vicente Alves Ribeiro Junior	RAYLANA
Francisco Das Chagas Pereira	ISAETE
Waldecir Rodrigues Pereira	ITAMARA
Waldemar Rodrigues Pereira	ITA
José Bernardo Moraes Veras	ARCO – IRIS
Francisco Brito de Araújo	NOMEA DA PAZ
Joaquim Rocha	VAMOS COM DEUS
José Ribamar Silva	SEM NOME
Francisco Silva	SANTA LUZIA
Carlos Alberto Sá Menezes Monroe	SOMBRA
Ivan Castro Carvalho	IVAM MAR
Vicente Ferreira Alves	GUARAPIRÁ
Zezinho Matos	MADONA
Amarildo Guimarães da Costa	MINHA DEUZA
Antônio Guimarães Monroe	DEUS QUEM ME DEU
Hermínio Ferreira Filho	LUDMILLA
José Mario Monta Teixeira	MEU XODO
Hermínio Ferreira Filho	SULREAL
Hugo Emiliano Cantanhede	MARANHENSE
Eduardo Nicolau Heluy	SIMBAR
-	NETUNO
-	CAROLEO

Fonte: Adaptado de Marli de Jesus Conceição, 2002, p. 25-26.

Enquanto a procissão avançava pelas águas, ao longo da orla marítima, os devotos acompanhavam e aguardavam a sua chegada para a procissão terrestre. Após o desembarque no Porto do Barbosa, os romeiros uniram-se aos demais devotos que aguardavam a chegada do andor para conduzi-lo até a Concha Acústica, onde receberam a benção final do pároco. Ao longo do trajeto, muitas homenagens foram feitas a São José, em um momento de intensa devoção e celebração.

Figura 24 - Barco Andor - I Procissão Marítima de São José de Ribamar



Fonte: CONCEIÇÃO, 2002, p. 39.

Após o sucesso alcançado na primeira edição, a procissão marítima passou a integrar a programação oficial da festa de São José de Ribamar, tornando-se uma das principais atrações do calendário festivo. Inicialmente organizadas pela própria comunidade, as primeiras edições alcançaram proporções significativas, levando à transferência da responsabilidade de organização. O evento passou a ser organizado pela paróquia, com a contribuição dos membros da comunidade que estão diretamente envolvidos na dinâmica cotidiana paroquial, além das chamadas equipes de colaboração. A bordo, embarcam o pároco, representantes da Igreja, pescadores, dentre diversos fiéis que se dividem nas embarcações, mediante o uso de coletes salva-vidas, principal exigência feita pela Capitania dos Portos.

É importante destacar que nesse momento da festa, quando o cortejo de embarcações se destaca como a principal atração, a figura do pescador ganha destaque, e eles, de certa forma, assumem esse papel com orgulho. Percebe-se a conexão entre a identidade local e as tradições religiosas. Eles se apresentam como pescadores e, logo, devotos de São José.

Atualmente, devido à ausência de registros, é difícil afirmar com precisão o número de embarcações que percorrem a orla de São José de Ribamar durante a *Romaria Marítima*. Muitas vezes, a romaria é acompanhada por embarcações menores, com famílias inteiras embarcadas, cada uma à sua maneira, prestigiando a devoção. Ao desembarcarem no porto, os devotos seguem em direção à Igreja da Matriz, onde ocorre a realização da celebração eucarística. Muitos fiéis aguardam a chegada da imagem na praça em frente à igreja, e este é um dos momentos mais efusivos que se pode visualizar durante o evento.

No ano de 2001, uma segunda romaria foi incluída na programação da festa: a *Caminhada da fé*, atualmente conhecida como *Grande Romaria Caminho São José de*

*Ribamar*⁷³. Considerada um dos maiores eventos religiosos realizados na Grande Ilha de São Luís, a romaria demanda um esforço significativo de vários órgãos para sua realização. A programação tem início com a missa de envio da imagem peregrina de São José de Ribamar à Igreja Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, situada no bairro Cohab Anil, em São Luís. A partir dessa igreja, os devotos iniciam o percurso de aproximadamente 21km em direção ao Santuário de São José de Ribamar. São centenas de pessoas que acompanham a pé, de madrugada, o traslado da imagem de São José até a sua matriz, onde se inicia a celebração eucarística campal por volta das cinco horas da manhã.

A proposta da *Caminhada da fé*, como foi denominada na época, surgiu por iniciativa da própria paróquia, com o objetivo de evidenciar o retorno das imagens de São José, do Menino Jesus e Nossa Senhora, que haviam sido levadas para a capital a fim de passar por restaurações, enquanto o altar-mor da igreja da matriz era reconstruído. Assim como o projeto do Complexo Santuário, a maquete do novo altar-mor também foi exposta na igreja para a aprovação dos fiéis, devotos e turistas, que depositavam suas contribuições para a reforma nos cofres da igreja. Vale ressaltar que, no Brasil, a tradição das celebrações religiosas desde os tempos coloniais sempre contou com doações, em diferentes patamares de valores, inclusive com o propósito de lucro para o custeio de construções e reformas de templos e demais prédios da Igreja, ou mesmo para obras sociais.

Conforme apresentado no primeiro capítulo, a igreja pode ser considerada um marco do processo de crescimento do território urbano de São José de Ribamar. O atual templo, inaugurado em 1917, passou por várias reformas e manutenções de seus espaços ao longo dos anos⁷⁴. Essas intervenções só foram possíveis devido ao empenho dos próprios padres em arrecadar fundos, aliado à participação ativa da comunidade. Os registros do Livro Tombo da paróquia evidenciam que, durante a administração dos padres lazaristas, surgiram períodos de dificuldades na manutenção da estrutura da igreja e dos espaços pertencentes à paróquia.

Apesar de já ser reconhecida como um dos pontos turísticos mais visitados da cidade naquela época, os recursos financeiros empreendidos pelo poder municipal na preservação do templo e de suas imediações eram escassos, o que resultava na falta de infraestrutura e acessibilidade aos romeiros. Nos primeiros anos de administração dos padres diocesanos,

⁷³ A caminhada foi nomeada como *Grande Romaria Caminho de São José de Ribamar*, em referência ao conjunto de estátuas presentes na praça da matriz, que narra a vida do santo (JORNAL DO MARANHÃO, set. 2017, p.11, nº 95).

⁷⁴ De maio a setembro de 1974, por exemplo, foram realizadas várias reformas na igreja e nos espaços pertencentes à paróquia: reforma geral no telhado e no forro, além da substituição dos lustres por modelos mais simples e práticos. Outras intervenções também foram feitas na casa dos milagres e no salão paroquial (LIVRO TOMBO, 1974, p.3)

observaram-se mudanças nesse cenário. Isso ocorreu em decorrência das novas medidas governamentais que destinaram maiores investimentos no registro das práticas e saberes representativos de um povo, no incentivo à sua permanência e no desenvolvimento do turismo.

Em 2001, os recursos para a reforma da igreja foram financiados pelo Governo do Estado. As obras iniciaram-se no mês de março e, durante esse período, foram realizadas alterações no interior da igreja e a manutenção das demais áreas do Complexo Santuário. Devido às reformas necessárias e aos perigos apresentados pela estrutura, a igreja foi temporariamente fechada, e as atividades religiosas passaram a ser realizadas na Concha Acústica, até a conclusão das obras. Importante destacar que a reforma não foi bem recebida por todos, como expresso pela devota, ao recordar as mudanças ocorridas: “não sei como conseguiram demolir isso aí, fazia parte da nossa história”⁷⁵.

Na imagem abaixo, que mostra a lavagem da Igreja, uma atividade realizada como preparação para o início das festividades, é possível visualizar o interior da igreja de Ribamar antes da reconstrução. No centro da imagem localiza-se o antigo altar, onde está colocada a imagem de São José, compondo a Sagrada Família.

Figura 25 - Lavagem da igreja, 2000



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão*, 7 set. 2000, p.1, nº 13.904.

Oportuno destacar que entre as promessas mais comuns da cultura religiosa luso-brasileira, destaca-se a de varrer, lavar e enfeitar igrejas e altares. Em Ribamar, o ato da lavagem carrega diversos significados, e representa a preparação para realização da festa do santo. Em seu significado sagrado, representa a “lavagem do coração de Jesus, a lavagem da alma”, ou seja, não simboliza apenas o espaço físico, mas também o espiritual. Para os devotos, o

⁷⁵ Entrevista realizada com T.J.C.M., concedida em 29 de julho de 2023.

momento é acrescido de outros significados, como a oportunidade de expressar gratidão e sentir-se mais próximo do santo: “para mim, era muito tranquilo, sentia muita paz, me sentia muito abençoada”, afirma a devota M.D.S., ao lembrar a época em que participava desse momento⁷⁶.

Em 30 de agosto de 2001, foi realizada a caminhada do bairro da Forquilha, em São Luís, em direção a Ribamar, marcando a reinauguração da igreja e o início da festa em homenagem ao santo, conforme registrado no Livro Tombo:

Uma “Caminhada de fé” marcou, no século XXI, a reinauguração do Templo e do novo Altar-Mor. A saída da “Caminhada da fé” aconteceu no dia 30 de agosto às 23hs, tendo uma repercussão gigantesca, saindo da Forquilha até Ribamar, percorrendo um total de 19 km, chegando às 05:30hs da manhã, entre cânticos e fogos de artifícios. A longa caminhada contou com a presença de autoridades governamentais e administrativas. A fervorosidade da fé tomou proporção gigantesca. A emoção apossou-se de todos os fiéis no momento em que as portas do Santuário se abriram e as imagens passavam por entre a corrente humana para serem entronizadas no novo Altar-Mor. Uma chuva de aplausos, entre coro de milhares de vozes, coroou a grande solenidade (LIVRO TOMBO, 2001, p. 124-125).

Nesse momento, milhares de fiéis alteraram a paisagem da rodovia MA-201, principal rodovia que liga Ribamar à capital maranhense. Muitos aproveitaram a oportunidade para expressar sua gratidão pelas graças alcançadas por intercessão de São José. O Jornal *O Estado do Maranhão*, em 1 de setembro de 2001, enfatizou a grandiosidade da caminhada, que marcava o retorno da imagem do santo à sua matriz. Um dos destaques da matéria foi a participação da Governadora Roseana Sarney, que acompanhou o traslado da imagem junto à sua comitiva: “milhares de fiéis, tendo à frente a governadora, percorrem 19km levando a imagem do padroeiro à cidade de Ribamar” (O JORNAL DO MARANHÃO, 1 set. 2001, p.3, nº 14.263).

Figura 26- Caminhada da Fé



Fonte: Jornal *O Estado do Maranhão*, 1 set. 2001, p.1, nº14.263.

⁷⁶ Entrevista realizada com M.D.S., concedida em 15 de julho de 2023.

Considerando as matérias publicadas na época, fica evidente que a romaria não envolveu apenas aspectos religiosos, mas também teve relevância no âmbito social e político. Nesse período, a governadora Roseana Sarney estava sendo cogitada como pré-candidata do PFL às eleições presidenciais. Os noticiários deram destaque à presença da governadora e de seus familiares na caminhada, ora destacando o aspecto religioso, ora o aspecto político dessa participação. Com efeito, as declarações e a presença desses agentes supervalorizam a importância do culto e da crença dos quais afirmam compartilhar. A imagem da família Sarney vinculada à devoção a São José permanece no imaginário coletivo, como pode ser percebido nas palavras da devota T.J.C.M., ao recordar a construção do Complexo Santuário e o surgimento dessa romaria:

Essa romaria, para mim, começou assim... Quem fazia essa romaria sempre foi o pessoal do COHATRAC. Como teve uma reforma na Igreja, no ano em que a governadora era Roseana Sarney, e aí ela que fez a reforma, né, junto com esse padre que veio, o padre Xavier. Tinha o padre César também... Ele chegando aqui, ele viu que o santo era São José, que a cidade era São José, mas não havia nada que falasse da vida de São José, da vida de Jesus. Até a bíblia fala pouco, né minha filha? Então foi ele que idealizou aquele caminho de São José, aquela Concha Acústica. Ele fez uma carta pra Sarney, aí ele passou pra Roseana, e foi aí que ela fez aquele projeto. Com essa reforma da igreja, a imagem, que não sai assim, foi para a igreja lá da COHAB. A reforma terminou justamente no período da festa, então quando foi no sábado teve a romaria para buscar São José. O pessoal todo foi convocado, inclusive Roseana veio na frente, eu lembro muito desse dia, ela era muito devota. Ela e o pai. E esse pessoal que fazia se juntou, aí passou a ser essa romaria da igreja, a grande romaria (Entrevista realizada em 29 de julho de 2023)⁷⁷.

Embora não tenham sido encontradas maiores informações sobre a organização dessa romaria em anos anteriores, conforme afirmado pela devota, sabe-se que muitos devotos já percorriam a estrada de Ribamar a pé durante a madrugada em direção ao santuário, como forma de cumprir as promessas feitas ao santo⁷⁸. Conforme ainda relatado pela devota, durante a atuação dos padres diocesanos, principalmente no paroquiado do padre Bráulio Ayres, a festa de São José de Ribamar contava sempre com a presença de pessoas da elite e classes médias do estado, sobretudo aquelas ligadas à política. Durante a entrevista, a devota também expressou sua insatisfação com a atual equipe de administração, especialmente no que diz respeito à

⁷⁷ O Conjunto Habitacional dos Trabalhadores Comerciais, conhecido como COHATRAC, é um bairro residencial situado na cidade de São Luís. Compreende uma série de conjuntos habitacionais denominados Cohatrac I, Cohatrac II, Cohatrac III, Cohatrac IV e Cohatrac V. O Cohatrac I teve sua origem na Cooperativa Habitacional dos Trabalhadores do Comércio, seguido pelos demais conjuntos. Inicialmente, o bairro do Cohatrac estava sob jurisdição de município de São José de Ribamar, porém, por meio do decreto nº 4662 de 2 de setembro de 1985, foi incorporado ao município de São Luís. A partir desse decreto, os conjuntos residenciais do Cohatrac I, II, III e IV, passaram a fazer parte do território de São Luís. Atualmente, no bairro do Cohatrac, é realizada a celebração do Círio de Nazaré, considerada uma das maiores festas religiosas católicas da Arquidiocese de São Luís, ficando atrás apenas da festa de São José de Ribamar.

⁷⁸ Ver: LIMA, Zelinda. Romaria a São José de Ribamar. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, n.20, ago. 2001, p.12.

participação ativa dos moradores mais antigos nos eventos realizados pela paróquia e as mudanças mais recentes na programação da festa.

Com o seu crescimento gradativo, a caminhada tornou-se um dos momentos mais aguardados do calendário festivo. Em sua gestão, os Párocos Solidários repensaram a sua proposta e a nomearam de *Grande Romaria Caminho de São José de Ribamar*. No dia de sua realização, desde as primeiras horas da tarde, a movimentação dos romeiros e peregrinos transforma a estrada de Ribamar e suas imediações. Com o avançar das horas, as pessoas se reúnem nos calçamentos das ruas para assistir à passagem do santo. Da noite de sábado até as primeiras horas da manhã de domingo, o movimento na estrada e no centro urbano de Ribamar é intenso.

Durante todo o trajeto, são recorrentes as homenagens prestadas a São José, tanto por empresas quanto por moradores das residências ao longo da estrada. Em alguns pontos estratégicos ao longo do trajeto, água e lanches são distribuídos por diferentes devotos, que dizem estar ali para retribuir, agradecer e prestar solidariedade aos romeiros. Alguns realizam essa ação como pagamento de uma promessa, enquanto outros o fazem por sentirem prazer em ajudar. Organizados em famílias ou entre amigos, os devotos produzem uma dinâmica de comunhão, o que favorece a vivência da fé.

A prática da solidariedade durante a romaria se estende também a outros contextos religiosos. Durante alguns anos, a denominada *Tenda da Esperança*, organizada pela Igreja Batista da Reconciliação, ofereceu apoio e assistência aos devotos, romeiros e peregrinos de São José durante o percurso da romaria. O Pastor M.M., ao ser questionado sobre o propósito dessa iniciativa, relatou:

Irmã, a tenda da esperança aqui em Ribamar, ela surgiu, porque algumas irmãs lá da Igreja, no período da TRANS, participavam dessa tenda, lá em Belém, durante o Círio de Nazaré. Então, elas iam para lá e se juntavam com o pessoal, que tinham esse projeto lá, da tenda durante o Círio. Mas parece que hoje não tem mais. E lá, também serviam os romeiros, ajudavam os romeiros cansados, davam água, laranja, faziam massagens nos pés e pregavam a palavra do Senhor. E aí surgiu esse desejo no coração das irmãs de fazer aqui em Ribamar, no período do festejo de Ribamar, justamente naquele período que o pessoal vem lá da romaria. O pessoal vem lá da COHAB andando até Ribamar. Aí, o ponto estratégico ficou ali no São José dos Índios. Sobre o propósito, era o mesmo de Belém: montar uma tenda, com água, com laranja, e pessoas voluntárias para fazer massagem nos pés, lavar os pés dos romeiros. Muitos vêm cansados, fadigados da distância percorrida até Ribamar, então a gente fazia isso. A gente oferecia uma água, uma laranja, e oferecia também oração. A gente orava com eles ali, falava do amor de Cristo, da graça do senhor, do sacrifício que Ele tinha feito por nós. Então era isso, um meio de evangelização (Entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2024)⁷⁹.

⁷⁹ De acordo com o pastor, TRANS é um projeto evangelístico intitulado “Jesus Transforma”.

Segundo o pastor M.M., o projeto deixou de ser realizado em 2020, devido à Pandemia da Covid-19, que ocasionou a suspensão das romarias. Além disso, ainda não houve nenhuma iniciativa em assumir a liderança e dar continuidade ao trabalho que era realizado.

Durante a romaria, é possível observar o grande número de fiéis pagando suas promessas em retribuição a milagres e graças alcançadas. Os devotos demonstram sua devoção de diversas formas: alguns caminham descalços, outros carregam símbolos que representam as graças recebidas; muitos realizam o trajeto em silêncio, enquanto outros rezam o terço ou praticam outro ritual. De forma comum, encontram-se devotos com crianças de colo que teriam recebido a graça do pai adotivo de Jesus. Talvez o mais comum seja o peregrino que conjuga o sagrado e o profano durante as horas de romaria. Entre uma prece e outra, conversam, compartilham risos, agradecimentos e até reclamações. Trata-se de uma junção de sentimentos e ações que representam a complexidade do próprio ser humano.

Muitos romeiros não se permitem começar a romaria ao longo da estrada; a regra é iniciar no ponto de partida: a Igreja Nossa Senhora do Perpetuo Socorro. Por outro lado, há aqueles que não se importam com esse estigma do “verdadeiro romeiro” e economizam alguns quilômetros iniciando a romaria já na rodovia sentido Ribamar ou nos bairros próximos a ela. Alguns iniciam ainda pela tarde, chegando a Ribamar no início da noite.

Figura 27 - Devota pagando promessa na Grande Romaria Caminho de São José



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 23 set. 2023.

Durante a caminhada, o trajeto não é contínuo, há paradas para bênçãos em oito estações dispostas ao longo da MA-201 (Estrada de Ribamar). Nesse espaço social, o sentimento de

devoção e fé para com o santo se materializa por meio da noção do sacrifício de percorrer longas distâncias até o Santuário. O sacrifício representa para muitos devotos uma memória do mal superado, sendo que os desafios enfrentados já não representam mais uma ameaça. Para a devota E.S., a força de São José que a curou é a mesma que a faz suportar as dificuldades de uma longa caminhada:

Sou devota de São José desde criança, veio de família, aí tive um problema de mama de 5 cm e não deu nenhum problema de câncer e hoje eu pago a minha promessa a São José, levando essa mama a ele. Me sinto feliz, honrada e enquanto eu estiver viva, estarei nessa caminhada. Também já tive um problema no pé, e o médico disse que não teria mais cura, então eu pedi a São José e fui curada, e hoje eu caminho há 33 anos descalça para São José de Ribamar (Entrevista realizada em 23 de set. 2023).

Para a devota, a gratidão se concretiza através da fidelidade que mantém com o santo. Percorrer descalça os vários quilômetros até o Santuário de Ribamar é uma forma de testemunhar as graças e milagres recebidos por sua intercessão. Estabelece-se, dessa forma, um sistema de trocas de bens simbólicos, geralmente narrados como graças alcançadas. A relação se mantém à medida que o santo e seu devoto cumprem suas obrigações.

Ao longo da madrugada, a igreja permanece aberta para acolher os romeiros que depositam seus ex-votos no Altar de Milagres e Promessas, assim como na Casa das Velas. Este é considerado um dos momentos mais importantes para os romeiros, pois para muitos a romaria só é concluída com a entrada no Santuário. Muitos se emocionam ao se depararem com a imagem de São José no altar e, como gesto de devoção, ajoelham-se e agradecem ao santo pelas graças recebidas. Após esse momento, os romeiros se acomodam na praça, enquanto aguardam a chegada do santo e o início da missa campal.

Figura 28 - Chegada dos romeiros – Grande Romaria



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 23 set. 2023.

No decorrer do século XXI, outras romarias foram introduzidas à estrutura da festa, como é o caso da *Romaria da Crianças*, criada em 2012, e da *Romaria da Juventude*, realizada pela primeira vez em setembro de 2013. Essas romarias foram criadas a partir de demandas provenientes das paróquias, com o objetivo de segmentar as manifestações e dar destaque para esses públicos, envolvendo e incentivando a fé nas crianças e jovens. Sobre essas romarias, o reitor do santuário Claudio Roberto enfatiza: “nós não somos uma Igreja só de adultos e idosos, somos uma Igreja completa, por isso esses momentos de caminhada e oração”. Para o padre Gutemberg Feitosa, “a programação voltada para esses jovens é um momento de valorização dos que participam de toda a programação do festejo, seja nos ministérios de música, na guarda de São José ou em outras equipes que contribuem com a festa do padroeiro do Maranhão” (JORNAL DO MARANHÃO, ago. 2017, p.11, nº 94). Do lado de fora, muitos se concentram na praça para assistirem ao início das celebrações litúrgicas.

Acompanhadas por adultos, várias crianças participam da Romaria das Crianças vestindo trajes de anjos, outras segurando balões, faixas e outros objetos. Já a Romaria da Juventude é animada por trio elétrico e, durante o percurso, são tocadas músicas e realizadas falas de líderes religiosos, buscando fortalecer nos jovens um maior vínculo com os valores cristãos.

Importante ressaltar que a juventude se tornou uma preocupação evidente para o Vaticano, resultando no desenvolvimento de estratégias para incentivar a evangelização dos jovens. Um exemplo notável é a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), instituída no final de 1985 pelo Papa João Paulo II, que reúne milhões de jovens católicos em todo mundo. Em julho de 2013, sob a liderança do Papa Francisco, o Rio de Janeiro sediou a Jornada Mundial da Juventude, destacando-se como um dos maiores eventos da Igreja católica já realizados no Brasil. Diante desse contexto, no qual a Igreja busca formar as novas gerações, as romarias das crianças e juventude, integradas à programação da festa, surgem como meios de construir e fortalecer a fé e devoção a São José, promovendo assim a participação ativa da juventude na vida religiosa.

Como já mencionado no capítulo anterior, em 2018, sob a administração dos Párocos Solidários, o período da festa foi expandido, passando a ser realizada durante todo o mês de setembro. Na época, a paróquia não forneceu detalhes específicos sobre os motivos que levaram a essa mudança, apenas que estava atendendo a pedidos de devotos e romeiros que se deslocavam de regiões distantes. Em um texto divulgado pela PASCUM, em agosto de 2019, a paróquia afirmou que em 2018 foi recuperada “a tradição de celebrar o padroeiro em um mês

de festa, costume datado da década de 30⁸⁰. Entretanto, não foi possível encontrar referências que comprovassem essa informação. Nos registros encontrados sobre a programação da festa no início do século XX, São José era celebrado inicialmente em três dias de festa. Posteriormente, passou a ser celebrado ao longo de dez dias, com novenário, sem data fixa, tendo como base a primeira lua cheia do mês de setembro.

Figura 29 – Cartazes da festa de São José de Ribamar, 2017 e 2018



Fonte: Paróquia e Santuário de São José de Ribamar. Disponível: <https://pascomsjr.blogspot.com>. Acesso: 29 de out. 2023.

É preciso salientar que essa mudança não foi bem aceita por todos. Foi possível perceber, durante as entrevistas, que essa nova configuração gerou receios quanto à descaracterização da festa religiosa, temendo-se a perda do seu suposto sentido tradicional, como pode ser observado na fala da devota T.J.C.M.:

Sou ribamarense nata, nascida e criada aqui. Pelo que tenho visto, acho que a festa de São José perdeu muito aquela tradição que tinha, porque cada padre que chega, muda alguma coisa. Esses atuais, que estão aí até hoje, mudaram muita coisa, minha filha, ficou muito fora daquilo que a gente foi criada vendo. Porque o festejo de São José, ele sempre foi pela lua, pela lua cheia. Vamos dizer assim, se a lua cheia fosse no quarto domingo, a gente falava assim: “a lua de setembro, lua do festejo”. Todo mundo ia se preparando, tinha aquela emoção do novenário, e o grande dia, no domingo, dia da procissão. A procissão, filha, era muito bonita, porque os devotos, principalmente aqueles de São Luís, eram muito apegados ao festejo (Entrevista realizada em 29 de julho de 2023).

⁸⁰ Ver: Santuário festeja o Padroeiro do Maranhão em setembro de 01 a 29. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcapjpcglclefindmkaj/https://www.santuarioderibamar.org/_files/ugd/644ed1_3a6533740f01488e8e3769dbae6b1465.pdf>. Acesso em: 19 janeiro de 2023.

De acordo com a devota, as transformações são importantes, desde que preservem e respeitem os seus valores autênticos do passado. Com base na narrativa da devota, observa-se que a realização da festa em apenas dez dias, definidos a partir do calendário lunar, fazia parte da continuidade de uma tradição. Nesse contexto, a tradição é marcada por um processo constante de memorização e, como dimensão social, não pode ser vista de forma estática, já que as transformações vão se processando a partir da memória coletiva (HALBWACHS, 2003).

Para abranger esse novo período, além da novena, procissão e romarias tradicionais, foram criadas outras romarias menores, que passaram a compor a vasta programação da festa. Em 2018, entre as novas romarias organizadas pelo Santuário destacaram-se: a Romaria da Comunidade, que tinha como objetivo reunir as comunidades do entorno para peregrinar em comunhão ao Santuário; a Romaria do Terço dos Homens, um dos movimentos crescentes na Arquidiocese; e a Romaria da Pastoral da Sobriedade, que buscava reafirmar a promoção da dignidade humana e preservação da vida. Também houve a realização das romarias independentes, que são de iniciativa dos próprios devotos, apresentam um caráter subjetivo sem o controle, mas aceitas pelas autoridades eclesiásticas: a romaria dos carroceiros⁸¹, a romaria dos motoqueiros e a romaria dos ciclistas⁸².

A expansão do tempo da festividade pode ser observada no quadro a seguir, que apresenta um panorama das atuais romarias organizadas pelo Santuário.

Quadro 2 - Romarias oficiais da Festa de São José de Ribamar

ROMARIAS OFICIAIS	LOCAL
Romaria da Alvorada (Abertura)	Paróquia Sagrado Coração de Jesus / Santuário.
Romaria da Sobriedade	Parque da Cidade / Santuário
Romaria dos Terços dos Homens	Praça São José dos Índios / Santuário
Romaria das Crianças	Praça São Benedito / Santuário
Romaria da Juventude	Praça São José dos Índios / Santuário
Romaria da Luz em honra a São José	Santuário / Cruzeiro / Santuário
Grande Romaria Cohab-Ribamar	Estrada de São José de Ribamar
Romaria Marítima	Igreja São Pedro / Santuário

⁸¹ Por ter surgido de forma autônoma e independente, há poucos registros sobre o início de realização da Romaria dos Carroceiros. Sabe-se que é uma das mais antigas, sendo realizada após o término da festa em homenagem ao padroeiro. Durante a pesquisa, foi possível encontrar um registro no Livro Tombo datado de 1975, documentando sua realização (LIVRO TOMBO, 1975, p. 70). Ver: ROCHA, Raimundo. Romaria das carroças a Ribamar. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, n.27, dez. 2003, p.14. Disponível em: <https://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/8f8a7f25c99ec7722ac398ba900c2898.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2024.

⁸² A Romaria dos Ciclistas teve sua primeira realização no ano de 1996, idealizada e organizada pelo Grupo de Amigos Ciclistas de São José de Ribamar.

Romaria de Encerramento (Grande Procissão)	Avenida Principal
--	-------------------

Fonte: Adaptado do *Jornal do Maranhão/ O Carpinteiro*, ago. 2023, p.11, nº157.

As peregrinações e romarias são elementos estruturantes e significativos da devoção a São José de Ribamar. São entendidas como um momento essencial, no qual o devoto expressa sua relação com o santo. Em consequência, os testemunhos desses fiéis são importantes, pois são reflexos da religiosidade e transmitem as experiências vividas, que se tornam fundamentais em suas trajetórias de vida. Essas histórias narram não apenas eventos extraordinários, mas também a fé e devoção que permeiam suas vidas diárias.

Durante as romarias foi possível conhecer várias histórias. A maioria relacionada à devoção, à superação e aos milagres concedidos pelo padroeiro. Foi possível compreender a forma como os devotos relacionam-se com os processos de mudanças ocorridos na festa, os quais se tornam mais evidentes a cada ano. A devota E.S., de 56 anos, ex-moradora de São José de Ribamar, relembra suas experiências passadas, expressando suas insatisfações com as novas configurações da festa, que na sua visão, poderiam ser melhor organizadas pela Igreja. O argumento da devota centrava-se nas mudanças e na prática de muitos romeiros que participavam da Grande Romaria, uma das principais e mais aguardada do período festivo:

Antigamente a gente vinha orando na romaria de São José, hoje a gente vem todo mundo correndo e nos empurrão (*sic*). O padre hoje não tem mais respeito com o ser humano, a gente vem correndo, a gente vem desesperado. Se você não acelerar na romaria você fica pra trás e é arriscado ser assaltado. Hoje mesmo, aqui nessa romaria, várias pessoas foram assaltadas ali no retorno da Forquilha, porque o padre colocou uma Hilux, que eu acho, sou contra uma Hilux fazer uma romaria. Eu acho que tinha que ser um carro do bombeiro, que daria mais segurança pra gente. Essa Hilux corre muito e não tem ninguém pra filmar essa correria deles. Você tá me entrevistando e os carros passando, eu sou contra. Eu sou contra essa romaria de Ribamar assim. Quantas pessoas idosas que acompanham a romaria e tem problemas de coração, isso é errado, colocar essas pessoas pra correr. E olha isso? Você acha isso certo? Motoqueiro passando e dando cachaça na romaria. Eu acho que essa romaria deveria ser revista. O padre está errado em aceitar uma coisa dessa. Se fosse alguém vendendo uma água de coco, uma água mineral, eles mandariam tirar. Eu sei, eu sei, eu morei muitos anos em Ribamar, eu sei o que fazem com as pessoas que necessitam. Eles aceitam coisas que não deveriam aceitar. Nessa romaria, não tem mais respeito com o romeiro (Entrevista realizada em 23 de setembro de 2023).

Durante a romaria, uma das faixas da rodovia é separada exclusivamente aos romeiros. Todavia, nem sempre isso resolve o problema, sendo a falta de segurança ao longo da estrada uma das principais reclamações. Ainda de acordo com a devota, em anos anteriores as pessoas cumpriam a romaria com calma, sem receios com a insegurança, pagando suas promessas e compartilhando as graças recebidas. Apesar das críticas, ela ressalta que continua participando desses momentos devido à forte devoção ao santo. O conjunto de relatos de curas, graças e bênçãos alcançadas faz parte da relação afetiva e de reciprocidade entre os fiéis e São José, em

que o milagre é um dos principais elos dessa relação e o que mantém a participação efetiva em sua festa.

A história da festa de São José de Ribamar se relaciona às transformações religiosas, culturais, políticas, econômicas, etc. As romarias são testemunho disso, e as modificações que sofreram ao longo do tempo marcam a memória da população e dos devotos. Ao ouvir as narrativas dos romeiros, percebe-se que a festividade agrega um valor simbólico aos seus participantes, o que se configura como “tradição”. A cidade de São José de Ribamar mantém uma tradição construída historicamente, tendo na festa do seu padroeiro e suas manifestações culturais a revelação do sagrado deste povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento sobre a formação do município de São José de Ribamar implica a consideração de vários fatores, sendo alguns deles intimamente relacionados à devoção ao santo padroeiro, São José. Conforme evidenciado ao longo da pesquisa, além da realidade social e política, a experiência religiosa desempenhou um papel importante na definição dos contornos do município. A relação da cidade e de sua população com a devoção ao padroeiro é fortíssima.

Observou-se que a história de sacralização da localidade está ligada à tradição e à oralidade. A devoção ao santo se desenvolveu ligada à fé no seu poder de intercessão, decorrente das promessas feitas a ele. As narrativas que foram construídas ao longo do tempo transformaram Ribamar em um palco de manifestações de fé, produzindo múltiplos sentidos e significados aos indivíduos e grupos envolvidos. O espaço foi sendo simbolicamente construído, tanto por recursos empregados pela Igreja, quanto pelas narrativas de milagres compartilhados pelos romeiros e fiéis.

As histórias de vida e devoção contribuíram para a consolidação do Santuário, conferindo-lhe uma relevância regional e transformando-o no principal símbolo do município. Como salienta Mircea Eliade (1992), a revelação do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso. Desse modo, estar no Santuário de Ribamar possui um valor significativo: seria o momento de renovação dos laços de fidelidade estabelecidos com o santo. O Santuário é o local onde os devotos e devotas podem reviver as manifestações do sagrado.

Apesar das mudanças ocorridas ao longo do tempo, a devoção tem se mantido e continua atraindo milhares de pessoas ao Santuário a cada ano, principalmente durante o mês de setembro, período de realização da festa. Como exposto, a festa de São José de Ribamar passou por mudanças e redimensionamentos ao longo de sua história. Para compreender as permanências e principais mudanças ocorridas na festividade, foi importante a análise acerca da Congregação da Missão e de sua prática missionária em São José de Ribamar. Para tanto, foi necessário compreender o processo de reforma veiculado pelo alto clero, através do qual “a Igreja procurou domesticar a religiosidade popular distante dos padrões da hierarquia” (SANTOS, 2004, p.22).

Como evidenciado, a chegada da Congregação da Missão em Ribamar está relacionada a cenários mais abrangentes, interligados a conjunturas internas e externas, nacionais e internacionais. Esses contextos impulsionaram uma série de medidas, as quais resultaram em mudanças significativas na paróquia e na cidade de Ribamar ao longo dos 56 anos de administração lazarista.

Os padres lazaristas holandeses chegaram em Ribamar em um momento no qual a Igreja Católica ainda passava pelo processo de reforma, a fim de repensar algumas de suas bases. Nesse período, o Curato de Ribamar dependia dos esforços de sacerdotes vinculados ao bispado de São Luís. A festa religiosa em homenagem ao santo era marcada pelo protagonismo dos leigos, que a organizavam sob uma perspectiva de entrecruzamento entre o sagrado e o profano. Essa organização resultou em discordância das autoridades religiosas, que passaram a se preocupar com o desdobramento da celebração e com a observância das normas litúrgicas, tanto durante as manifestações externas, quanto nos rituais realizados dentro da igreja.

Ao assumir a administração, os padres lazaristas passaram a controlar as atividades paroquiais e assumiram a responsabilidade de organizar e realizar a festa. A partir dos folhetos produzidos pela paróquia durante esse período, percebeu-se a tentativa de maior controle sobre a festividade, a partir do empenho da disciplinarização do espaço e dos corpos por parte da Igreja. Na prática, não foi possível afirmar até que ponto essas ações foram efetivadas. O que se verificou foi que as medidas adotadas pela paróquia para conter os “excessos” praticados pelos fiéis não foram completamente eficazes, uma vez que resultaram apenas em algumas modificações nos festejos realizados na área externa, como a proibição de jogos e bebidas, por exemplo. Essas restrições, no entanto, se mostraram temporárias, já que tais práticas logo ressurgiam durante a festividade. Com o passar dos anos, apesar das mudanças e os acréscimos que foram incorporados na festividade, não se alteraram o fervor da devoção e as dimensões profanas que a tradição popular já havia consagrado.

Durante a investigação da festa no recorte temporal escolhido para a pesquisa, foi possível identificar mudanças relacionadas a aspectos religiosos, culturais, políticos e econômicos. No final do século XX, já sob a administração da equipe de padres diocesanos, tanto a cidade quanto a festa passaram por mudanças não apenas de ordem religiosa, mas também de acordo com o novo cenário político regional mais amplo. A peregrinação crescente e constante de pessoas criou a necessidade de se investir em infraestruturas. Nesse período, a festa contou com a intervenção direta do poder público no seu engrandecimento, implementando ações que visavam a dar mais infraestrutura, buscando atrair um número maior de romeiros e peregrinos, e consolidar a cidade como um centro de referência para o turismo religioso.

Essas ações tiveram um papel importante no incentivo e na divulgação do valor turístico, religioso, cultural e tradicional da festa, gerando transformações significativas na organização do calendário festivo. Como evidenciado ao longo do trabalho, a festa passou a ganhar novos

sentidos e práticas, expandindo-se para novos espaços e diversificando seus meios de expressão, que propiciaram a sua continuidade até os dias atuais.

A festa de São José de Ribamar atravessou os séculos conservado muitos de seus aspectos, ao mesmo tempo em que se adaptou e transformou. Ao analisar os agentes envolvidos em sua organização, a dimensão religiosa, política e econômica, além da distribuição das etapas da festividade, foi possível compreender a sua amplitude e suas transformações ao longo do tempo.

Diante do exposto, acredita-se que a festa merece um destaque importante, pois ainda existem outras dimensões envolvidas além das que foram descritas aqui. O que foi apresentado decorreu de escolhas individuais na abordagem do tema, as quais obviamente priorizaram determinados olhares e aspectos em detrimento de outros. Essas escolhas foram influenciadas pelas possibilidades permitidas pelas fontes disponíveis, assim como por concepções teóricas e metodológicas muito particulares. Espera-se que esta dissertação contribua, de alguma forma, para reafirmar o valor cultural, social e religioso da festa de São José de Ribamar, agora oficialmente reconhecida como Patrimônio Cultural e Imaterial do Estado do Maranhão em 4 de abril de 2024. Essa medida certamente impulsionará novas pesquisas acadêmicas sobre essa significativa e ainda tão pouco estudada manifestação religiosa.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Jean Luiz Neves. **O imaginário do milagre e a religiosidade popular**: um estudo sobre a prática votiva nas Minas no século XVIII. Dissertação (Mestrado) apresentada ao departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1998.
- ABREU, Martha. **O império do Divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. São Paulo: Fapesp, 1999.
- AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira**: significados do festejar, no país que “não é sério”. Tese (apresentada ao departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, 1998.
- AMORIM, Rosiane Silveria Rodrigues Veloso. **Pioneirismo revelado**: o trabalho educativo das Filhas da Caridade em São José Ribamar – MA (1944 – 1952). 142f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão, 2017.
- ANDRADE, José Vicente de. **Turismo fundamentos e dimensões**. 8º ed. São Paulo: Ática, 2004.
- ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade Católica e a santidade do mártir. **Projeto História**, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/3054/1967>>. Acesso em: 25 fev. 2023.
- _____. O culto aos santos: A religiosidade católica e seu hibridismo. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano II, n. 7, p. 131-145, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30331/15916>>. Acesso em: 10 fev. 2023.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. In: **Memória e Patrimônio UNESP – FCLA- CEDAP**, v.7, n.1, p. 134 – 150, jun.2011.
- AZZI, Riolando. “A Espiritualidade Popular no Brasil: um enfoque histórico”, in; **Grande Sinal – Revista de Espiritualidade**, Ano XLVIII – 1994
- BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas** – uma introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- BENCOSTTA, Marcus Levy. Memória e Cultura escolar: a imagem fotográfica no estudo da escola primária de Curitiba. In: **História**, São Paulo, v.30, n.1, p. 397-411, 2011.
- BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário portuguez & latino**: áulico, anatômico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8v.
- BOFF, Leonardo. **São José a personificação do Pai**. Campinas: Verus Editora, 2005.
- BOGÉA, Kátia Santos; RIBEIRO, Emanuela Sousa; BRITO, Stella Regina Soares de. **Arquitetura e Arte Religiosa no Maranhão**. São Luís: 3º Superintendência Regional/IPHAN, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 6.ed. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2003.

CARDOSO, Leticia Conceição Martins. **O teatro do poder: Cultura e Política no Maranhão**. São Luís/MA: UFMA, Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais), 2008.

CASTRO, Jacilene dos Santos. **Práticas marítimas modernas no litoral maranhense: a reconfiguração do litoral dos municípios de Raposa e São José de Ribamar**. Fortaleza/CE: UFC, Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Geografia), 2018.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAHON, Sérgio. Visões da religiosidade católica no Brasil colonial. In: **Revista Digital Simonsen**. Rio de Janeiro, n. 1, dez. 2014, p. 87-88. Disponível em: <www.simonsen.br/revistasimonsen> Acesso em: 27 jun. 2027.

CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Maria Manuela Galhardo (Tradução). 2. Ed. Lisboa: Difusão editora, 1988.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CONCEIÇÃO, Marli de Jesus. **São José de Ribamar: cidade de encantos**. São Luís: Edição da autora, 1995.

_____. **Escamas?** Flores de escamas de peixe. São Luís: Gráfica e Editora Aquarela, 2002.

COSTA, Wagner Cabral da. Do 'Maranhão Novo' ao 'Novo Tempo': a trajetória da oligarquia Sarney no Maranhão. In: BARROS, Antônio et.al(org.). **Histórias do Maranhão em tempos de República**. Edufma: São Luís, 2015.

COUTO, Edilece Souza. “Devoções, festas e ritos: algumas considerações”. In: **Revista Brasileira de História das Religiões – Dossiê Identidades Religiosas e História**. Ano I nº 1, 2008.

_____. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)**. 2004. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

COUTINHO, Maria João. **A Irmandade de São José dos Pedreiros e Carpinteiros de Lisboa: a feição religiosa de uma instituição corporativa na Idade Moderna**. In: Martinho Lutero e Portugal: Diálogos, Tensões e Impactos. Lisboa: Edições Húmus/CHAM/NOVA FCSH, 2019, p. 285-304.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, Micea. **O Sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Mito e Realidade**. Trad. Polla Civelli. 6º Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

FERREIRA, André Lucas; SOUZA, José Arilson. O geossimbolismo do Santuário de São José de Ribamar, Maranhão: os festejos e o turismo religioso. In: **UEMA produzindo conhecimento (2020 – 2021): Ciências Humanas** – vol.3, São Luís, 2022.

FERREIRA, Jurandyr (org.). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

GASQUES, Jerônimo. **São José**: o lírio de Deus – Resgatando a devoção na piedade popular. São Paulo: Paulus, 2015.

GRAVIERS, B. des e JACOMET, T. Os santos e seus símbolos. Barcelona: Folio, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005.

JURKEVICS, Vera Irene. **Os santos da Igreja e os santos do povo**: devoções e manifestações de religiosidade popular. Tese (doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

KELLER, Eugenio Dirceu. **A Igreja**: das origens ao Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006, p. 305.

LEHMANN, João Baptista. **Na Luz Perpétua**. Juiz de Fora – Minas, vol.1, 1928.

LIMA, Zelinda. **Romaria a São José de Ribamar**. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, n.20, 2001.

LISBOA, Lucinea G. 2016. **Histórias de pescadores**: o imaginário nas histórias do mar e igarapés de São José de Ribamar. Monografia (Graduação em História), Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

MARQUES, Cezar Augusto. Diccionario historico-geographico da província do Maranhão. Maranhão: Typ. do Frias, 1870.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa história**: 500 anos da presença da Igreja Católica no Brasil. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

MEGALE, Nilza Botelho. **O livro de ouro dos santos**: vidas e milagres dos santos mais venerados no Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MEIRELES, Mário M. **História do Maranhão**. 5. ed. São Luís: Edições AML, 2015.

MIRANDA, Antônio. **Tradição, lendas e história de São José de Ribamar**. São Luís, MA: Editora GT, 2023.

_____. Lenda de São José de Ribamar. São José de Ribamar – MA: Paróquia e Santuário de São José de Ribamar, 2015.

_____. **São José de Ribamar:** nossa história, nossa cultura e nossa gente. São Paulo. Cortez, 2009.

MONTENEGRO, A. T. **Travessias e desafios.** In: LAVERDI, Robson et al. História oral, desigualdades e diferenças. Recife: Editoria Universitária da UFPE; Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2012.

MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. 155-220p. In: SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil:** cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v.1.

PACHÊCO, Felipe Condurú. **História eclesiástica do Maranhão.** São Luís: Departamento de Cultura, 1968.

PESSANHA, Andrea Santos da Silva. **O Paiz e a Gazeta Nacional:** Imprensa republicana e abolição – Rio de Janeiro, 1884-1888. Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Ciencias Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

RAMOS, José Maria Guimarães. **Filho que é filho não abandona a mãe, e a mãe não abandona o filho:** testemunhos de milagres na devoção à Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará. Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **São José de Ribamar:** a cidade, o santo e sua gente. São Luís, 2001.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. **O poder dos Leigos:** Irmandades religiosas em São Luís no século XIX, mimeografado, São Luís, 2000.

RIBEIRO, Emanuela Sousa. Igreja **Católica e modernidade no Maranhão (1889-1922).** Dissertação Mestrado em História – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife, 2003.

SANTOS, Lyndon de Araújo. **As Outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira.** Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências e Letras da UNESP. Assis/SP, 2004.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **No entremeio dos mundos:** tessituras da morte da Rufina na tradição oral. Fortaleza: UECE, 2009.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma. In: Temporalidades, Belo Horizonte Vol. 2 n. 2 (ago. / dez. 2010).

SCHMITT, Jean-Claude. Imagens. In: LE GOFF, Jacques e. **Dicionário temático do Ocidente Medieval.** São Paulo: Edusc, 2006, v. II, p. 591-605

SEEMANN, Jörn. Cartografias culturais na Geografia Cultural: entre mapas da cultura e a cultura dos mapas. **Boletim Goiano de Geografia**, 21 (2): 61-82. Jul./dez. 2001. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/4214/3687>> Acesso em: 10 nov. 2022.

SIQUEIRA, Sonia A de. Religião e religiosidade: continente ou conteúdo?. In: Angelo Adriano Faria de Assis e Mabel Salgado Pereira (orgs.). **Religiões e Religiosidades**: entre a tradição e a modernidade. São Paulo: Paulinas 2010, p.143-157.

SILVA, Ana Ládía Conceição. **Falas de decadência, moralidade e ordem**: a “História do Maranhão” de Mario Martins Meireles. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, Kelly Karoline Noll da. **“Sangue e silêncio na mata virgem”**: a construção da santidade de Albertina Berkenbrok (1950 – 2008). 116 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação. Florianópolis, Santa Catarina, 2020.

SOARES, Hugo Ricardo. **A produção social do Santo**: um estudo do processo de beatificação do Padre Rodolfo Komóreck. Campinas, São Paulo, 2017.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SILVA, Antonio de Moraes. Bluteau, Rafael. Dicionário da língua portuguesa composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. 1. ed. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, MDCCLXXXIX [1789]. 2v.: v. 1: xxii, 752 p.; v. 2: 541 p.

SOUZA, Océlio Teixeira de. “A Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE) e o Processo de Romanização do Catolicismo Brasileiro (1928-1972)”. In: **EMBORNAL - revista eletrônica semestral da Associação Nacional de História** – secção Ceará (ANPUH-CE). Fortaleza: UECE, v. 2 n. 4, jul.-dez. 2011, p. 48-69.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular – Natal: IFRN, 2013.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Rio de Janeiro: Vozes, 1996

_____. **Peregrinações**: sentidos e práticas. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 16, n. 49, p. 10-13, 30 abr. 2018.

_____. Catolicismo e cultura. In: VALLA, Victor Vincent (Org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. Pluralismo, Modernidade e Tradição Transformações do campo religioso. In **Revista de Ciências Sociais e Religiões**. Porto Alegre: ano 3, n.3, p. 115-129 out. 2001.

VOVELE, Michel. **Ideologia e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TAVARES, Célia Cristina da Silva. **Entre a cruz e a espada**: jesuítas e a América portuguesa. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 1995.

WAQUIM, Carmina. **Ribamar**: Romance Folclórico. São Luís, 1953.

WILLEKE, Venâncio. Um santo conquista o Brasil. In: **Revista de Cultura Vozes**. Rio de Janeiro, 1962. Disponível em: <<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1959/1959-OrigemDevocaoSaoFranciscoChagasCaninde.pdf>> Acesso em: 12 de nov. 2022.

VARAZZE, Jacopo. **Legenda Áurea**. Vidas de Santos. Tradução do latim. Apresentação, notas e seleção iconográfica: Hilário Franco Júnior, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VAUCHEZ, André. Santidade. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987. v. 12.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003, p.7-72.

ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FONTES

LIVRO TOMBO da Paróquia de São José de Ribamar. Arquivo da Igreja São José de Ribamar.

Arquivo Público do Estado do Maranhão, Acervo da Arquidiocese do Maranhão, Documentos do século XX, Caixa 12: Diversos. Século XX, 1901 – 1960.

Jornais

O BANZEIRO, São José de Ribamar, Maranhão, nº13, ago. 1984.

O BANZEIRO, São José de Ribamar, Maranhão, nº13, ago. 1987.

O COMBATE, Maranhão, nº 00116, 29 abr. 1925. Arquivo Hemeroteca Nacional Digital

O ESTADO DO MARANHÃO, Maranhão, nº 11657, 17 mar. 1996.

O ESTADO DO MARANHÃO, Maranhão, nº 11862, 29 set. 1995.

O ESTADO DO MARANHÃO, Maranhão, nº 12817, 13 set. 1997.

O ESTADO DO MARANHÃO, Maranhão, nº 12818, 14 set. 1997.

O ESTADO DO MARANHÃO, Maranhão, nº 13174, 5 set. 1998.

O ESTADO DO MARANHÃO, Maranhão, nº 13904, 7 set. 2000.

O ESTADO DO MARANHÃO, Maranhão, nº 13915, 18 set. 2000.

O ESTADO DO MARANHÃO, Maranhão, nº 14263, 1 set. 2001.

O ESTADO DO MARANHÃO, Maranhão, nº 14272, 10 set. 2001.

JORNAL O ESTADO, Maranhão, nº 184, 22 ago. 1916.

JORNAL DO MARANHÃO, Maranhão, nº 94, ago. 2017.

JORNAL DO MARANHÃO, Maranhão, nº 157, ago. 2023.

O IMPARCIAL, Maranhão, nº 9204, 28 set. 1947.

O IMPARCIAL, Maranhão, nº 9203, 27 set. 1947.

O IMPARCIAL, Maranhão, nº 6704, 24 set. 1939.

PACOTILHA, Maranhão, nº 00153, 5 set. 1929. Arquivo Hemeroteca Nacional Digital.

PACOTILHA, Maranhão, nº 00118, 23 set. 1952. Arquivo Hemeroteca Nacional Digital.

Entrevistas

Entrevista realizada com M. M., concedida a Karla Larissa da Silva de Jesus, em 10 de fevereiro de 2024.

Entrevista realizada com M.D.S., concedida a Karla Larissa da Silva de Jesus, em 15 de julho de 2023.

Entrevista realizada com Antônio Miranda, concedida a Karla Larissa da Silva de Jesus, em 27 de julho de 2023.

Entrevista realizada com T.J.C.M., concedida a Karla Larissa da Silva de Jesus, em 29 de julho de 2023.

Entrevista realizada com E.S., concedida a Karla Larissa da Silva de Jesus, em 23 de setembro de 2023.

Entrevista realizada com A.S.C., concedida a Karla Larissa da Silva de Jesus, em 23 de setembro de 2023.

Entrevista realizada com N.P., concedida a Karla Larissa da Silva de Jesus, em 23 de setembro de 2023.

Entrevista realizada com L.B.F., concedida a Karla Larissa da Silva de Jesus, em 25 de setembro de 2022.

Entrevista realizada com P.B.P., concedida a Karla Larissa da Silva de Jesus, em 25 de setembro de 2022.

Entrevista realizada com S.T., concedida a Karla Larissa da Silva de Jesus, em 25 de setembro de 2022.

Entrevista realizada com Padre Gutenberg Sousa Feitosa, concedida a Karla Larissa da S. de Jesus, em 20 jul. 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE I: PADRES LAZARISTAS QUE ATUARAM NA PARÓQUIA

NOME	PERÍODO
Padre João Lemmen	1938 – 1965 1966 – 1984 (Leprosário e Sanatório)
Padre Geraldo Jacobs	1941
Padre Afonso de Graaff	1942
Padre Cornélio Veerman	1946 -1947
Pedro Nota	1947 – 1948
Padre Cornélio Bootsman	1948
Padre Leonardo Meuffels	1949 – 1954
Padre Jaime Driessen	1951 – 1953
Tiago Zwaethoed	1952 – 1961
Guilherme V.D Geest	1953 – 1954
Daniel Touw	1954
Arnoldo Konings	1954
Lourenço Soerboek	1954
Henrique Swillens	1954 – 1955
Guilherme Hermans	1955 – 1958
Theodoro Kehrens	1958 – 1959
Cornélio Olimeulen	1961 – 1963
João José Bervoets	1962 – 1964
Adriano Naalden	1965 – 1969 1973 – 1983
André Konings	1966 – 1971
Louís Adsil	1978
João Hennekam	1983 – 1984
Piercarlo Beltrando	1983 – 1985
Antonio Mika	1985
Martinho Reinders	1984 – 1991
Antonio Scharenborg	1961 – 1964 1987 – 1994
Lino Roelofs	1970 – 1994

Fonte: Adaptado do Livro Tombo da Paróquia de São José de Ribamar, 1994, p. 90-91.

APÊNDICE II: TERMO DE CONSENTIMENTO



PPGHisUFMA

Programa de Pós-Graduação em História e Ciências Afins: cultura e poder

Recomendado pela CAPES
 Aprovado pela Resolução 1792/2018 CONSUP-UFMA, de 30 nov. 2018
 Cidade Universitária – Av. dos Portugueses s/nº, Centro de Ciências Humanas,
 Bloco 1, Térreo, Sala B1-001.
 CEP 65080-580 – São Luís – MA | Fone: (0XX98) 3272-8361 / 3272-8392
 E-mail: ppghis@ufma.br | Site: www.ppghis.ufma.br



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____ autorizo, por meio deste termo, a pesquisadora **Karla Larissa da Silva de Jesus**, mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Maranhão, a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros para nenhuma das partes. Entendo que este estudo tem finalidade de pesquisa acadêmica, e que os dados obtidos serão divulgados para fins de pesquisa científica e publicados em seu trabalho.

Essa **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora em garantir os seguintes direitos:

- 1 - Poderei ler a transcrição da minha gravação;
- 2 - Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
- 3 - Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.
- 4 - Os dados coletados serão guardados sob responsabilidade da pesquisadora, coordenadora da pesquisa.
- 5 - Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.
- 6 - A pesquisadora estará à disposição para esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa.



PPGHIS|UFMA
Programa de Pós-Graduação em História
e Ciências Afins: cultura e poder

Recomendado pela CAPES

Aprovado pela Resolução 1792/2018 CONSULPL-UFMA, de 30 nov. 2018

Cidade Universitária – Av. dos Portugueses s/nº, Centro de Ciências Humanas,
Bloco 1, Térreo, Sala B1-001.

CEP 66085-580 – São Luís – MA | Fone: (0XX98) 3212-8391 / 3212-8392

E-mail: ppghis@ufma.br | Site: www.ppghis.ufma.br



Considerando o exposto, afirmo que fui devidamente esclarecido (a) e concedo meu consentimento para participar da pesquisa e para a divulgação dos resultados na Dissertação de Mestrado que será apresentada ao PPGHIS-UFMA.

São José de Ribamar _____ de _____ de _____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE III: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO BASE – ENTREVISTAS

1. DADOS DO ENTREVISTADO
Nome:
Idade:
Endereço do entrevistado (Estado e Cidade):
Telefones do entrevistado:
E-mail (Opcional):

2. RELAÇÃO DO ENTREVISTADO COM A FESTA/DEVOÇÃO
O senhor (a) é maranhense? Qual a sua profissão?
Qual a sua relação com São José? A devoção é de família?
Há quantos anos frequenta a festa?
Qual a relação e significado da Festa de São José de Ribamar para o senhor (a)?
O Santuário de São José de Ribamar representa o que para o senhor (a)? (Ex: um lugar de oração/penitência; atrativo turístico; possibilidades comerciais, etc).
Veio sozinho (a) ou acompanhado (a)?
O senhor (a) participa da novena e de todas romarias?
Qual o motivo da participação na romaria?
Como o senhor (a) vê a sua experiência na romaria?
Qual programação ou momentos e datas mais importantes da festa?
Quais as transformações percebidas na festa ao longo do tempo? Concorde ou discorda delas?

2. ENTREVISTADOS COM RELAÇÃO DIRETA COM A FESTA
Quais as principais pessoas envolvidas com a celebração?
Quais as origens e transformações da celebração ao longo do tempo?
Quais as principais etapas da celebração?
Quais estruturas e recursos necessários para realização da celebração: